



Universidade  
Estadual de  
Londrina

---

THALITA VITORELI COSTA

**ELEIÇÕES PARA O SENADO NO PARANÁ (1978):  
PROTAGONISMO DA RÁDIO ALVORADA AM**

---

LONDRINA  
2009

**THALITA VITORELI COSTA**

**ELEIÇÕES PARA O SENADO NO PARANÁ (1978):  
PROTAGONISMO DA RÁDIO ALVORADA AM**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Comunicação Social – Habilitação em  
Jornalismo, da Universidade Estadual  
de Londrina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Neme  
Buzalaf.

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Flávia Lúcia  
Bazan Bernalhok.

LONDRINA  
2009

**THALITA VITORELI COSTA**

**ELEIÇÕES PARA O SENADO NO PARANÁ (1978):  
PROTAGONISMO DA RÁDIO ALVORADA AM**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Comunicação Social – Habilitação em  
Jornalismo, da Universidade Estadual  
de Londrina.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Márcia Neme Buzalaf  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof<sup>o</sup>. Ms. Emerson dos Santos Dias  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof<sup>o</sup>. Ms. Ossamu Nonaka (Shoni)  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009

Dedico este trabalho à Deus,  
à minha família e amigos,  
e à memória do rádio...

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa a realização de uma etapa importante da minha vida. Concluir este curso é concretizar um sonho que desde menina eu alimento e que me dispus a alcançar há quatro anos. Certamente, essa etapa não seria possível não fossem pessoas tão importantes na minha vida que me incentivaram e acreditaram que seria possível. Pessoas que sonharam comigo.

Primeiramente, eu agradeço a Deus: *“Porque dEle e por Ele, e para Ele são todas as coisas.”* (Rm. 11:36). Agradeço especialmente à minha mãe, Suely Vitoreli. Mulher que é exemplo pra mim e que está sempre ao meu lado. Agradeço também ao meu pai, Tarcizio Freire da Costa, que mesmo distante, se manteve sempre a par desta pesquisa e me incentivou constantemente.

Com relação à orientação para esta pesquisa, posso dizer que sou privilegiada pois tive a ajuda de duas professoras muito competentes: Flávia Lúcia Bazan Bepalhok e Márcia Neme Buzalaf, que sempre acreditaram neste trabalho e me deram todo apoio necessário para sua realização. Obrigada por todas as correções, dicas, prazos e por permanecerem ao meu lado todo tempo. A “dobradinha” Radiojornalismo e História deu certo graças à ajuda de vocês.

Agradeço também aos professores e colegas de Curso que me ensinaram em quatro anos coisas que vou levar por toda vida, tanto pessoal quanto profissionalmente. Em especial, agradeço àqueles que mais que colegas, tornaram-se amigos: Cíntia Junges, Douglas Lopes, Léia Sabóia e Priscila Domingos. Agradeço também aos meus colegas de trabalho do Colégio Rina Francovig, especialmente Sueli de Fátima de Agostini e Marco Parazi, que entenderam o que esse trabalho representa pra mim e colaboraram sempre que necessário. Agradeço também aos meus amigos, os de longe e de perto, antigos e recentes. Pessoas que me ajudaram não só com palavras, mas também com atitudes.

Não posso deixar de agradecer, em especial, aos colaboradores entrevistados para este trabalho: Antonio Godoy, Cláudio Gameiro, Coutinho Mendes, Geraldo Rocha, Hideo Nakayama, Jair Gazolli, Ossamu Nonaka (Shoni) e Salvador Francisco. Sem vocês, este trabalho seria em vão. Vocês literalmente “tiraram do baú” uma história extremamente importante para o a memória do radiojornalismo.

*“A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, sabia que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.”*

**José Saramago**

COSTA, Thalita Vitoreli. **Eleições para o Senado no Paraná (1978): Protagonismo da Rádio Alvorada AM.** 183 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Universidade Estadual de Londrina, 2009.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo retomar a cobertura jornalística das eleições paranaenses de 1978 para o cargo de senador, feita pela rádio londrinense Alvorada AM. Tal cobertura pôs em evidência o papel protagonista do rádio em um momento em que se desconfiava de uma possível tentativa de manipulação de resultados. Os dados foram obtidos através da metodologia da história oral associada à análise documental. Como base teórica para este trabalho, optou-se por incluir momentos em que o protagonismo do rádio foi evidente na relação entre o veículo e a política brasileira, como por exemplo, o governo de Getúlio Vargas, a Revolução Constitucionalista de 1932 e a Rede da Legalidade. Esta pesquisa visa contribuir para a recuperação e documentação da história do radiojornalismo londrinense e para trazer à tona o potencial protagonista do rádio.

**Palavras-chave:** Radiojornalismo, Eleições de 1978, História Oral, Rádio Alvorada AM.

COSTA, Thalita Vitoreli. **Elections to the Senate in Paraná (1978): Leadership of Radio Alvorada AM.** 183 leaves. Conclusion Paper (Media - Lisence in Journalism) – State University of Londrina, 2009.

## **ABSTRACT**

This paper aims to resume coverage of the Parana 1978 Senator's elections made by Radio Alvorada AM of Londrina. Such coverage highlighted the radio's name in a suspicious time of a possible attempt to manipulate the results. The data were obtained through the oral history methodology associated with document analysis. Theoretical basis for this work, was chosen to include times when the radio worker was important in the relationship between the vehicle and the Brazilian policy, for example, the Getúlio Vargas government, the 1932 Constitutionalist Revolution and the Legality Network. This research aims to contribute to the recovery and radiojournalism history documentation and to elicit the potential star of radio worker.

**Keywords:** Radiojournalism, 1978 Elections, Oral History, Radio Alvorada AM.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Folha de Londrina</i> 02/11/1978.....	62
Figura 2 – <i>Folha de Londrina</i> 09/11/1978.....	63
Figura 3 – <i>Folha de Londrina</i> 16/11/1978.....	65
Figura 4 – <i>Folha de Londrina</i> 14/11/1978.....	73
Figura 5 – Modelo de cartão para digitação de dados.....	76
Figura 6 – <i>Folha de Londrina</i> 17/11/1978.....	79
Figura 7 – <i>Folha de Londrina</i> 17/11/1978.....	83
Figura 8 – <i>Folha de Londrina</i> 17/11/1978.....	84
Figura 9 – <i>Folha de Londrina</i> 16/11/1978.....	86
Figura 10 – <i>Folha de Londrina</i> 17/11/1978.....	87
Figura 11 – <i>Folha de Londrina</i> 18/11/1978.....	88
Figura 12 – <i>Folha de Londrina</i> 22/11/1978.....	90

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 – Votação para o Senado no Paraná.....	63
Gráfico 1 – Votação Local - Arena e MDB.....	64

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1. METODOLOGIA</b> .....	17
1.1 HISTÓRIA ORAL .....	17
1.1.1 REDE DE ENTREVISTADOS .....	24
1.2 ANÁLISE DOCUMENTAL .....	27
<b>2. O RÁDIO COMO PROTAGONISTA</b> .....	30
2.1 CARACTERÍSTICAS DO VEÍCULO .....	31
2.2 VARGAS E O RÁDIO.....	35
2.3 OUTROS MOMENTOS: FRAGMENTOS DA HISTÓRIA .....	46
<b>3. ELEIÇÕES DE 78: PROTAGONISMO DA RÁDIO ALVORADA.</b> .....	58
3.1 ASPECTOS POLÍTICOS, PARTIDOS E CANDIDATOS .....	58
3.2 ELEIÇÕES DE 1978 NO BRASIL E NO PARANÁ .....	61
3.3 RÁDIO ALVORADA AM – BREVE HISTÓRICO .....	66
3.4 COBERTURA DAS ELEIÇÕES DE 78 PELA RÁDIO ALVORADA .....	69
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	94
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	98
<b>APÊNDICES</b> .....	102
APÊNDICE A – TERMO DE CESSÃO.....	103

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA .....	104
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM OSSAMU NONAKA (SHONI) .....	105
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM HIDEO NAKAYAMA (1).....	121
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM COUTINHO MENDES .....	130
APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM HIDEO NAKAYAMA (2) .....	145
APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM CLÁUDIO GAMEIRO .....	150
APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM ANTONIO GODOY .....	157
APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM JAIR GAZOLLI .....	164
APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM SALVADOR FRANCISCO .....	169
APÊNDICE L – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM GERALDO ROCHA.....	175
<b>ANEXOS</b> .....	<b>180</b>
ANEXO A – CARTA TESTAMENTO DE GETÚLIO VARGAS .....	181
ANEXO B – CD: ENTREVISTAS E IMAGENS .....	183

## INTRODUÇÃO

*“Pequena caixinha que carreguei quando em fuga  
Para que suas válvulas não pifassem,  
Que levei de casa para o navio e o trem  
Para que os meus inimigos continuassem a falar-me  
Perto de minha cama, e para minha angústia,  
As últimas palavras da noite e as primeiras da manhã  
Sobre suas vitórias e sobre meus problemas  
- Prometa-me não ficar muda de repente.”*  
**Bertold Brecht**

Em meados dos anos quarenta a revista *Time*, publicação americana conhecida mundialmente, afirmou de forma taxativa que, cedo ou tarde, a tevê tornaria o rádio um veículo tão obsoleto quanto o transporte a cavalo. Hoje, quase setenta anos depois de tal afirmação, pode-se dizer: engano deles<sup>1</sup>.

A chegada da televisão ao Brasil, nos anos 50, levou muitos a acreditarem e a afirmarem o fim do rádio. De fato o rádio perdeu artistas, profissionais e poder de influência com a transferência de verbas publicitárias para o novo veículo e frente a essas mudanças, ele teve que se adaptar.

O rádio se adaptou, reviu seus conceitos e programação, mas não, ele não morreu. Sobre as inúmeras previsões acerca do futuro do rádio, Milton Jung (2004, p. 50) afirma que “a morte do veículo foi anunciada muitas vezes. Em nenhuma foi apresentado o atestado de óbito”. Pelo contrário, o que se vê ao longo da história é um veículo atuante com uma capacidade de protagonismo muito grande e que tem muita história pra contar.

E essa capacidade de protagonismo do rádio ficou ainda mais evidente quando tomou-se conhecimento da cobertura das eleições de 1978 para o Senado feita pela rádio londrinense Alvorada AM. Saber que uma emissora de cunho

---

<sup>1</sup> Afirmação registrada por Eduardo Meditsch em Palestra à Licenciatura em Jornalismo da Universidade de Coimbra, 9 de Novembro de 1995: Sete meias-verdades e um lamentável engano que prejudicam o entendimento da linguagem do radiojornalismo na era eletrônica. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-meias-verdades.html>>

religioso, relativamente pequena e inexpressiva, do interior do estado do Paraná, mostrou o poder do rádio, ainda sob a censura do período ditatorial, e, que movimentou as eleições de um estado inteiro é algo que impressiona e estimula uma pesquisa mais aprofundada.

Foi o professor do Departamento de Comunicação da UEL, Ossamu Nonaka, mais conhecido como Shoni, que compartilhou o fato com a professora de Radiojornalismo e co-orientadora desta pesquisa, Flavia Besspalhok, e trouxe à tona uma história até então esquecida e pouco documentada. Foi então que surgiu a ideia da realização de um trabalho como este.

O interesse pelo tema justifica-se, primeiramente, devido ao fascínio pelo veículo rádio, pelo seu papel protagonista neste episódio e também pela necessidade de se recuperar e preservar as histórias do radiojornalismo, tão esquecidas, fazendo com que as mesmas ocupem os lugares que merecidamente devem ocupar.

Uma vez conhecida brevemente a história da cobertura, partiu-se então para a pesquisa, leituras bibliográficas, coleta de dados e entrevistas com os participantes. O objetivo definido foi o de tornar conhecida e registrar uma história de extrema importância para o radiojornalismo que, antes, esteve apenas na memória de seus participantes.

É importante que se esclareça que, por ser esta uma pesquisa exploratória, ou seja, um estudo preliminar que visa explorar as variáveis de um fato, a intenção aqui não é a de analisar o fato em si, mas sim reconstruí-lo, recontá-lo e documentá-lo. O objetivo foi ouvir o maior número de participantes possível na tentativa de esclarecer o episódio e registrar a memória de seus participantes.

Portanto, para cumprir com o objetivo proposto inicialmente, utilizou-se a metodologia da história oral associada à análise documental, uma vez que tais ferramentas acadêmicas mostraram-se eficazes para este tipo de pesquisa. A adoção de mais de uma metodologia justifica-se também pelo fato de ambas serem complementares e favorecerem o alcance dos resultados esperados.

É necessário frisar que a importância dada à metodologia neste trabalho justifica-se pelo fato de que deve ser ela a conduzir o desenvolvimento do trabalho e não o contrário, até por isso as leituras sobre a metodologia foram as

primeiras a serem feitas. Pode-se dizer que, tanto a história oral, quanto a análise documental deram, de fato, base para esta pesquisa. Isso explica a escolha de dedicar o primeiro capítulo do trabalho exclusivamente às mesmas.

O segundo capítulo está destinado à relação estabelecida entre o rádio e alguns momentos da política nacional. Isso não significa dizer que o veículo não atuou de forma marcante em outros setores da história do Brasil. Certamente, a cobertura radiofônica participou de muitos outros momentos. Entretanto, a intenção foi delimitar a abordagem para a questão da política uma vez que o fato que pretende-se recontar aqui tem ligação direta com a política do país. Neste capítulo também, são apresentadas algumas das características mais marcantes do veículo, visto que sem elas o protagonismo do rádio seria impossível.

Dentre os episódios abordados no capítulo dois, foi dado mais destaque para a relação entre Getúlio Vargas e o rádio. Isso explica-se pelo fato dessa relação ter sido precursora, intensa e constante ao longo dos anos em que Vargas esteve no poder. Acredita-se que Getúlio Vargas foi o primeiro governante brasileiro a utilizar-se do rádio para fins políticos e, portanto essa relação não poderia ter sido deixada de lado. É também no capítulo dois que foram abordados, dessa vez de forma mais sucinta e sem entrar em muitos detalhes históricos, momentos em que o rádio também atuou de forma protagonista até o ano de 1978, como por exemplo, na Revolução Constitucionalista de 1932 e na Rede da Legalidade de 1961, com Leonel Brizolla. Com base nas pesquisas feitas para este trabalho, chegou-se a conclusão de que estes dois fatos foram episódios nos quais o rádio teve um papel protagonista muito forte. Isso não significa dizer que não existam outros momentos. Há ainda muitas histórias, e esses episódios são apenas fragmentos da história do radiojornalismo brasileiro, tanto que o tópico destinado para eles denomina-se: *Outros Momentos: Fragmentos da História.*

O capítulo três é, finalmente, destinado ao objeto de estudo em si. Primeiramente, no intuito de dar base e favorecer a compreensão do contexto em que se deu a cobertura, é feita uma explicação dos aspectos políticos que permeiam a época estudada. A abordagem diz respeito ao sistema partidário, aos partidos existentes e aos candidatos concorrentes ao cargo e as eleições de 1978 no Brasil e no Paraná. Após esta explicação, um breve histórico da Rádio Alvorada é apresentado para então chegar-se até o último tópico do trabalho, denominado

*Cobertura das Eleições de 78 pela Rádio Alvorada*, que reconta e documenta, com base nos depoimentos dos entrevistados e nos documentos encontrados<sup>2</sup>, o esquema montado pela Rádio Alvorada para a cobertura das eleições de senador do ano de 1978.

Este foi o percurso escolhido e traçado por esta pesquisa afim de trazer à luz um fato de extrema importância para o radiojornalismo londrinense. Acredita-se que a documentação deste episódio contribui significativamente para a recuperação da memória do rádio, bem como estimula novas possibilidades de pesquisa.

---

<sup>2</sup> A transcrição de todo os depoimentos coletados encontram-se nos apêndices do trabalho. As gravações e imagens/ documentos estão no CD que o acompanha.

## **1. METODOLOGIA**

O fato de a comunicação ser uma área interdisciplinar e abrangente influencia, também, a opção metodológica para produções de cunho científico. Essa interdisciplinaridade presente no campo da comunicação torna possível a utilização de diversas técnicas, mesmo que as mesmas sejam peculiares a outras áreas do conhecimento, como apoio para pesquisas exploratórias. Segundo a pesquisadora Maria Immacolata Lopes “[...] a comunicação, que por natureza deve recorrer a vários níveis, não teria um só método apropriado” (in MOREIRA, 2005, p.270).

Portanto, optou-se neste trabalho pela utilização de dois métodos da historiografia a fim de qualificar a pesquisa da melhor forma possível e dar à mesma o rigor, amplitude e especificidade necessários aos estudos científicos (MOREIRA, 2005, p. 271). Dentre as opções metodológicas destinadas a uma pesquisa de comunicação, utiliza-se aqui a história oral e a análise documental.

Tais técnicas de investigação são utilizadas simultaneamente na condução deste trabalho, visto que nenhuma técnica em si é completa e a combinação desses métodos é uma estratégia que torna a pesquisa mais confiável. Segundo o historiador Peter Burke (1992), a respeito das evidências orais e documentais, a história dever ser “[...] escrita com evidência acumulada de uma pessoa viva, de preferência àquela de um documento escrito.” (1992, p. 163). Além disso, deve-se analisar as variadas documentações de um fato: “Algumas evidências são visuais, outras orais. Há também evidências estatísticas: dados comerciais, dados populacionais, dados eleitorais.” (BURKE, 1992, p. 14). E, para compreender e relacionar essas mais diversas evidências, optou-se pela junção da história oral e análise documental visando o registro da memória e dos documentos de um período importante para a história política.

### **1.1 HISTÓRIA ORAL**

A história oral é atualmente considerada um recurso moderno, utilizado na elaboração de documentos, arquivamento e sistematização de estudos que se referem a experiências pessoais – sejam elas coletivas ou individuais. Esta

metodologia é utilizada por vários campos do conhecimento, inclusive pela comunicação, e tem se mostrado bastante promissora na realização de pesquisas de cunho científico:

O método da história oral é utilizado também por muitos estudiosos, particularmente sociólogos e antropólogos que não se consideram historiadores orais. O mesmo se dá com jornalistas. Contudo todos eles podem estar escrevendo história oral; e sem dúvida estão provendo a história. (THOMPSON, 2002, p. 104)

Mas, antes de ser considerado esse recurso moderno e atingir o patamar de método científico que possui atualmente, a história oral passou por algumas etapas de amadurecimento até alcançar o que José Carlos Sebe Bom Meihy, pesquisador brasileiro, denomina *moderna história oral* (2002). Para compreendê-la, é necessário caminhar, brevemente, pela chamada “*pré-história da história oral*” - termo também cunhado por Meihy.

Esta *pré-história* a qual se faz referência inicia-se em um passado um tanto quanto remoto. As primeiras ocorrências de registros dos relatos pessoais deram-se há mais de três milênios na China, quando os escribas coletaram histórias de determinado povo da época. Na chamada Antiguidade Clássica, período que vai do século VIII a.C ao século V d.C, Heródoto – considerado um dos primeiros historiadores – foi quem defendeu a participação pessoal e o testemunho como bases para descrever a realidade. É interessante notar que, na Grécia, a palavra história significava “aquele que viu ou testemunhou um fato”. Isso mostra que, já nessa época, era dado valor considerável a uma história que era testemunhal.

Outros historiadores da época foram mais além. Um exemplo é Tucídides, que incentivou o exame da realidade através da combinação de testemunho e outras fontes prévias. Hoje, chama-se essa combinação de *história oral híbrida*. Tucídides antecipou um método muito usado nos dias de hoje, onde tudo que concorre para o esclarecimento de um fato tem igual valor. Tanto evidências orais, textuais e iconográficas cooperam para dar clareza a um fato. Neste trabalho, optou-se por esse método híbrido para a pesquisa: a combinação da oralidade com os recursos documentais.

Apesar das evoluções que essa história oral primária sofreu, não se

pode negar que ela ainda era precária. Não existiam muitos critérios quanto à coleta de dados, sistematização e os recursos tecnológicos eram escassos.

Entre os anos de 1918 e 1920, foi iniciado, na Escola de Sociologia de Chicago, um processo onde se definiram algumas regras que visavam dar mais credibilidade às histórias de vida. Essa experiência pode ser considerada um dos primeiros passos da moderna história oral. Mas, foi somente no ano de 1948, na Universidade de Columbia, que o termo foi oficializado significando uma nova postura em face à formulação e difusão de entrevistas. A combinação dos avanços tecnológicos da época e a necessidade de captar as experiências vividas por combatentes, familiares e vítimas da Segunda Guerra Mundial motivaram essa nova postura:

A moderna história oral nasceu quando se combinaram: a necessidade de narrativa de experiências de pessoas, os avanços dos meios de comunicação e sua ampliação depois do Fim da Segunda Guerra Mundial. (Ronald J. Grele in MEIHY, 2002, p. 88)

Portanto, foi essa convergência de fatores que favoreceu o surgimento da *moderna história oral*. Foi a partir dessa experiência na Universidade de Columbia que os procedimentos passaram a ser minimamente discutidos - ganhando caráter científico - e onde se incluiu o auxílio de equipamentos eletrônicos:

Houve, porém um momento em que essas narrativas ganharam caráter 'científico' ou 'histórico'. Isso se deu quando foram sistematizados os argumentos, arranjados metodicamente, equipados uns aos outros em diálogo continuado e cumulativo assumidos profissionalmente. (MEIHY, 2002, p. 88)

Apesar de todo esse processo de amadurecimento, ainda é comum ouvir que a história oral é tão antiga quanto a própria história, uma vez que a mesma passa, antes de tudo, por etapas narrativas ou por outras formas de oralidade. Não há dúvidas quanto ao fato de que as etapas narrativas realmente precedem a história, mas não se pode reduzir a história oral a meras narrativas dissociadas e sem objetivo. Ou seja, nem toda narrativa pode ser considerada uma experiência de história oral. Por isso, o objetivo deste trabalho não é entender que a história é

narrada antes de ser escrita, mas, sim, sistematizar essa história narrada e torná-la pública, fazendo valer dessa forma o caráter científico da *moderna história oral*.

Dessa maneira levou-se também em conta as ideias defendidas por Thompson a respeito da importância social da história oral: “Toda comunidade carrega dentro de si um história multifacetada de trabalho, vida familiar e relações sociais à espera de alguém que a traga para fora” (THOMPSON, 2002, p. 127)

E foi com a intenção de tornar essa história acessível que optou-se por seguir as orientações de Meihy (2002) quanto à elaboração de um projeto estruturado, com objetivos definidos e procedimentos determinados, conforme define o *Manual de História Oral*:

Ainda que muitos se valham do conceito da história oral para qualquer forma de entrevista, modernamente ela só é assim considerada se decorrente de um **projeto** que reconheça sua intenção, determine os procedimentos e a devolução pública dos resultados. (MEIHY, 2002, p. 89, grifo nosso)

Sobre esse assunto, Thompson (2002) complementa: “é importante que se escolha um assunto que seja relevante para as questões históricas mais amplas, bem como que seja um tema suficientemente definido e localizado”.

Nesse sentido, é importante abordar também as três modalidades de história oral existentes e a opção utilizada nesta pesquisa. Segundo Meihy (2002) a história oral pode ser subdividida em *história oral de vida*, *história oral temática* e *tradição oral*. A *história oral de vida* é aquela em que o enfoque é na narrativa das experiências de uma pessoa. No caso da *história oral temática*, a atenção volta-se para o esclarecimento de algum evento definido. E a terceira subdivisão, *tradição oral*, centraliza-se no estudo de lendas, mitos e costumes oralmente perpetuados.

Nesta pesquisa, adotou-se a modalidade de *história oral temática*, uma vez que a mesma centraliza-se em um evento definido e está voltada a recontá-lo através das experiências dos protagonistas.

No caso deste trabalho, o objetivo definido foi o de tornar conhecida uma história que, antes, esteve apenas na memória de seus protagonistas: a cobertura da Rádio Alvorada nas eleições de 1978. E para cumprir com esse

objetivo, optou-se pelos métodos da história oral, utilizando a gravação de entrevistas com os protagonistas dessa história, transcrição do material obtido para, posteriormente, registrar esse fato de extrema importância para o jornalismo londrinense. Isso significa dizer que não se considerou a história oral como qualquer narrativa dissociada, mas sim, com objetivos claros quanto ao uso dessa metodologia sempre levando em conta o que propõe Meihy (2002).

Apesar da eficácia comprovada da história oral, muitos historiadores ainda a vêem como receio e tecem inúmeras críticas no que diz respeito à sua credibilidade metodológica:

Para alguns historiadores tradicionais os depoimentos orais são tidos como fontes subjetivas por nutrirem-se da memória individual, que às vezes pode ser falível e fantasiosa. No entanto a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas ou visuais. (THOMPSON, 2002, p. 18)

Nenhum método é por si só completo e perfeito e em todos eles a presença de certa subjetividade é inevitável. Vale lembrar que a história “oficial” também tem falhas: “notáveis são as lacunas na apresentação pública da história” (THOMPSON, 2002, p. 21):

O mérito da história oral não é o de trazer em si, necessariamente, esta ou aquela postura política, mas sim o de levar os historiadores a tomarem consciência de que sua atividade se exerce, inevitavelmente dentro de um contexto social e que tem implicações políticas. (THOMPSON, 2002, p. 10)

É importante considerar também que “[...] a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si” (MEIHY, 2002, p. 50). Isso, inevitavelmente, também acontece com a história oficial. Portanto, o objetivo não é colocar a versão de fatos como verdades absolutas, mas sim trazê-las à tona:

[...] as estatísticas sociais não representam fatos absolutos mais do que notícias de jornais, cartas privadas, ou biografias publicadas. Do mesmo modo que o material de entrevistas gravadas, todos eles representam [...] a percepção social dos fatos; além disso, estão todos sujeitos a pressões sociais do contexto em que são obtidos. (THOMPSON, 2002, p. 145)

A história oral não tem como objetivo tornar as versões de um fato verdades absolutas, mas visa buscar o máximo de realidade possível:

Mesmo considerando que ela é narrativa de uma versão do fato, pretende-se que a história oral temática busque a verdade de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma versão discutível ou contestatória. (MEIHY, 2002, p. 146)

Além disso, se deve considerar o fato da história oral promover o acesso a uma diversidade de pontos de vista: “A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original dos pontos de vista” (THOMPSON, 2002, p.25).

Outro ponto importante está no fato de a história oral responder a um sentido de utilidade prática, pública e imediata (MEIHY, 2002, p. 14). Como alternativa ampla e plausível, destacada do exclusivismo acadêmico, essa metodologia se apoia exatamente na adesão de pessoas atentas a pensar a vida social em sentido público. Meihy afirma que “[...] Não há a historia oral sem o interesse da coletividade” (2002, p. 90).

Esse caráter público e coletivo da história oral vai ao encontro com a visão defendida por Thompson quando ele afirma que: “as possibilidades mais ricas para a história oral se encontram no desenvolvimento de uma história mais socialmente consciente e democrática” (2002, p. 10).

Outro ponto importante diz respeito à mesma dar credibilidade a fontes tidas pela história oficial como desnecessárias: “[...] por meio da história oral, a comunidade pode e deve merecer confiança para escrever a sua própria historia” (THOMPSON, 2002, p. 38).

Segundo Walter Benjamin (in THOMPSON, 2002, p. 19), qualquer pessoa pode ser considerada uma personagem histórica, ou seja, as experiências dos seres humanos de um modo geral podem sim basear a escrita da história: “[...] a experiência de vida das pessoas de todo tipo pode ser utilizada como matéria prima – a história ganhando uma nova dimensão”. (THOMPSON, 2002, p. 25).

Nesse contexto, pode-se considerar a História Oral como parte

integrante do que o pesquisador Peter Burke chama de Nova História – uma história vista através de outras perspectivas e diferentes métodos possíveis:

A História Oral possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. Permite construir a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, mediante suas referências e também seu imaginário. (1992, p. 18)

É importante abordar também a questão da condução de entrevistas, uma vez que elas são as bases que consolidaram este estudo. A entrevista é um momento importante de busca de informações e o entrevistador deve estar preparado:

[...] o entrevistador bem sucedido deve possuir: interesse e respeito pelo outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. (THOMPSON, 2002, p. 254)

Antes do processo de entrevistas, optou-se por seguir as orientações de Thompson quanto à preparação do entrevistado. Leituras, pesquisas exploratórias e junção de informações básicas sobre o fato foram realizadas. Além disso, procurou-se ter sempre em mente o objetivo da entrevista que é: “revelar as fontes do viés, fundamentais para a compreensão social” (2002, p. 258).

Uma entrevista pode ser dividida basicamente em três formas: com roteiro pré-estabelecido, com liberdade para o entrevistado falar o que quiser sem perguntas definidas ou como defende Thompson (1998, p. 158), mesclando as duas formas anteriores: “estimulando o informante a expressar-se livremente, mas introduzindo gradativamente um conjunto padronizado de perguntas”. A maneira defendida por Thompson foi a escolhida para a realização das entrevistas neste trabalho. Depois da elaboração de um roteiro indireto e dedutivo (MEIHY, 2002, p. 146) que proporcionasse uma contextualização dos fatos<sup>3</sup>, seguiu-se a recomendação de Thompson sobre priorizar perguntas simples e em linguagem

---

<sup>3</sup> Roteiro para Entrevistas disponível nos apêndices do trabalho.

comum. É importante frisar que este roteiro era adaptável e não representava uma amarra na condução das entrevistas, sendo apenas um norteador das mesmas.

Com relação à escolha dos entrevistados, Meihy afirma que “deve-se ter em conta que todos os depoimentos são válidos, conforme o projeto e independentemente de classe social, status ou relevância pública do colaborados.” (MEIHY, 2002, p. 123). Essa orientação foi seguida por esta pesquisa que buscou, além dos repórteres e coordenador do projeto, ao menos um participante do episódio nas mais variadas formas: contador, locutor, operador de áudio e técnico de informática da empresa Exactus.

Sobre o número dos entrevistados, novamente a recomendação de Meihy foi importante, quando afirma que o número dos entrevistados não deve ser maior que o necessário e orienta:

Alguns autores aplicam à história oral uma lei comum na matemática: a regra dos chamados “rendimento decrescentes”. Quando um determinado argumento começa a se tornar repetitivo, as indicações a ser as mesmas, significa que está na hora de acabar com a iniciativa. (MEIHY, 2002, p. 124)

Isso não significa que não haja mais o que se dizer, nem que os detalhes característicos de cada entrevista sejam menosprezados, uma vez que eles são de extrema importância para a pesquisa, mas que chegou-se ao ponto de saturação. A intenção é deixar claro que os fatos mais marcantes da cobertura foram se repetindo no decorrer das entrevistas, o que pode ser considerado um sinal que favorece a veracidade e credibilidade da história que este trabalho reconta.

### **1.1.1 REDE DE ENTREVISTADOS**

A rede de entrevistados<sup>4</sup> foi estabelecida com oito pessoas, sendo três repórteres (Shoni, Jair Gazoli e Salvador Francisco), um técnico de áudio (Geraldo Rocha), um locutor (Antonio Godoy), um contador (Hideo Nakayama), um técnico de informática da Exactus (Cláudio Gameiro) e o próprio coordenador da

---

<sup>4</sup> A transcrição de todas as entrevistas está disponível nos apêndices deste trabalho.

cobertura (Coutinho Mendes). Foram feitas um total de nove entrevistas, uma vez que Hideo Nakayama, contador na cobertura, solicitou uma nova entrevista explicando que, como já havia trabalhado em outras eleições, possivelmente estaria confundindo alguns fatos.

O primeiro entrevistado foi o então repórter Shoni, uma vez que foi por ele que tomou-se conhecimento da história desta cobertura. Foi através dele que estabeleceu-se a colônia/ rede, ou seja, o grupo de entrevistados que tinham relação ao objeto da pesquisa.

No decorrer das entrevistas, foram surgindo nomes de pessoas que, na memória dos entrevistados, possivelmente, teriam participado da cobertura como: Nalu Lourençon, Eugênia Chaiber e Nilson Monteiro. Entrou-se em contato com essas pessoas, mas a informação que se obteve foi a de que elas trabalharam no departamento de jornalismo montado na Rádio Alvorada após 1978. Há também os que faleceram, como é o caso de Nelo Lainetti, Paulinho Fernandes e Nice Carbonieri.

Para o assunto referente ao uso do computador na cobertura, os entrevistados sugeriram o contato com Romeo Dematte Junior, um dos sócios da Exactus. Ao entrar em contato com a empresa, a secretaria informou que o Dematte Junior não poderia atender, mas que Cláudio Gameiro, outro diretor da Exactus, concederia a entrevista. Na conversa que antecedeu à gravação, Gameiro chegou à conclusão de que sua participação se deu em outra cobertura de eleições. Foi solicitado então que ele falasse a respeito do uso do computador na cobertura de eleições de um modo geral, não especificamente daquela do ano de 1978. Posteriormente tentou-se novamente contato com o Dematte Junior, não sendo possível a realização da entrevista por recusa do entrevistado.

Em pesquisas feitas pela internet, descobriu-se que o padre Trajano Horta, diretor da emissora na época da cobertura, está na cidade de Caetés, em Pernambuco. Os correspondentes de outros Estados que também participaram em 1978, Germano de Oliveira (*O Estado de São Paulo*) e Joel Sampaio (*O Globo*), continuam em São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente. Edson Gradia, repórter em 1978, fixou residência em Curitiba. Não foi possível estabelecer contato com Alceu Moraes, um dos repórteres na cobertura, mas segundo um dos entrevistados

ele não está mais na cidade de Londrina.

Uma vez que este é um trabalho de conclusão de curso que dispõe de menos de seis meses para sua realização, optou-se por não entrevistar as pessoas que estão fora de Londrina, considerando que a metodologia da história oral orienta que as entrevistas sejam feitas pessoalmente.

Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente, nos locais escolhidos pelos entrevistados, e gravadas, com o consentimento do entrevistado, através de um gravador digital. Utilizou-se também um microfone de lapela conectado ao gravador para facilitar a compreensão das entrevistas para uma posterior transcrição. Optou-se pela gravação uma vez que “todas as palavras empregadas estão ali exatamente como foram faladas; e a elas se somam pistas sociais, as nuances da incerteza, do humor ou do fingimento, bem como a textura do dialeto” (THOMPSON, 1998, p. 146).

Ao final de cada entrevista, os entrevistados assinaram um termo de cessão<sup>5</sup> que garante o direito da entrevista ao pesquisador. Essa opção foi baseada na linha defendida por Meihy que afirma que: “toda entrevista, depois de acabada, deve ter um duplo termo de cessão assinados pelo depoente” (2002, p. 175).

Depois das entrevistas gravadas, foi feita a etapa da transcrição do material. Neste processo, seguiu-se as orientações de Thompson quanto ao uso adequado da pontuação, não seguindo regras gramaticais, mas procurando indicar pausas e apontando alterações de ritmo ou timbre, risos e gestos significativos.

Estima-se que para cada hora de gravação pelo menos seis horas para a transcrição são necessárias. Por isso, essa etapa pode ser considerada a que consumiu bastante tempo do pesquisador, mas que foi de extrema importância. Vale lembrar que seguiu-se a recomendação de Thompson (1998, p. 292) quando orienta que o próprio entrevistador é quem deve transcrever a entrevista pra garantir mais precisão.

Portanto, neste trabalho, importa mais o modo como a informação é utilizada do que se ela vem num texto escrito ou numa gravação: “[...] o papel da evidência oral é [...] complementar ou suplementar na reinterpretação de documentos e no preenchimento de suas lacunas e fraquezas” (THOMPSON, 2002, p. 177).

---

<sup>5</sup> Termo de Cessão disponível nos apêndices do trabalho.

Partindo deste princípio, o outro método utilizado para a realização desta pesquisa é a análise documental, discutida no próximo tópico.

## 1.2 ANÁLISE DOCUMENTAL

Segundo o dicionário Aurélio documento é uma palavra de origem latina que, dentre outros significados, quer dizer: “aquilo que serve de exemplo ou prova”. A análise documental nada mais é que a identificação, verificação e apreciação destes documentos – sejam eles escritos, iconográficos, sonoros ou digitais (MOREIRA, 2005, p. 271). Ela descreve e representa os documentos de maneira unificada e sistemática. Saint-Georges (1997, p. 30) considera que: “a pesquisa documental apresenta-se como um método de recolha e de verificação de dados: visa o acesso às fontes pertinentes, escritas ou não, e, a esse título, faz parte integrante da heurística da investigação”.

Sobre o uso dessa metodologia de pesquisa na comunicação, a jornalista e pesquisadora Sonia Virginia Moreira afirma que: “o recurso da análise documental costuma ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos” (2005, p 270). Visto que o objetivo deste trabalho é o de resgatar a história de um evento definido através dos personagens que dele participaram, esta ferramenta de pesquisa mostra-se como um recurso importante.

Segundo Moreira (2005), a análise documental pode ser classificada como quantitativa e qualitativa. As pesquisas documentais quantitativas visam levantar a quantidade de informação em determinado contexto. No caso das pesquisas qualitativas, como é o caso desta, a intenção é verificar o teor e o conteúdo do material selecionado ao invés de identificar a quantidade de informações sobre o tema.

Os documentos podem ser constituídos por fontes primárias e secundárias. Fontes primárias são aquelas que não tem interferência de terceiros. São exemplos, os documentos oficiais, escritos pessoais e cartas particulares. Já as fontes secundárias são conhecimentos, dados ou informações já reunidos ou organizados. A mídia impressa, eletrônica e os relatórios técnicos são exemplos de fontes secundárias. Nesta pesquisa, utiliza-se as fontes secundárias como base para

a reconstrução do fato.

As fontes da análise documental devem ser procuradas, segundo MOREIRA, em bibliotecas públicas, centros de pesquisa, centros de documentação, arquivos públicos, museus que abrigam acervo de mídia, acervos dos próprios veículos de comunicação e bibliotecas universitárias. Sobre o assunto, Pimentel (2001, p. 2) acrescenta:

[...] trata-se de um processo de garimpagem; se as categorias de análise dependem dos documentos, eles precisam ser encontrados, extraídos das prateleiras, receber um tratamento que, orientado pelo problema proposto pela pesquisa, estabeleça a montagem das peças, como num quebra-cabeça.

Para a realização deste trabalho, a consulta ao material foi feita no acervo da própria *Folha de Londrina*<sup>6</sup>. É importante dizer que a *Folha de Londrina* era o único jornal na cidade em 1978 e é exatamente por isso que a análise foi feita em documentos encontrados somente neste veículo. Visto que a eleição ocorreu no dia 15 de novembro, definiu-se como período de consulta todas as edições do mês de novembro. Como não era permitido escanear o material coletado, a solução foi fotografá-lo.

Um ponto importante a respeito da análise documental diz respeito ao processo de análise do material coletado. Como foi dito anteriormente, essa pesquisa segue a análise documental qualitativa, ou seja, prioriza o teor do material. Portanto, um processo de decodificação, interpretação e inferência sobre as informações é essencial:

A Análise Documental, muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, sons e imagens, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue, dessa maneira, introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos. (MOREIRA, 2005, p. 276)

Esse processo é conhecido como análise crítica do material e,

---

<sup>6</sup> A consulta ao material da *Folha de Londrina* foi realizada no dia 24 de agosto de 2009 na sede da empresa.

segundo MOREIRA, “constitui importante fio condutor para a memória de eventos, pessoas e contextos” (2005, p. 274).

Mesmo que a pesquisa esteja direcionada a um objeto específico – neste caso, eleições para o Senado no ano de 1978 – não se pode negligenciar o contexto em que esse evento ocorreu. Compreender a forma de organização da sociedade na época, o envolvimento dos partidos que concorriam às eleições e o contexto histórico foram recomendações seguidas nesta pesquisa:

Além da pesquisa do objeto específico faz-se necessária a apuração paralela e simultânea de informações que complementem os dados coletados. A contextualização é imperativa para o pesquisador. (MOREIRA, 2005, p. 275)

Agora, que os métodos utilizados para a realização desta pesquisa já foram explicitados, o próximo capítulo será dedicado a uma retomada dos momentos históricos em que o rádio teve presença marcante.

## 2. O RÁDIO COMO PROTAGONISTA

Segundo Lia Calabre (2006, p. 10) “o rádio desempenhou diferentes papéis, em momentos históricos diversos, servindo desde como veículo de puro entretenimento [...] até como lugar de resistência e de embates políticos.” Gisela Ortrivano (2002), situando o rádio na história do país, faz um apanhado do protagonismo do rádio da seguinte forma:

[...] o rádio participou de todos os movimentos da vida brasileira. Ajudou a derrubar a República Velha, participou da Revolução de 32, fez extensos noticiosos sobre a Segunda Guerra Mundial. Desempenhou importante papel no Golpe Militar de 64, participou ativamente da redemocratização durante a Nova República e, pouco depois, fez ecoar país afora o processo de impeachment de um presidente da República. Os políticos sempre souberam reconhecer sua importância nas campanhas eleitorais e, na corrida presidencial de 2002, quando o povo depositou suas esperanças em um novo perfil administrativo, não foi diferente. (Revista USP, nº 56, p. 68)

Apesar de o veículo ter importância na história do Brasil em todos os setores, e ser, também, um meio de entretenimento, optou-se em enfatizar a questão política. O objetivo principal deste capítulo é tornar clara a forma como o rádio foi utilizado como estratégia e meio de transmissão da mensagem utilizando, para esta explicação, exemplos da história política brasileira que antecederam o ano de 1978.

Os momentos históricos são parte do trabalho na intenção de evidenciar o protagonismo do rádio na política brasileira. De certa maneira, eles atuam como um referencial teórico desta pesquisa, uma vez que o evento que o trabalho pretende reconstruir – as eleições para senadores em 1978 – também é parte desse protagonismo do rádio no que diz respeito à política.

É importante frisar que esse capítulo não se destina a analisar e explicar os acontecimentos históricos em si, visto que esta não é uma pesquisa historiográfica. A intenção é estabelecer a relação entre rádio e política brasileira.

Antes de retomar essa relação, porém, é necessário compreender as principais características do veículo que atuaram de forma determinante para seu

protagonismo. O próximo tópico explora as principais características do rádio.

## 2.1 CARACTERÍSTICAS DO RÁDIO

As características específicas do rádio foram, e continuam sendo, determinantes para seu protagonismo. Emilio Prado (1989) sintetizou a especificidade do rádio afirmando que ele: “[...] é o sistema de distribuição de mensagens mais extenso, ágil e barato com que conta a sociedade atual” (p.15). Extensão, agilidade e baixo custo são consideradas características muito importantes do veículo, mas além delas pode-se acrescentar outras que são determinantes para o protagonismo do mesmo, como por exemplo: mobilidade emissor e receptor, imediatismo, ubiquidade, oralidade, regionalismo e sensorialidade.

Em relação a todos os outros meios de comunicação, o rádio é o que tem mais baixo custo: “para captar as emissões, basta um simples receptor transistorizado” (FERRARETO, 2000, p 32). É em decorrência desse baixo custo que alcança uma parcela muito significativa da população. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios, realizada pelo IBGE em 2008, 88,9% dos domicílios brasileiros são equipados com rádio.

Pode-se dizer que o rádio tem grande extensão na medida em que seu alcance quantitativo é diretamente proporcional à facilidade com que o receptor da mensagem tem contato com o veículo. Por conta de seu baixo custo, o recebimento da mensagem é favorecido e ampliado, colaborando, assim, com a popularização e extensão do veículo.

Outra característica significativa é o fato do rádio ser um veículo de grande penetração no que diz respeito ao raio de alcance geográfico: “atinge uma área enorme, somente limitada pela potência dos transmissores e pela legislação” (FERRARETO, 2000, p. 31). Segundo Ortriwano (1985, p.45), “[...] em termos geográficos, o rádio é o mais abrangente dos meios, podendo chegar aos pontos mais remotos e ser considerado de alcance nacional”.

Soma-se a isso o fato do transistor ter tornado o rádio livre de fios e tomadas, o que possibilita a mobilidade do receptor. Ortriwano (1985, p. 81) afirma

que o rádio “deixou de ser meio de recepção coletiva [...] hoje está em todo lugar [...] seu tamanho diminuto torna-o facilmente transportável, permitindo inclusive, recepção individualizada”. A mobilidade do receptor está presente no fato de as pessoas receberem a mensagem radiofônica em qualquer lugar que estejam – no carro, no trabalho, em casa, no celular – sem a interferência de fios e com mais autonomia em relação aos outros veículos.

Outro fator que interfere na questão da extensão e penetração do veículo é a modulação utilizada, ou seja, o processo no qual a transmissão é realizada por uma determinada amplitude de onda eletromagnética. No rádio, a modulação é dividida em Amplitude Modulada (AM) e Frequência Modulada (FM). As emissoras transmitidas por Frequência Modulada operam em frequências que variam de 87,5 a 108 MHz, não sofrem interferências de fenômenos naturais na transmissão das mensagens - por isso tem qualidade superior às emissoras AMs - e seu alcance é limitado a um raio máximo de 150 quilômetros.

Já as emissoras transmitidas por Amplitude Modulada utilizam Ondas Médias ou Ondas Curtas para transmissão da mensagem. As Ondas Curtas atingem longas distâncias e são utilizadas em emissoras internacionais. A transmissão por Ondas Médias, caracteriza -se por qualidade de som inferior à das emissoras FMs, porque sofre interferência de fenômenos naturais. Em contrapartida, emissoras AMs atingem um raio de alcance maior que o de emissoras FMs.

E em relação a outros veículos, o rádio não exige atenção concentrada na mensagem. Enquanto a televisão requer dedicação em função da imagem, e os jornais e revistas necessitam de leitura com atenção constante, o rádio permite a realização de atividade paralela – como trabalhar, fazer as atividades domésticas e dirigir – possibilitando ao ouvinte prestar atenção marginal à transmissão sem prejuízos de compreensão (FERRARETO, 2000, p. 31).

Outra característica marcante é a agilidade que o veículo possui, fruto da combinação de simultaneidade, mobilidade do emissor, imediatismo e ubiquidade. Gisela Ortrivano (1985, p. 80) afirma que “o rádio permite ‘trazer’ o mundo ao ouvinte enquanto os acontecimentos são desenrolados”, e FERRARETO (2000, p. 33) acrescenta que “o rádio tem a possibilidade de informar o fato no momento em que ele ocorre e direto do chamado palco de ação desse

acontecimento”. As notícias podem ser emitidas no momento em que acontecem – existe a possibilidade delas serem simultaneamente e imediatamente transmitidas, já que, o rádio não necessita de um aparato técnico muito sofisticado como a televisão, e também não exige muita elaboração como os veículos impressos. Além disso, com a utilização de unidades móveis de transmissão e o auxílio de aparelhos celulares, as emissoras podem transmitir com facilidade dentro de um raio de ação específico. Esta característica faz com que o homem se sinta participante de um mundo muito mais amplo do que aquele ao alcance de seus órgãos sensoriais: mediante uma “ampliação” da capacidade de ouvir, tornou-se possível saber o que está acontecendo em qualquer lugar (ORTRIWANO, 1985, p. 84).

Da união do imediatismo (os fatos transmitidos no instante em que acontecem) com a mobilidade do emissor (estar presente mais rapidamente e transmitir antes de qualquer veículo) nasce a ubiquidade. Essa característica tem o poder de libertar o rádio das convenções tempo e espaço e permite que ele transmita a mensagem no instante em que elas acontecem e com maior facilidade e rapidez do que os outros veículos de comunicação. O rádio pode de fato dar a notícia em absoluta primeira mão.

No prefácio do livro *Estrutura da Informação Radiofônica* (Emilio Prado, 1989, p. 10), Heródoto Barbeiro afirma que “a pauta do radiojornalismo deve ter condições de colocá-lo á frente dos demais meios de comunicação”, e acrescenta ainda: “o rádio repercute hoje as notícias que o jornal vai publicar amanhã”. Esta capacidade é também considerada de extrema importância para o protagonismo exercido pelo veículo em determinados eventos e períodos.

Além dessas características – mobilidade emissor e receptor, rapidez, agilidade, imediatismo, baixo custo, ubiquidade e grande penetração – existem algumas outras que contribuem para a popularização do rádio. São elas: oralidade, regionalismo e sensorialidade.

Devido a sua linguagem própria, “o rádio tem a capacidade de ser entendido por um público muito diversificado” (PRADO, 1989, p. 18). Ele não exige um conhecimento muito especializado para a recepção das mensagens, por mais diversas que elas sejam. É um veículo que fala e para que a mensagem seja entendida é preciso que o receptor ouça. Sua linguagem oral o diferencia de outros

veículos na medida em que o ouvinte não precisa necessariamente ser alfabetizado para entender a mensagem como um todo.

Outra característica fortalecedora da popularidade do rádio é o regionalismo que “permite a existência de emissoras locais, que poderão emitir mensagens mais próximas do campo de experiência do ouvinte” (ORTRIWANO, 1985, p. 79). Vale lembrar que o regionalismo do rádio não interfere no seu caráter de universalidade, ele continua sendo um veículo de alcance universal – leva as mensagens para a maior parte do *O Globo*, mas é também de natureza regional na medida em que sua audiência depende de sua regionalidade.

A falta de percepção visual entre emissor e receptor é considerada por muitos uma característica negativa do rádio. Mas o fato é que essa característica favorece a sensorialidade e a capacidade de sugestão do veículo. Emissor e receptor não se veem, mas imaginam-se e também criam o que Ortriwano chama de ‘diálogo mental’ e ‘imagem mental’: “desperta-se a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais.” (1985, p. 80). Sobre o assunto, Peruzzo afirma:

O rádio, ligado a uma das características primárias da raça humana, a oralidade, representa um dos mais importantes veículos de comunicação. Por meio dele, ou seja, pelas ondas radiofônicas, o homem realmente passou a ter voz e suas mensagens adquiriram maior abrangência. Mesmo com o surgimento da televisão, ele continua tendo sentido e grande expressão, tendo provado que pode sobreviver autonomamente, atuando apenas no imaginário do ouvinte. (in MOREIRA E BIANCO, 2001, p. 3)

Lia Calabre (2004, p. 9) acrescenta: “o rádio foi o primeiro meio de comunicação a falar individualmente com as pessoas, cada ouvinte era tocado de forma particular por mensagens que eram recebidas simultaneamente por milhões de pessoas”. Emílio Prado (1989, p. 19) afirma que o ouvinte cria mentalmente a imagem visual transmitida pela imagem sonora, ou seja, uma paisagem sonora. Além disso, o rádio revelou-se um mundo sedutor e excitante, que engloba os estímulos sensoriais do homem e é capaz de dar uma descrição da realidade por meio de ruídos e da palavra (MEDITSCH, 2001, p. 150).

Pode-se afirmar que essas características do rádio fazem dele um

meio cobiçado. Políticos, especialmente em períodos eleitorais, fizeram e fazem uso do veículo. Além disso, alguns momentos históricos importantes do país, como no caso de revoluções e golpes, foram anunciados pelo rádio. A pesquisadora Ayêska Paulafreitas afirma que se um fato político precisasse ter ampla repercussão, deveria ser anunciado numa emissora de rádio (in BAUM, 2004, p. 61). Segundo Tania Regina de Luca (2006, p. 4) “na década de 1940, o rádio firmou-se como o principal meio de comunicação de massa, aspecto que não passou despercebido dos governantes, que o utilizavam para veicular discursos, mensagens e notícias oficiais”.

Agora que as características específicas do rádio já são conhecidas, os próximos tópicos deste capítulo consistem em mostrar alguns dos eventos e períodos da história política do Brasil em que o uso do rádio e, conseqüentemente, de suas características, foram determinantes.

O primeiro deles é a relação estabelecida entre Getúlio Vargas e o rádio durante os dois momentos em que esteve no poder (1930 a 1945/1951 a 1954). Optou-se por incluir um tópico exclusivamente direcionado a Getúlio Vargas uma vez que Vargas foi o precursor da relação estabelecida entre homens públicos e o uso político do rádio: “a primeira vez em que o rádio foi utilizado como veículo direto de propaganda política no país foi no então Distrito Federal pela Rádio Clube do Brasil, no dia 02 de janeiro de 1930. Na ocasião, a emissora transmitiu o primeiro grande comício da Aliança Liberal, ocorrido na Esplanada do Castelo, durante o qual Getúlio Vargas apresentou a sua plataforma eleitoral” (OLIVEIRA, 2006, p. 36).

## **2.2 VARGAS E O RÁDIO**

O rádio foi testemunha e personagem de praticamente todas as ações governamentais do período em que Getúlio Vargas governou o Brasil: “[...] suas passagens pelo poder são marcadas pelo intenso uso do rádio [...] e também por um grande incentivo a sua qualificação e expansão, tanto do ponto de vista da infra-estrutura tecnológica, quanto da expressão cultural” (MEDITSCH in BAUM, 2004, p 8):

A ligação de Vargas com o rádio vem desde antes de ele assumir o governo. Um casamento conturbado, porém indissolúvel, com brigas e reconciliações, provas de amor e ódio. As leis, decretos, regulamentações e incentivos refletem-se até hoje no formato e funcionamento desta mídia. As potencialidades do rádio iam ao encontro das necessidades do governo, devido à sua instantaneidade e a penetração horizontal (atingindo todas as classes sociais e culturais). O veículo atingia dos grandes centros às regiões menos desenvolvidas e mais afastadas. O Governo Provisório de Vargas logo percebeu suas potencialidades, porém eram visíveis os empecilhos para que o rádio pudesse se transformar num veículo de massa. (OLIVEIRA, 2006, p. 37)

Segundo MOREIRA, “a convivência entre este meio de comunicação e a política inicia-se com a chegada de Vargas ao poder, liderando a Revolução de 1930. Tal condição permitiu que Getúlio Vargas influísse de maneira direta na nascente indústria da radiodifusão brasileira.” (in BAUM, 2004, p 117). A partir desse momento, Vargas atuou como o maior incentivador do meio de comunicação de massa e utilizou o rádio para disseminar o seu projeto de integração nacional, fazer a divulgação da imagem e dos produtos brasileiros no exterior e para se fazer ouvido pelos brasileiros habitantes de todas as regiões. Foi também o responsável pelas leis que serviram como base para toda a legislação existente no campo da radiodifusão brasileira. Durante seu segundo mandato, de 1951 a 1954, Getúlio Vargas também utilizou o rádio, inclusive nos eventos que envolveram sua renúncia e suicídio:

Como todo líder populista, Getúlio Vargas soube fazer uso ostensivo dos meios de comunicação para promover seu governo, espalhar apreensão em relação à infiltração comunista no País e levar à opinião pública os bons resultados alcançados pela sua administração [...] Foi sob seu comando que o Brasil abraçou definitivamente a era do rádio, o meio de comunicação de massas mais utilizado pelo governo durante o Estado Novo para se dirigir às camadas sociais e transmitir notícias, programas educacionais, humorísticos e musicais de cunho nacionalista. (PAULAFREITAS in BAUM, 2004, p.71)

Perosa (1995, p. 19) acredita que o rádio foi um meio de comunicação de massa estratégico utilizado no Estado Vargasista como forma de legitimação do regime vigente. Segundo ela, Vargas sabia da nítida importância do rádio em seu projeto político. Tanto que, no dia primeiro de maio de 1937, enviou ao Congresso Nacional uma mensagem que denota essa valorização:

O Governo da União procurará entender-se a propósito com os Estados e municípios de modo que mesmo nas pequenas aglomerações sejam instalados radio receptores providos de auto-falantes em condições de facilitar a todos os brasileiros, sem distinção de sexo nem idade, momentos de educação política e social, informes úteis aos seus negócios e toda sorte de notícias tendentes a entrelaçar os interesses diversos da Nação. A iniciativa mais se recomenda quando considerarmos o fato de não existir no Brasil imprensa de divulgação nacional. São diversas e distantes as zonas do interior e a maioria delas dispõe de imprensa própria, veiculando apenas as notícias de caráter regional. À radiotelefonia está reservado o papel de interessar a todos por tudo quanto se passa no Brasil. (in PEROSA, 1995, p. 46 e 47)

Vargas também utilizou-se do rádio para garantir a concretização do projeto político que tinha para o país: “a política de desenvolvimento econômico e o processo de industrialização do governo Vargas encontraram no rádio um importante aliado” (OLIVEIRA, 2006, p. 43). “Dentro da lógica dos revolucionários de 30, a radiodifusão serve para consolidar uma unidade nacional necessária à modernização do país e para reforçar a conciliação entre as diversas classes sociais” (FERRARETO, 2001, p. 107). Quanto mais apoio o presidente tivesse da população mais influência e sucesso teria o projeto:

No que se refere ao aspecto ideológico, o projeto nacional-desenvolvimentista de Vargas requereu a mobilização das massas trabalhadoras do campo para as atividades industriais urbanas, tarefa que foi realizada de forma estratégica através do rádio. A ideologia modernizadora inundou o meio. (OLIVEIRA, 2006, p. 31)

Não se pode deixar de citar a capacidade marcante de oratória e convencimento que Getúlio Vargas possuía. Ele era perito em transformar acontecimentos políticos corriqueiros em grandes feitos cívicos – como, por exemplo, o anúncio do novo valor do salário-mínimo. Em todo seu governo, Vargas optou por adotar um discurso oficial de exaltação do trabalho e o culto à disciplina, à família e à moral o que ajudou-o a aproximar-se da população. Esse discurso foi estrategicamente programado seguindo as características do veículo já explicitadas no tópico anterior, como por exemplo: linguagem simplificada, direta e oralidade:

Assim, em meados de 1935, tanto a população rural como a urbana se acostumaram a ouvir a voz de seu presidente pelo pequeno aparelho – fato que despertava verdadeira comoção diante dos pronunciamentos diretos, das palavras simples e das frases de efeito propositadamente dirigidas às massas, que [...] se deixaram guiar pela pregação política de Vargas. (PAULAFREITAS in BAUM, 2004, p.71)

Segundo Calabre (in BAUM, 2004, p.35), “as emissoras de rádio, desde os anos 40, possuíam a capacidade de alcançar todo o território nacional. O rádio havia se transformado em um veículo extremamente popular, neste período”. Assim sendo, pode-se retomar as características do veículo no que diz respeito à extensão e alcance do veículo. Segundo Ortriwano (1985, p. 45), “[...] em termos geográficos, o rádio é o mais abrangente dos meios, podendo chegar aos pontos mais remotos e ser considerado de alcance nacional”. Essa característica certamente teve influência no uso do rádio por Getúlio Vargas. Além disso, não se pode deixar de citar a questão do rádio ser um veículo de baixo custo, quando comparado outros meios de comunicação. Isso facilitou o acesso da população ao veículo e às mensagens de Vargas.

Segundo Oliveira (2006), no início dos anos 30, dezenove emissoras já haviam sido instaladas em todo o país. A partir dos anos 40, houve um aumento estratégico no número de emissoras. Conhecendo a dimensão da comunicação radiofônica, Vargas autorizou o aumento no número de emissoras, que passaram de dezenove para quarenta e duas, o que representa mais que o dobro de rádios no início de seu governo.

Getúlio Vargas foi também o primeiro presidente que se ocupou em estabelecer orientações no âmbito legal para o funcionamento do rádio: “partiram do seu gabinete as orientações que resultaram nas leis pioneiras que regulamentariam as concessões e as formas de operação das emissoras, a transmissão de anúncios no rádio, a utilização da ondas curtas.” (MOREIRA in BAUM, 2004, p.120). Calabre (2004, p.19) afirma que “desde o início de seu governo, o presidente Getúlio Vargas demonstrou preocupações no sentido de estabelecer regulamentação específica para os diversos setores de produção cultural”. A base legal estabelecida por Vargas, a partir da década de 1930, vigorou, de alguma forma, até a década de 1960 – um período considerável -, quando foi aprovado o código Brasileiro de Radiodifusão:

Em 1932 o governo federal institui as primeiras leis específicas para a radiodifusão e cria a comissão Técnica de Rádio para deliberar sobre concessões, potência de transmissores etc. No mesmo período, define-se o perfil comercial do rádio brasileiro, que adota o padrão americano com mais força também a partir de 1932, quando Vargas regulamenta a veiculação de publicidade pelas emissoras instaladas. (MOREIRA in BAUM, 2004, p.118)

Foi nesse período que o rádio brasileiro tornou-se um veículo de cunho comercial permitindo a inserção de publicidade em suas transmissões. Calabre (2006, p. 14) afirma que “o decreto-lei n. 16.657 (15.11.1924) determinava que o “O Governo reserva para si o direito de permitir a difusão rádio-telephonica (*broad-casting*) de anúncios e reclames comerciais”. Sobre o assunto, Moreira acrescenta:

Vargas tinha, claramente, duas opções [...] seguir o modelo americano de radiodifusão comercial, com o mínimo de regulação governamental e de propaganda estatal nas ondas do rádio: ou seguir o modelo europeu de rádio [...] com controle estatal e sem participação comercial [...] não restou ao presidente alternativa além da implantação do sistema comercial, até mesmo para não perder o controle das frequências do rádio na região. (MOREIRA in BAUM, 2004, p.118)

O Brasil passou a adotar o modelo norte-americano de radiodifusão e a distribuir concessões de canais a particulares permitindo oficialmente a exploração comercial do veículo. E foi através da opção comercial que estabeleceu-se uma máquina de propaganda eficaz, tendo o rádio como uma das principais bases de sustentação: “a autorização da publicidade no rádio levou à ampliação da audiência, que, por sua vez, despertou Vargas para uma estratégia política que resultou em ações de controle na distribuição da programação radiofônica”. (MOREIRA in BAUM, 2004, p.118). O veículo sofreu grande incentivo governamental resultando no crescimento que coincidiu com parte da chamada “época de ouro do rádio” (1936–1950), caracterizada pelos programas de auditório, novelas, humorísticos, orquestras. Apesar do incentivo, Vargas estabeleceu alguns instrumentos de controle dos veículos de comunicação:

Na medida em que governos autoritários precisaram intensificar suas ações nos planos coercitivo (repressão) e ideológico (informação), para se autojustificar como a melhor opção para a sociedade em dadas circunstâncias históricas, tão logo constitucionalizado o estado de emergência, foram também institucionalizados os instrumentos necessários à sua preservação: O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) [...] e o Código de Imprensa [...] nessa ocasião oficializou-se o programa radiofônico Hora do Brasil. (PEROSA, 1995, p. 36 e 37)

Nesse contexto, surgiu o programa o programa *A Voz do Brasil*. Esse programa era transmitido desde 1934 diariamente por todas as estações de rádio que visava divulgar os principais acontecimentos dos programas do governo:

[...] assumiu importante papel na veiculação das ideias de Getúlio, inclusive com vistas ao Golpe de Estado e também lhe conferiu a posição de primeiro governante brasileiro a utilizar o rádio dentro de um modelo autoritário. (PEROSA, 1995, p.38)

Sobre este assunto, Nair Prata acrescenta: “[...] Getúlio se utilizou do rádio para fazer propaganda da sua ideologia política e criou até um programa, *A Voz do Brasil*, na época *Hora do Brasil*, para ser divulgador oficial do governo, principalmente dos discursos presidenciais.” (in BAUM, 2004, p.77)

Perosa (1995 p. 19) ainda afirma que *A Voz do Brasil* prestou um serviço de legitimação ideológica das forças políticas das décadas de 30 e 40: “a origem da *A Voz do Brasil* está condicionada à função de órgão legitimador do Estado” (p.12). Ela explica:

Enquanto elemento estratégico de uma política de comunicação muito mais abrangente, traçado pelo governo de Getúlio Vargas, com vistas a legitimação político-ideológica, *A Voz do Brasil* foi inequivocamente tratada ao longo da história do Brasil como instrumento de poder político. (1995, p. 15 e 16)

Apesar de ter esse caráter de divulgação, em alguns momentos, *A Voz do Brasil* contemplava também um pouco do aspecto cultural do país: “de fato,

embora tenha sido revelado o seu caráter de divulgadora oficial do governo [...] à *Voz do Brasil* coube também a irradiação de programas culturais, uma vez que seus últimos minutos foram dedicados à transmissão de sucessos da música popular brasileira” (PEROSA, 1995, p. 45):

A partir de 1939, *A Voz do Brasil* se tornou um programa ao mesmo tempo informativo, cultural e cívico. Além de fornecer informações sobre as realizações do Estado Novo, passou a tocar canções dos grandes compositores brasileiros, incentivando o gosto pela “boa música”, e a transmitir comentários sobre arte popular, nas suas mais variadas expressões regionais, e sobre os principais pontos turísticos do País. (PRATA in BAUM, 2004, p.71)

Outro artifício de Vargas quanto ao uso do rádio foi o de aproximar-se de artistas brasileiros tais como, Ângela Maria, Ary Barroso e Carmem Miranda. “A participação de artistas famosos e de grande prestígio do público na *Voz do Brasil*, faz parte da estratégia de preservação do Estado getulista” (PEROSA, 1995, p. 46). Por isso, Vargas ficou em evidência na classe artística brasileira e aumentou, dessa forma, sua popularidade:

O interesse do político pela produção e divulgação musical havia se manifestado ainda em 1928, quando – no cargo de deputado federal – apresentou um projeto de lei que exigia o pagamento de direitos autorais a compositores e intérpretes pelos estabelecimentos comerciais que executassem músicas gravadas em disco. Por este motivo, a chegada de Vargas ao poder foi recebida com simpatia por muitos artistas, em especial aqueles que seriam beneficiados pela lei que nunca havia sido cumprida. (MOREIRA in BAUM, 2004, p.117)

Nesse contexto, também foi criado o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). A intenção era desvincular o novo departamento de qualquer área governamental, ficando ligado diretamente ao gabinete presidencial e não mais a ministérios. Isso permitiu um controle maior por parte de Getúlio Vargas.

Uma das providências para centralizar e ampliar os poderes do órgão de divulgação foi a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, através do decreto no 5.077 de 29 de dezembro de 1939, para tentar unir todas as ações na área de divulgação. Seu

objetivo era descrito da seguinte forma: "(...) elucidação da opinião nacional sobre as diretrizes doutrinárias do regime, em defesa da cultura, da unidade espiritual e da civilização brasileira. (OLIVEIRA, 2006, p. 66)

Outro momento em que Getúlio Vargas utilizou-se do rádio foi na implantação do Estado Novo, um período autoritário da história do país, que teve início com o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937 e se estendeu até a deposição de Vargas, em 29 de outubro de 1945. Segundo Haussen (2004, p. 59) foi o próprio Vargas quem anunciou nos microfones da Rádio Nacional a implantação do Estado Novo.

A Constituição previa eleições diretas para um novo presidente do país e, ao que tudo indicava, Getúlio Vargas respeitaria as leis do País. Mas em 1937, o governo anunciou a descoberta de "um complô comunista para tomar o poder" – o chamado Plano Cohen:

Setembro de 1937. Elaboração de um documento que denuncia e iminência de um levante comunista no País. Informação visa convencer a população de que a rebelião que está prestes a acontecer será seguida de assassinatos, perseguições de cunho religioso, saques e invasão de lares [...] histeria na cúpula do Exército, que, ao tomar conhecimento do documento, decide aceitar sua autenticidade. Pouco depois, a Rádio Nacional acolhe a verão das Forças Armadas na *Hora do Brasil* e dá como fato consumado o falso alarme. Nos meios oficiais, a reação à Divulgação do Plano Cohen foi intensa. Num piscar de olhos, o congresso aprovou o estado de guerra e logo as garantias individuais previstas na constituição de 1934 foram suspensas. (FERRARETO in BAUM, 2004, p.49)

Ainda segundo Ferrareto, este foi um plano forjado pelos integralistas com pleno conhecimento de Vargas e atuou como pretexto para o golpe antidemocrático. Apoiado pelas forças armadas, Getúlio Vargas cancelou as eleições e fechou o congresso. O anúncio feito por Vargas, com o fictício Plano Cohen, foi o ápice de um discurso contra os comunistas que vinha sendo intensificado através dos pronunciamentos presidenciais veiculados pelo rádio.

Esse golpe de Estado garantiu a continuidade de Vargas à frente do governo central com o apoio de importantes lideranças políticas e militares e que contou também com a participação do rádio. Esse período durou cerca de oito anos,

de 1937 a 1945.

Mas com o fim da segunda guerra mundial, houve grande pressão política para o fim do Estado Novo. Nesse momento, foi liberada de forma estratégica a criação de partidos políticos e foram marcadas eleições para presidente da República e para uma Assembléia Nacional Constituinte para o ano de 1945.

Ainda assim, a insatisfação continuou e Getúlio Vargas foi deposto em 29 de outubro de 1945, por um movimento militar liderado por generais que compunham o próprio ministério, na maioria ex-tenentes da Revolução de 1930.

De 1945 a 1950, Vargas ficou fora da presidência da República, mas não longe do poder. Na formação da Assembleia Nacional Constituinte de 1946, foi eleito senador por dois estados: Rio Grande do Sul e São Paulo, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). No ano de 1946 assumiu o cargo no Senado como representante gaúcho, e exerceu o mandato de senador até 1947. Após deixar o Senado, Vargas ficou um tempo na cidade em que passou sua infância – São Borja (Rio Grande do Sul), mas continuou sendo muito assediado por partidários para retornar à vida pública. Resolveu ceder às pressões e candidatou-se pelo PTB à presidência da República.

Em 3 de outubro de 1950, Vargas foi eleito presidente da República; dessa vez, com o voto do povo: “[...] Sim, voltarei. Não como líder político, mas como líder de massas” (in BAUM, 2004, p. 81). Diferentemente dos outros momentos, em que chegou ao poder pela Revolução de 30 e manteve-se nele por meio de um golpe e implantação do Estado Novo, desta vez Vargas tinha o apoio das massas, principalmente a trabalhadora: “o novo chefe da nação assumiu o poder em 31 de janeiro de 1951 com o claro propósito de implantar reformas nacionalistas no País, doesse a quem doesse.” (PRATA in BAUM, 2004, p. 83)

O segundo governo de Vargas foi tumultuado devido a acusações que atingiram membros do governo e o próprio Vargas: “Em 10 de agosto, a deposição de Vargas foi exigida por um grupo de oficiais de alta patente. Em 23 de agosto, a Marinha, por sua vez, engrossava o coro”. (RADDATZ in BAUM, 2004, p. 107).

O caso mais grave aconteceu na madrugada de 5 de agosto de 1954. Um atentado a tiros em frente ao edifício onde residia Carlos Lacerda, em

Copacabana, no Rio de Janeiro, matou o major Rubens Florentino Vaz, da Força Aérea Brasileira (FAB), e feriu Lacerda, jornalista e ex-deputado federal da UDN, que fazia forte oposição a Vargas. O atentado foi atribuído a Alcino João Nascimento e ao auxiliar Climério Euribes de Almeida, membros da guarda pessoal do presidente.

Devido ao crime, o presidente foi pressionado a renunciar ou, ao menos, licenciar-se da presidência. Vargas concordou em se licenciar sob condições que constavam da nota oficial da presidência da república divulgada naquela madrugada:

Deliberou o Presidente Getúlio Vargas entrar em licença, desde que seja mantida a ordem e os poderes constituídos em caso contrário, persistirá inabalável no propósito de defender suas prerrogativas constitucionais, com sacrifício, se necessário, de sua própria vida. (Nota Oficial da Presidência, 23 de agosto de 1954)

Esta nota oficial já indicava as intenções do presidente. A crise instaurada no governo levou Getúlio Vargas ao suicídio na madrugada de 23 para 24 de agosto de 1954, logo depois de sua última reunião ministerial, na qual fora aconselhado, por ministros, a se licenciar da presidência.

O então presidente se suicidou com um tiro no coração, nos seus aposentos, no Palácio do Catete, e deixou uma "carta-testamento" na qual despede-se e explica sua decisão: "só restava uma saída para evitar a guerra civil: uma carta-testamento [...] uma carta de despedida, escrita de próprio punho, a lápis, em papel oficial – e um tiro no coração na manhã de 24 agosto." (ZAMIN E RADDATZ in BAUM, 2004, p. 107). Meditsch afirma que Vargas foi: "o estadista carismático que usou a própria morte como arma política e deu [...] o maior golpe de marketing que se tem notícia no Brasil (in BAUM, 2004, p. 10). Nesta carta, Getúlio Vargas explica seu gesto da seguinte forma:

[...] Se a simples renúncia ao posto a que fui levado pelo sufrágio do povo me permitisse viver esquecido e tranquilo no chão da pátria, de bom grado renunciaria. Mas tal renúncia daria apenas ensejo para, com mais fúria, perseguirem-me e humilharem-me. Querem destruir-me a qualquer preço. Tornei-me perigoso aos poderosos do dia e às castas privilegiadas. Velho e cansado, preferi ir prestar contas ao Senhor, não dos crimes que não cometi, mas de poderosos interesses

que contrariei, ora porque se opunham aos próprios interesses nacionais, ora porque exploravam, impiedosamente, aos pobres e aos humildes. Só Deus sabe das minhas amarguras e sofrimentos. Que o sangue dum inocente sirva para aplacar a ira dos fariseus. (Carta Testamento de Vargas<sup>7</sup> – 24 de agosto de 1954)

As características do rádio como, por exemplo, imediatismo, agilidade e instantaneidade, discutidas no tópico anterior, atuaram de forma determinantes no episódio do suicídio de Vargas. Por transmitir informação em tempo real, o veículo possibilitou que a população acompanhasse os fatos conforme eles iam ocorrendo, de forma a se tornar participante do episódio em si:

Foi o rádio o grande veículo que divulgou e repercutiu a notícia da morte do presidente, com sua instantaneidade. O rádio foi o grande veículo de comunicação na morte de Getúlio, certamente o foi também na sua vida, pois o presidente soube usar como ninguém todas as possibilidades que a radiodifusão oferecia, principalmente no campo das doutrinações. (MOREIRA, 1988, p.74)

Essa transmissão instantânea dos acontecimentos sobre a morte de Vargas, gerou uma comoção nacional, como explicam Zamin e Raddatz:

À medida que as rádios foram divulgando a notícia da morte do presidente Vargas, o povo do Rio de Janeiro tomou as ruas do centro, em prantos [...] Os mais exaltados invadiram as redações e as rádios de onde, nos últimos tempos, haviam saído as palavras mais virulentas contra Getúlio – *O Globo*, os Diários Associados, a sucursal de *O Estado de São Paulo* [...] Os cariocas em fúria também atacaram a sede das empresas que simbolizavam a hegemonia norte-americana no Brasil, a Standard Oil e outras, bem como a embaixada dos Estados Unidos [...] O clima de revolta era tal que muitos adversários do estadista tiveram de deixar o País às pressas. (in BAUM, 2004, p. 107).

Como foi possível notar ao longo deste tópico, Getúlio Vargas foi um governante que, de fato, utilizou-se do rádio. Milton Jung (2004, p. 40) afirma: “Vargas, muito antes de Collor e companhia, entendia a importância do marketing para se manter no comando, e usava muito bem o rádio em sua política de

---

<sup>7</sup> A Carta Testamento de Getúlio Vargas está reproduzida na íntegra nos anexos deste trabalho

comunicação com as massas”. Durante todo o tempo em que esteve no poder, tanto no primeiro, quanto no segundo mandato, estabeleceu uma relação forte e contraditória com o veículo como afirma Sônia Virgínia Moreira:

Em parte por interesse político, em parte porque desejava realmente organizar a radiodifusão no Brasil, Vargas contribuiu pra aumentar o acesso público à informação. Assim, ao mesmo tempo em que funcionava como canal privilegiado para a difusão de programas culturais, informativos e de entretenimento, o sistema brasileiro de radiodifusão também servia ao regime ditatorial. (MOREIRA in BAUM, 2004, p. 120).

Devido a essa precursora, constante e política relação entre Getúlio Vargas e o rádio é que optou-se por incluir um tópico exclusivamente dedicado à ele neste trabalho. A opção feita neste trabalho foi a de destacar alguns momentos importantes da relação estabelecida entre rádio e política. Como a atuação do rádio é extremamente abrangente, muitos fatos, dados e personagens tiveram que ser deixados de lado. A seguir, outros períodos da história nas quais o rádio e a política caminharam juntos serão abordados.

### **2.3 OUTROS MOMENTOS: FRAGMENTOS DA HISTÓRIA**

Além do período em que Vargas esteve no poder, o rádio também foi utilizado em vários outros momentos da história política do país. Sobre o assunto, Doris Fagundes Haussen (2004, p. 51) afirma:

[...] pode-se dizer que, nesses 80 anos, o rádio esteve sempre presente em todas as manifestações da vida do país. Na política, por exemplo, divulgou a Revolução Constitucionalista de 1932, através da Rádio Record de São Paulo, assim como o Movimento Integralista de Plínio Salgado, em 1936, por meio da Rádio Transmissora. Anunciou, também, a implantação do Estado Novo, em 1937, através de discurso do próprio Vargas ao microfone da radio Nacional. Divulgou a deposição do presidente, em 1945, as posses de Dutra, Juscelino Kubitschek, de Janio Quadros e a sua renúncia. Constituiu a Rede da Legalidade, com Leonel Brizola. Esteve presente na posse de João Goulart, na dos governos militares e no fim da ditadura, na posse de

Tancredo Neves e na cobertura de sua morte. Cobriu a época de José Sarney e a deposição de Collor de Melo, assim como o período de Itamar Franco, a eleição e a reeleição de Fernando Henrique Cardoso e a chegada ao poder do Partido dos Trabalhadores com Luís Inácio Lula da Silva, entre tantos outros fatos importantes do âmbito nacional.

Como o evento que este trabalho pretende retomar ocorreu no ano de 1978, a próxima parte será dedicada à relação estabelecida entre o rádio e a política até esta data, utilizando, para isso, fragmentos da história, como o próprio nome do tópico diz. Não se afirma aqui que o rádio não agiu de forma atuante em outros momentos da história, mas foram escolhidos os três momentos mais marcantes para exemplificar o protagonismo do veículo.

O primeiro momento a ser abordado diz respeito à Revolução Constitucionalista. É importante frisar que o trabalho não visa explicar historicamente os fatos a cerca da Revolução, uma vez que essa é uma história extremamente rica em detalhes. O objetivo aqui é situar o papel do rádio dentro dessa história evidenciando sua atuação. Vale lembrar também que, apesar de a Revolução Constitucionalista estar diretamente ligada ao governo Vargas, ela não foi abordada no tópico que trata da relação entre Vargas e o rádio por uma questão de facilidade na organização dos conteúdos.

Como já foi visto no tópico anterior, desde a Revolução de 30, o poder público, na figura do próprio Getúlio Vargas, não mediu esforços para colaborar com o desenvolvimento da radiodifusão brasileira. Vargas investiu em qualificação, legislação, e expansão (MEDITSCH in BAUM, 2004, p. 8). A intenção de tanto investimento não era apenas estabelecer e firmar o rádio como um veículo atuante no país, mas sim torná-lo um aliado do governo.

Durante o período em que esteve no poder, o presidente Vargas, com o auxílio do rádio, disseminou seu projeto de integração nacional e foi ouvido por habitantes de todas as regiões do país. Não se pode negar que o rádio foi, de fato, um aliado do governo Vargas. Mas, em alguns momentos, contraditoriamente, o rádio demonstrou sua força e atuou contra o governo estabelecido. Segundo TAVARES (1999, p. 176), “pela primeira vez na história do nosso País o rádio foi utilizado como instrumento de mobilização popular”. O veículo foi usado para mobilizar a população para um movimento deflagrado em São Paulo denominado

Revolução Constitucionalista.

O movimento ocorreu entre os meses de julho e outubro de 1932 e tinha o objetivo de derrubar o Governo Provisório de Vargas, estabelecido com a Revolução de 30: “refletia o descontentamento das lideranças paulistas com o regime centralizador de Getúlio Vargas” (OLIVEIRA, 2006, p. 194). Foram três meses de combate, que colocaram frente a frente nos campos de batalha forças rebeldes e forças legalistas.

Sobre as reivindicações do movimento, Oliveira (2006, p. 150) afirma:

Na linha de frente das reivindicações estava a votação de uma Constituição. Porém, por trás do movimento, também havia outros descontentamentos. Acostumadas à alternância do poder, as lideranças paulistas se sentiam sufocadas pelo regime centralizador de Vargas e exigiam independência e autonomia federativa. (OLIVEIRA, 2006, p.150)

Segundo o CPDOC, Centro de Pesquisa e Documentação Histórica da Fundação Getúlio Vargas, no dia 9 de julho o movimento revolucionário ganhou as ruas da capital e do interior de São Paulo:

Na linha de frente das forças rebeldes estavam remanescentes da Revolução de 1930, como Bertoldo Klinger e Euclides Figueiredo e mesmo o antigo líder do levante de 1924, Isidoro Dias Lopes. A revolução teve apoio de amplos setores da sociedade paulista. Pegaram em armas intelectuais, industriais, estudantes e outros segmentos das camadas médias, políticos ligados à República Velha ou ao Partido Democrático. O que os movia era principalmente a luta antiditatorial. (CPDOC – disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>)

Durante a Revolução Constitucionalista, São Paulo ficou sob bloqueio naval e terrestre imposto pelo governo Vargas. A cidade foi isolada e cercada pelas forças federais. Foi nesse contexto que o rádio entrou em ação:

Utilizou as emissoras para divulgar os acontecimentos a outras partes do país. Como as cartas e jornais eram retidos no Rio e as ligações telefônicas foram praticamente interrompidas, a única comunicação era o rádio. Além dos líderes do movimento, as emissoras divulgavam

discursos de personalidades paulistas como forma de conclamar a população à causa. (OLIVEIRA, 2006, p. 151)

Oliveira (2006, p. 153) lembra a importância do veículo na divulgação dos fatos além da cidade de São Paulo:

Um dos líderes do movimento foi o proprietário do Jornal *O Estado de S. Paulo*, Júlio de Mesquita. Embora não tenha vindo de imediato, a retaliação aconteceu em 1940, quando o jornal da família Mesquita foi encampado pelo regime Vargas. Apesar da força do *Estadão*, o próprio jornal ressalta, em editorial publicado no dia 09 de agosto de 1932, que foi o rádio que rompeu as fronteiras para divulgar o movimento.

Pesquisadores como Oliveira (2006), Ortriwano (2003) e Calabre (2004) defendem a ideia de que o movimento Constitucionalista foi um momento em que o rádio teve papel de destaque na vida política brasileira. Oliveira afirma que “o rádio foi de vital importância na Revolução Constitucionalista de 1932 [...] teve, pela primeira vez na vida política brasileira, papel de destaque” (2006, p. 151). Calabre acrescenta: “a capacidade de mobilização política do rádio tornou-se realmente evidente da Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo”. (2004, p. 18). Ortriwano também compartilha desta opinião e afirma: “experiências de diversos formatos jornalísticos estiveram presentes nas emissoras paulistas desde o início, mas era a primeira vez que o rádio era utilizado no Brasil como instrumento de mobilização popular” (2003, p. 70). Além disso, Ortriwano defende o nascimento do radiojornalismo em São Paulo da seguinte forma: “em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, temos o surgimento do radiojornalismo em São Paulo, mais em termos editoriais, muitas vezes com fortes conotações de parcialidade” (2003, p.70).

A Rádio Record foi a emissora que adotou a Revolução Constitucionalista mobilizando a população em favor da causa e servindo, também, para passar informações e avisos aos revoltosos: “a Record lidera, assim, as transmissões contrárias ao governo Vargas, usando em larga escala o rádio como finalidade política” (FERRARETO, 2001, p. 107). Esta estação paulista abraçou o movimento e passou a ser conhecida como a *Voz da Revolução*, ganhando visibilidade pela posição adotada: “a Rádio Record integrou-se definitivamente

naquela insurreição, levando São Paulo à guerra civil...Era a Revolução Constitucionalista de 1932 (TAVARES, 1999, p. 176).

Um fato inusitado marcou a entrada da Rádio Record em prol do movimento. Em 23 de maio de 1932, a emissora foi invadida por um grupo de estudantes que tomaram os microfones da rádio, lançaram seu manifesto e pediram a adesão popular à Revolução de 1932:

Naquela data, pelo microfone daquela emissora foi lido o manifesto ao povo brasileiro. Utilizando-se da voz de César Ladeira, jovem speaker, a Rádio Record integrou-se definitivamente naquela insurreição, levando São Paulo à Guerra civil. As manifestações exigiam o retorno à autonomia estadual. Houve choques entre manifestantes e os integrantes da Legião Revolucionária. Bem em frente à Rádio Record, na praça da República. (TAVARES in OLIVEIRA, 2006, p. 152).

Para não prejudicarem a Rádio Record os manifestantes fizeram um documento escrito explicando o ato, como relembra Paulo Silva de Carvalho, fundador da Rádio Record:

[...] depois, deixaram-nos documentos escritos que guardo até hoje em que declaravam que 'para evitar possíveis represálias por parte das autoridades, declaramos que nesta data invadimos a Rádio Record e através de seus microfones fizemos uma proclamação ao povo, em favor da liberdade no Brasil, pela Constituinte, pela Constituição. (REIS in ORTRIWANO, 2003, p. 71).

Na mesma noite em que os estudantes fizeram o discurso na rádio, choques entre os manifestantes e os membros da Legião Revolucionária resultaram na morte dos estudantes Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo. O trágico desfecho se deu em frente à sede da Record e agravou a situação. Logo depois veio o 9 de julho de 1932, data que marcou o início da Revolução. Nesse momento, a Record passou a ter participação de destaque em todo o contexto da Revolução de 32.

Segundo Ortriwano (2003), a Rádio Record de São Paulo foi uma rádio pioneira em muitos aspectos: foi a primeira rádio líder de audiência que introduziu no início dos anos 30 a programação política: "a Record foi um marco norteador para diversas mudanças que seriam introduzidas nas emissoras no

processo de evolução das empresas radiofônicas” (p. 70). Além disso, Tavares acrescenta a grande contribuição que César Ladeira deu ao rádio:

César Ladeira deu ao veículo um novo impulso, uma outra personalidade, dividindo a programação em horários definidos e especializados. Formou o seu próprio elenco, investiu na remodelação da discoteca, ampliou novos horários para o pequeno e o grande radioteatro, explorou suas virtudes de narrador inigualável, criando horários para apresentações diárias de crônicas e comentários que refletissem as coisas da cidade, editoriais vibrantes, comentários políticos, sociais e esportivos. Buscou obstinadamente uma linguagem jornalística que identificasse o veículo, montando a programação tal qual se monta uma página de jornal, distribuindo cada assunto num horário predeterminado. Deu nova roupagem aos programas literomusicais, estimulou a cultura. (TAVARES, 1999, p. 179)

Foi a própria rádio Record quem organizou uma cadeia de emissoras paulistas para a divulgação da Revolução Constitucionalista. Além dela, as rádios Cruzeiro do Sul e Educadora também compunham a cadeia de transmissão. Nesse quesito, novamente a rádio Record foi pioneira evidenciando um recurso da tecnologia ainda não utilizado no Brasil: a formação de redes entre emissoras de rádio (CALABRE, 2004, p 19).

Além da formação de redes, a rádio Record também implementou a tradução dos conteúdos produzidos, aumentando, dessa forma, o número de ouvintes:

As notícias, depois de transmitidas, pela cadeia, em português eram imediatamente retransmitidas em inglês e espanhol. Contavam com a colaboração de um espanhol dono de uma tipografia e em inglês e de um americano que veio ao país para assumir um cargo na Light. As emissoras cessaram toda a programação regular, inclusive os comerciais, para só irradiar notícias acompanhadas de marchas e músicas vibrantes em discos. (TAVARES in OLIVEIRA, 2006, p. 153).

Na cobertura feita pela Rádio Record, a pesquisadora Lia Calabre destaca:

[...] a rapidez com que as notícias podiam ser veiculadas, o posicionamento de cada emissora, a popularidade alcançada por César Ladeira, da Rádio Record – que ficou conhecido como o locutor oficial da Revolução Constitucionalista –, demonstraram que o rádio era em si mesmo um veículo revolucionário, com seu largo alcance e rapidez na divulgação dos fatos. Ele tinha vindo pra ficar. (2004, p. 19).

Essa afirmação evidencia que algumas das características do rádio explicadas no segundo capítulo, tais como rapidez e alcance/ extensão, já estavam presentes e atuantes nessa época.

Outro fato marcante sobre a atuação do Rádio na Revolução Constitucionalista de 1932 diz respeito a uma “verdadeira guerra no ar” deflagrada entre as emissoras paulistas, tendo à frente a Record, e as cariocas, cuja principal representante era a Rádio Philips:

A rádio Philips, do Rio de Janeiro, e Record, de São Paulo, que até as vésperas da Revolução realizavam transmissões conjuntas, tornaram-se inimigas. Após o início do movimento paulista as emissoras passaram a servir como armas na luta, ocupando campos opostos na batalha. (CALABRE, 2004, p. 18)

Segundo dados do CPDOC, a Rádio Philips do Brasil era a emissora que representava o governo na capital federal, que na época era o Rio de Janeiro. Em seus discursos ela tentou quebrar a resistência paulista anunciando que os rebeldes paulistas estavam recuando. A rádio Record repercutia nas madrugadas cariocas réplicas aos insultos da Philips e em boletins mimeografados espalhados por toda a capital federal com o teor da irradiação do dia anterior: “O rádio mostrava - se um excelente meio de propagação ideológica. Tanto as transmissões cariocas captadas em São Paulo quanto as mensagens paulistas captadas no Rio de Janeiro passaram a ser consideradas perigosas. As emissoras empenhavam-se em desmentir as informações dadas pelo ‘inimigo’ (CALABRE in OLIVEIRA, 2004, p. 154).

Visto que a cidade de São Paulo ficou bloqueada e cercada, os manifestantes tiveram que ceder: “São Paulo teve que se curvar ante o inimigo, que era a grande maioria, uma vez que os demais estados da federação permaneceram

ao lado das forças Getulistas, chamadas Legalistas” (TAVARES, 1999, P. 178).

O conflito durou três meses e terminou com São Paulo sendo derrotado, já que as demais unidades da federação permaneceram fiéis a Vargas: “a Revolução Constitucionalista foi marcada por uma espécie de pacto silencioso. Ao Governo Provisório cabia o troféu do combate, aos perdedores coube a vitória de terem suas principais reivindicações atendidas”. (OLIVEIRA, 2004, p. 155)

O jornalista Franklin Martins, no seu sítio pessoal<sup>8</sup>, faz o seguinte balanço sobre a Revolução de 32:

Pelo menos até 1934, quando foram realizadas eleições para a Assembléia Constituinte e foi votada a nova Constituição, Vargas exerceu o poder de forma inteiramente discricionária – e somente rendeu-se à necessidade de consultar as urnas depois de o Brasil ter passado por uma curta guerra civil, com a eclosão da Revolução Constitucionalista de 1932. O movimento desencadeado por São Paulo, embora derrotado militarmente, acabou inviabilizando em termos políticos a pretensão de Vargas de comandar sozinho o país desde o Palácio do Catete.

Sobre o final do conflito, César Ladeira, o locutor oficial da Revolução afirma: “perdemos nas armas, mas nas letras ganhamos, porque em 1932 Getúlio Vargas acabou por aceitar as normas paulistas para modificar a Constituição Nacional. Foi uma arma manejada com inteligência. Era preciso servir. Servimos... Combateu-se pelo ar” (LADEIRA in OLIVEIRA, 2004, p. 155).

A Revolução Constitucionalista foi mais um momento protagonizado pelo rádio. Características como: formação de redes, mobilização popular, tradução de conteúdos e agilidade marcaram essa relação e de fato, a afirmação de Carlo Lacerda estava correta: “o combate deu-se pelo ar”. Mais precisamente pelas ondas do rádio, assim como em outras fases importantes da história política brasileira.

Uma delas, sem dúvida, é o período que precedeu o governo Juscelino Kubitschek. Em 1960, após os cinco anos de governo JK, ocorreram no Brasil eleições presidenciais. Na época, presidente e vice-presidente não eram eleitos em chapas únicas: “[...] a legislação permitia que o presidente e o vice fossem eleitos em separado” (FERRARETO, 2001, p. 144). Concorriam ao cargo de

---

<sup>8</sup> Disponível em <<http://www.franklinmartins.com.br/>>

presidente Jânio Quadros, Marechal Henrique Teixeira Lott e Ademar de Barros. Ao cargo de vice-presidente os concorrentes eram Milton Campos, Fernando Ferrari, João Goulart:

O candidato a presidência, Jânio Quadros, representava o pequeno PTN – Partido Trabalhista Nacional. Foi apoiado, principalmente, pela UND de Carlos Lacerda, conhecida por suas tradições anti-getulistas e pelo PDC. As siglas que o apoiavam lançaram, cada uma, um candidato a vice-presidência: Milton Campos, pela UND e Fernando Ferrari, pelo PDC. Pressionado, Jânio renunciou sua candidatura e só voltou a assumi-la após ser desobrigado de qualquer compromisso político com estes partidos. Este ‘racha’ entre as vice-lideranças dividiu, também os votos da nação. João Goulart do PTB, foi levado ao poder por uma diferença de pouco mais de 300 mil votos, contra o udenista Milton Campos. Já para a presidência, não houve dúvidas. Jânio foi eleito com uma das maiores votações da história até então. Recebeu o aval de 48% dos brasileiros. A dupla eleita, no entanto, representava interesses opostos no quadro político. (SILVA, 2001, p. 104)

Mesmo representando interesses opostos, Jânio Quadros e João Goulart foram eleitos e assumiram a presidência e vice-presidência da República, respectivamente, no dia 31 de janeiro de 1961. Sete meses depois de assumir o poder, em agosto de 1961, Jânio renunciou ao cargo sem muitas explicações:

Jânio surpreende o país, renunciando no dia 25 de agosto de 1961, em um episódio mal explicado da história nacional. Tudo indicava que, aproveitando uma viagem de seu vice à China e sabedor do descontentamento das forças armadas a respeito da possibilidade de Jango assumir, Jânio renunciou na crença de que seria reconduzido à Presidência com o apoio do povo e poderes quase ditatoriais. Os fatos daquele mês de agosto indicaram que os militares pareciam não acreditar mais nas alternativas civis, ensaiando o golpe desfechado em 1964. (FERRARETO, 2001, p. 145)

O fato de o vice-presidente João Goulart estar em viagem à China, uma país comunista, fez com que os ministros militares tramassem um golpe de estado: “o fantasma do comunismo servia de pretexto para uma mudança nos rumos do estado democrático.” (SILVA, 2001, p. 105).

Por isso, “com a renúncia de Jânio Quadros confirmada e a negativa dos ministros militares em darem posse ao presidente constitucional, o vice João

Goulart, abria-se uma crise institucional no país” (SILVA, 2001, p. 118).

Nesse momento, como resposta à crise, Leonel Brizola, governador do estado do Rio Grande do Sul e cunhado de João Goulart, inicia o que seria conhecido posteriormente como a Rede da Legalidade: “o movimento da Legalidade então se torna um obstáculo aos planos dos chefes militares.” (SILVA, 2001, p.106). A rede tinha como objetivo garantir a posse do vice-presidente João Goulart e impedir os militares de assumir o poder: “mobilizou o Brasil e impediu um golpe de Estado que levaria ao poder a facção mais conservadora da política brasileira (ANDRADE, 2004, p. 25).

E é nesse momento que o rádio, novamente, entra em cena: “o movimento da Legalidade, no Rio Grande do Sul, em agosto de 1961, se caracterizou pelo uso do rádio para mobilizar a população” (SILVA, 2001, p. 73). Nesse processo, pode-se destacar a atuação de Leonel Brizola: “Brizola era um homem do rádio. Como governador e líder populista, tinha programas semanais nas principais emissoras da cidade [...] Sabia do poder do veículo. Após ser informado de que o Exército ameaçava atacar o palácio não hesitou em requisitar os transmissores da Rádio Guaíba”. (SILVA, 2001, p.111):

[...] Brizola liga para a casa do empresário Breno Caldas, da Companhia Jornalística Caldas Junior, proprietária da Rádio Guaíba, emissora que não transmitira o manifesto [...] Horas depois, já na sede da emissora, Caldas receberia um ofício, garantindo que o governo responsabilizava-se a partir daquele momento pela rádio. (FERRARETO, 2001, p. 145)

Dessa forma, os estúdios da Rádio Guaíba foram transferidos e passaram a funcionar no porão do Palácio Piratini, sede do executivo estadual: “com o Palácio Piratini transformado em praça de guerra, a Rede da Legalidade serve, em especial, para que Leonel Brizola [...] conclame o povo à resistência” (FERRARETO, 2001, p. 147):

O Movimento teve tamanha repercussão porque Leonel Brizola usou o rádio para relatar o que estava acontecendo e conquistou o apoio da população. Primeiro em Porto Alegre, e depois no Rio Grande do Sul e no país. A Rádio da Legalidade transformou-se na Rede da Legalidade e centenas de emissoras em todo o Brasil e até mesmo

em outros países passaram a retransmitir os discursos e as notas em favor da posse do presidente constitucional. (SILVA, 2001, p. 74)

Para se ter uma ideia, segundo Silva, a Rede da Legalidade chegou a ter cento e quatro emissoras espalhadas em todo o país. Além disso, passou a transmitir também em outras línguas como inglês, francês, espanhol e alemão: “a cadeia de rádios emite boletins informativos em diversas outras línguas, aproveitando os transmissores em ondas curtas das emissoras” (FERRARETO, 2001, p. 146)

Além do uso do rádio, o movimento teve também o apoio militar: “A Brigada Militar do Rio Grande do Sul foi a primeira força militar a dar apoio ao movimento” (SILVA, 2001, p. 74). O III Exército, com sede em Porto Alegre e que abrangia os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, também apoiou o movimento.

O movimento legalista durou apenas doze dias, foi o tempo da renúncia de Jânio Quadro e a posse do vice-presidente João Goulart. Apesar de curto, surtiu efeito. Jango voltou ao país e assumiu a presidência no dia sete de setembro, sob a forma de um governo parlamentarista:

Com a chegada de Jango a Porto Alegre, a negociação parlamentarista iniciada em Montevideu prosseguiu em Brasília, no Congresso Nacional. No dia dois de setembro o congresso aprovou a Emenda Parlamentarista. Foram duzentos e noventa e oito votos a favor e apenas quatorze contra [...] No dia quatro de setembro de 1961, os ministros militares comunicaram [...] que aceitavam a posse de João Goulart. No dia seguinte, cinco de setembro, Jango saiu de Porto Alegre rumo a Brasília. Tomou posse no dia sete de setembro de 1961. (SILVA, 2001, p. 118)

Neste momento, com os objetivos alcançados, a atuação da Rede da Legalidade é finalizada: “com a saída parlamentarista para a crise garantindo a posse do vice-presidente, a Rede da Legalidade é desfeita à meia noite do dia 05 de setembro (FERRARETO, 2001, p. 147).

Fernanda Machado da Silva (2001, p. 115) conclui a participação do rádio nesse momento da história política do Brasil da seguinte forma: “muitos fatores contribuíram para a repercussão do movimento da Legalidade, mas uso do veículo rádio foi fundamental para determinar os rumos e a abrangência dos ideais

legalistas”.

Ferrareto (2001, p. 145), relacionando a Rede da Legalidade com acontecimentos políticos anteriores afirma que: “o desenrolar dos acontecimentos fez repetir no Rio Grande do Sul, com maior abrangência, o papel desempenhado pelo rádio na Revolução Constitucionalista de 1932”. Sobre a participação do rádio no episódio, Ferrareto afirma: “o ato, após a posse de Jango, ficou [...] como mais um lance na disputa ensaiada e vencida, com o apoio do rádio como mobilizador, pelos legalistas em 1961” (2001, p. 147).

O governo de Getúlio Vargas, a Revolução Constitucionalista de 1932 e a Rede da Legalidade são alguns dos momentos mais marcantes em que o rádio estabeleceu relação direta com a política nacional. Como o nome de um dos tópicos deste capítulo diz, estes são fragmentos de uma história. Isso não significa dizer que não há mais que isso. Certamente há muito a ser contado, explorado e pesquisado. Aderiu-se neste trabalho à mesma linha de pensamento de Ortriwano (2003, p. 67) quando afirma que: “a opção foi destacar alguns momentos importantes do processo de evolução do jornalismo radiofônico, deixando de lado muitos fatos, dados e personagens. Ou seja muitas outras histórias possíveis”.

### 3. ELEIÇÕES DE 1978: PROTAGONISMO DA RÁDIO ALVORADA

Antes de recontar a história da cobertura feita pela Rádio Alvorada nas eleições de 1978 para o cargo de senador, faz-se necessário uma explicação dos aspectos políticos que permearam a época estudada. Portanto, para melhor compreensão, o primeiro tópico deste capítulo é destinado ao contexto das eleições de 1978 no Brasil e no Paraná. Serão abordados temas como bipartidarismo, pluripartidarismo, Arena, MDB, e também um breve histórico dos candidatos concorrentes ao Senado. Após essa explicação necessária à compreensão do contexto político da época, um breve histórico da Rádio Alvorada será apresentado para então a cobertura ser reconstruída com base nos depoimentos dos personagens envolvidos e nas matérias veiculadas no jornal *Folha de Londrina* sobre o assunto.

#### 3.1 ASPECTOS POLÍTICOS, PARTIDOS E CANDIDATOS

Segundo Júnior (in CODATO e SANTOS, 2006, p 71) de 1945 a 1964, após a deposição de Vargas, o Brasil viveu um clima de resgate da democracia com o pluripartidarismo voltando a vigorar: “trazia no seu bojo siglas de linha conservadora, como a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrático (PSD), e de linha trabalhista-reformista, como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Democrata Cristão (PDC).” (JÚNIOR in CODATO e SANTOS (org), 2006, p. 71).

Com o poder nas mãos dos militares<sup>9</sup>, a partir de 1964, passou a vigorar o bipartidarismo: “como o novo governo não obteve êxito ao trabalhar com os partidos políticos do antigo regime, optou pela extinção do pluripartidarismo e no seu lugar [...] permitiu-se a existência de apenas dois partidos políticos: um de apoio ao governo e outro de oposição.” (JÚNIOR in CODATO e SANTOS (org), 2006, p. 72):

---

<sup>9</sup> Neste caso, não será feita uma contextualização histórica e social do período, uma vez que a intenção aqui é tratar a questão da organização partidária que influenciou as eleições de 1978.

A arquitetura partidária brasileira foi tratada direta e secamente no artigo 18 do AI-2, que lhe alterou as formas, instituiu um novo conteúdo ideológico e forçou ainda mais uma profunda modificação no destino do país. Diz o texto: “Art 18 – Ficam extintos os atuais Partidos Políticos e cancelados os respectivos registros. (MOSQUERA in CODATO e SANTOS (org), 2006, p. 99)

Sob o sistema bipartidário do governo militar, dois organismos foram criados para representar o Legislativo: um partido oficialmente de situação, outro oficialmente de oposição: respectivamente a ARENA e o MDB (MAGALHÃES, 2001, p. 85).

A Arena (Aliança Renovadora Nacional), foi fundada em 04 de abril de 1966 e foi um partido que operou como braço político do Exército: “explícita ou implicitamente, a Arena simbolizava as orientações oficialmente tomadas pelo sistema político vigente, ou seja, o desenvolvimento capitalista sob um ambiente de paz social controlada.” (CEW in MOSQUERA in CODATO e SANTOS (org), 2006, p. 101).

Como candidato ao cargo de senador nas eleições de 1978, a Arena paranaense lançou Odilon Túlio Vargas<sup>10</sup>. Conhecido como Túlio Vargas, o candidato nasceu em Piraí do Sul – Paraná em 28 de junho de 1929. Além de político foi também historiador e presidente da Academia Paranaense de Letras. Faleceu em 27 de março de 2008.

O MDB (Movimento Democrático Brasileiro) foi o partido criado sob o regime militar que representava a oposição ao governo: “o partido foi fundado em 24 de março de 1966 e mesmo em tempos de ditadura foi atuante na política nacional: demonstrou uma grande capacidade de articulação em um período em que a estrutura político-burocrática então vigente fornecia todos os elementos para o seu fracasso.” (JÚNIOR in CODATO e SANTOS (org), 2006, p. 71).

Para o pleito de 1978, o MDB paranaense apresentou dois candidatos lançando mão da alternativa criada para lidar com divergências dentro do partido, a chamada sublegenda: “as quais permitiram aos grupos rivais disputarem,

---

<sup>10</sup> A biografia dos candidatos: Túlio Vargas, José Richa e Enéas Faria foi consultada no site oficial do Senado, disponível em <<http://www.senado.gov.br/>>

dentro da mesma sigla, os pleitos na esfera local.” (JÚNIOR in CODATO e SANTOS (org), 2006, p. 72). Sobre a questão da sublegenda, Alves e Batista afirmam: “para as eleições majoritárias [...] cada partido tem o direito de apresentar até três candidatos, em sublegendas. A soma dos votos destas sublegendas determina qual dos partidos é vencedor, privilegiando aquele dos seus candidatos que receber o maior número de votos” (ALVES E BAPTISTA, 1979, p. 29).

No caso do MDB, os candidatos que concorriam às eleições eram José Richa, e, pela sublegenda, Enéas Faria. José Richa nasceu no estado do Rio de Janeiro, em São Fidelis, em 11 de setembro de 1934. Apesar de carioca, foi criado no norte pioneiro do Paraná. Em sua carreira política, Richa exerceu liderança estudantil, atuou como deputado federal, foi prefeito de Londrina, governador do estado do Paraná e um dos fundadores do MDB no Estado. Faleceu em 17 de dezembro de 2003. Enéas Faria, nasceu em 16 de novembro de 1940 em Curitiba e ocupou cargos de vereador, deputado estadual e federal e também de senador. Além da política atuou também no Direito e na Publicidade. Faleceu em 01 de setembro de 2004.

De 1966 a 1978 o Brasil permaneceu sob o sistema bipartidário: “já em 1979, é decretado novo conjunto de reformas que [...] extingue a ARENA e o MDB e estabelece as eleições diretas [...] permitindo ainda o pluripartidarismo, e extingue o bipartidarismo” (MAGALHÃES, 2001, 87)

Essa informação é importante uma vez que a eleição abordada neste trabalho foi a última ocorrida sob o bipartidarismo. Após 1978, optou-se pela abertura e volta ao pluripartidarismo: “surgiram, primeiro, o Partido Democrático Social (PDS) em lugar da Arena e, em substituição ao MDB, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)” (MOSQUERA in CODATO e SANTOS (org), 2006, p. 101).

### 3.2 ELEIÇÕES DE 1978 NO BRASIL E NO PARANÁ

As eleições parlamentares brasileiras de 1978 foram disputadas em dois níveis: eleições majoritárias para o Senado Federal e eleições proporcionais para Deputado Federal e Estadual. Nessa época, como foi explicado no tópico anterior, apenas dois partidos eram legais no Brasil: a Aliança Renovadora Nacional, ARENA, composta pelos que apoiavam o regime, e o Movimento Democrático Brasileiro, MDB, no qual estavam integradas as forças de oposição.

De acordo com a emenda Constitucional nº 8, de 14/04/1977, cada estado elegeria dois senadores, sendo um deles por voto direto e o outro por voto indireto na figura do Colégio Eleitoral Estadual:

Cada um dos 22 Estados da federação brasileira elegeu, em 1978, um senador [...] e através de medidas eleitorais autoritariamente otorgadas em abril de 1977, o Governo, para garantir sua maioria no Senado, reservou-se o direito de nomear um senador em cada Estado escolhido dentre os notáveis do partido que o apóia. Estes senadores não eleitos passaram a ser conhecidos no jargão político pela designação de 'biônicos'. (ALVES E BAPTISTA, 1979, p. 30)

Sobre a indicação de senadores, Ossamu Nonaka, um dos entrevistados<sup>11</sup> e jornalista na época, relembra o fato: “lembre que estávamos na ditadura ainda [...] você tinha senadores biônicos. Chamados biônicos. Eram senadores que não eram eleitos pelos votos” (NONAKA, 2009).

No Paraná, o eleitorado já chegava a 3.565.871 cidadãos em 1978, conforme mostra a matéria publicada pela *Folha de Londrina*<sup>12</sup> (Figura 1 – próxima página) no dia 02 de novembro de 1978. Deste total, 2.639.050 compareceram às urnas.

---

<sup>11</sup> A entrevista com Ossamu Nonaka (Shoni) foi realizada no dia 26 de ago de 2009.

<sup>12</sup> Todas as imagens deste trabalho estão disponíveis no CD que o acompanha para uma melhor visualização.

# Quantos podem votar

No próximo dia 15 estarão aptos a comparecer às urnas 46.862.719 brasileiros, para eleger senadores, deputados federais e deputados estaduais. São Paulo é o Estado com maior número: 10.241.247. E o Território de Roraima tem o menor contingente eleitoral: 26.456. Em Brasília existem 333.918 eleitores bionicos ao inverso: existem, mas não tem força nenhuma, pois não votam, eis que a Capital Federal não tem representação politica no Congresso Nacional. Só votam as pessoas que residem lá e têm inscrição eleitoral em outros Estados, tendo requerido transferencia de sua folha de votação. No Paraná – o quarto Estado com maior numero de eleitores – podem votar 3,565.871.

Eis o número de votantes, por Estados e Territórios:

Acre – 99.204
Alagoas – 519.434
Amazonas – 487.701
Bahia – 3.213.099
Ceará – 1.948.466
Espírito Santo – 739.164
Goiás – 1.600.977
Maranhão – 1.077.915
Mato Grosso – 895.391
Minas Gerais – 5.578.744
Pará – 1.274.595
Paraíba – 1.208.091
Paraná – 3.565.871
Pernambuco – 2.050.910
Piauí – 756.987
Rio de Janeiro – 5.189.870
Rio Grande do Norte – 727.514
Rio Grande do Sul – 3.646.054
Santa Catarina – 1.686.164
São Paulo – 10.241.247
Sergipe – 356.218
Amapá – 50.027
Rondônia – 102.620
Roraima – 26.456
Total – 46.862.719

Figura 1 - *Folha de Londrina* – 02/11/1978

No dia 09 de novembro de 1978, o Jornal *Folha de Londrina* divulgou um modelo da cédula de votação (Figura 2 – próxima página). A matéria, intitulada Aos Eleitores de Primeira Viagem, trazia informações sobre a votação daquele ano.

PARA SENADOR ASSINALE APENAS UM QUADRO		PARA DEPUTADO FEDERAL	
<input type="checkbox"/>	<b>JOSÉ RICHÁ</b> Suplente: Aírton Reis	Nome do Candidato ou número do Candidato.....	
<input type="checkbox"/>	<b>ENÉAS EUGÊNIO PEREIRA FÁRIA</b> Suplente: Edgar Virmond Arruda	iniciais ou Sigla do Partido	<input type="text"/>
<input type="checkbox"/>	<b>TULIO VARGAS</b> Suplente: Mário Petrelli Suplente: Mário Costa	PARA DEPUTADO ESTADUAL	
		Nome do Candidato ou número do Candidato.....	
		iniciais ou Sigla do Partido	<input type="text"/>

Figura 2 - Folha de Londrina – 09/11/1978

Nas eleições de 1978, o MDB foi o partido mais votado em âmbito nacional. Magalhães (2001, p. 87) afirma que “O MDB, visto até 1970 como um partido ilegítimo para representar as oposições, conquista, gradativamente, a opinião pública descontente com a política governamental”:

A oposição e a imprensa brasileira consideram o resultado das eleições de 1978 como uma vitória antigovernamental pelo facto de o MDB ter tido, para o Senado, mais de 4.291.202 votos que a ARENA e ter recolhido vitórias nos Estados mais populosos e economicamente poderosos da Região Centro Sul, ou seja, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. (ALVES E BAPTISTA, 1979, p. 30)

No estado do Paraná, o MDB também teve a maioria de votos para o cargo de senador, conforme mostra a tabela abaixo:

Estado	ARENA	MDB	Branços	Nulos
Paraná	1.083.573	1.149.533	208.183	197.761

Tabela 1 - PROSADEN – Centro de Processamento de Dados do Senado Federal - 8 de Jul de 1979  
Fonte: (ALVES E BAPTISTA, 1979, p. 31)

O MDB obteve, em 1978, resultados positivos inclusive em regiões historicamente conservadoras, como no caso de Curitiba. O Gráfico 1 compara a

votação dos dois partidos nos cinco municípios com o maior colégio eleitoral da época:

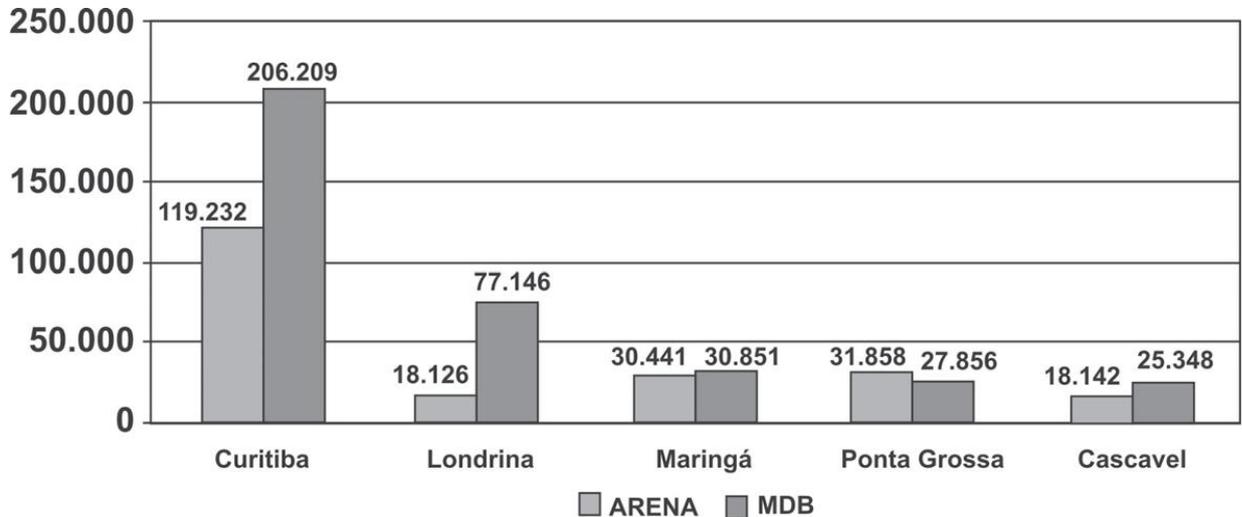


Gráfico 1 - Fonte: TRE- PR

Pela análise do gráfico da eleição de 1978, é possível perceber que a vitória de José Richa foi possível graças aos votos obtidos nas áreas mais urbanizadas, como Curitiba e Londrina. Apenas Ponta Grossa demonstrou uma preferência arenista.

De fato, a cidade de Londrina constituiu-se em um dos mais importantes redutos emedebistas do estado: “dessa cidade saíram nomes como os de José Richa, Álvaro Dias, o próprio Dalton Paranaguá, Leite Chaves e outros. (JÚNIOR in CODATO e SANTOS (org), 2006, p. 91).

No dia 16 de novembro de 1978, um dia após a eleição, a *Folha de Londrina* divulgou uma matéria (Figura 3 – próxima página), intitulada *Richa: Apesar de tudo acho que estou eleito*, em que afirma: “O candidato do MDB acredita que terá mais de 80% dos votos para o Senado, em Londrina. Ele faz essa estimativa baseado em prévias. E em Curitiba diz também esperar uma expressiva e surpreendente votação”.

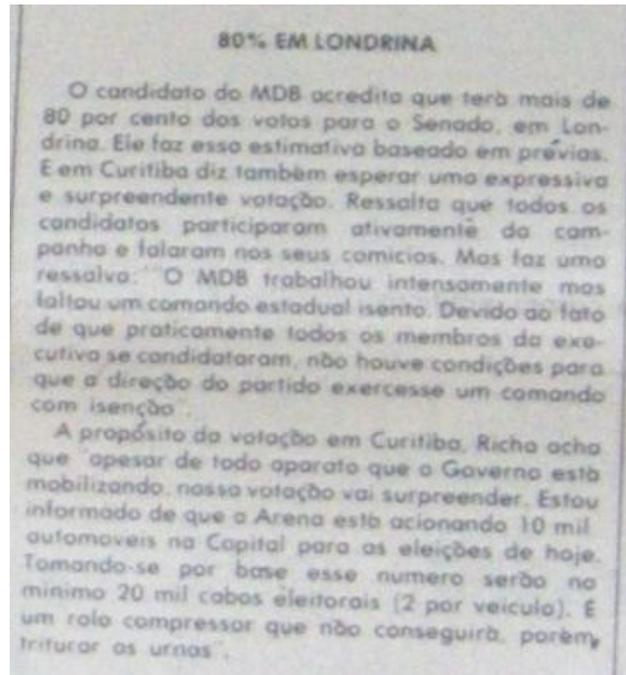


Figura 3 - Folha de Londrina – 16/11/1978

Sobre a participação londrinense na eleição de José Richa, Salvador Francisco, um dos jornalistas entrevistados<sup>13</sup>, afirma: “Londrina sempre foi uma cidade, digamos, de esquerda. Aqui, como existiam dois partidos na época da ditadura o MDB e Arena, Londrina sempre foi uma cidade ligada mais ao MDB.” Esta afirmação é confirmada também pelo jornalista Jair Gazolli<sup>14</sup>: “Londrina sempre foi uma cidade de espírito oposicionista com relação ao governo [...] era uma cidade, assim, oposicionista. Que marcava oposição.”

Agora que os aspectos políticos referentes à época estudada neste trabalho já foram abordados, o próximo tópico é destinado à um breve histórico da Rádio Alvorada AM.

<sup>13</sup> A entrevista com Salvador Francisco foi realizada no dia 20 de novembro de 2009.

<sup>14</sup> A entrevista com Jair Gazolli foi realizada no dia 19 de novembro de 2009.

### 3.3 RÁDIO ALVORADA AM: BREVE HISTÓRICO

Visto que a Rádio Alvorada é o objeto de estudo desta pesquisa, faz-se necessária uma abordagem a respeito da mesma e de seus aspectos históricos. Para tanto, o material utilizado aqui compõe-se de informações do site oficial da emissora e contidas no livro *Da Rádio Londrina à Rádio Universidade: uma história de muitas histórias*, onde a pesquisadora Francisca Souza Mota Pinheiro faz um histórico da grande maioria das rádios londrinenses.

A Rádio Alvorada – AM 970 é uma emissora católica que, desde sua fundação, segue a filosofia cristã: “fiel aos seus princípios de emissora católica, desde o início se apresenta com o slogan “emissora da família paranaense” (PINHEIRO, 2001, p. 101). A rádio foi inaugurada oficialmente em 18 de abril de 1964:

De acordo com o Decreto número 218 de 24 de novembro de 1961, que trata da outorga de concessão da Rádio Alvorada, o seu quadro societário e diretivo original era formado pelos cotistas Dom Geraldo Fernandes e padre Marconi Freire Montezuma. Mais tarde, a Portaria CONTEL nº 08/64, de doze de março de 1964, autoriza a Rádio Alvorada de Londrina a transformar-se em Fundação – Fundação Mater Et Magistra de Londrina. A mesma portaria aprova ainda os estatutos sociais da Fundação bem como o novo quadro diretivo que, na época, tinha como presidente o padre José Fernandes Strigari e mais oito padres como diretores. (PINHEIRO, 2001, p. 100)

Segundo site oficial a Rádio Alvorada, além de comunicar, evangelizar e entreter, busca também servir a população londrinense:

Além de música, entretenimento, informação e evangelização, a Rádio Alvorada oferece em sua programação espaços para divulgação de campanhas educativas, formativas e informativas de órgãos públicos e privados. Oferece também apoio a Instituições carentes da cidade de Londrina e região como o Instituto do Câncer, Narcóticos Anônimos, CRISTMA; divulga campanhas lançadas pelo governo ou outro órgão em caso de calamidades públicas campanhas do agasalho, campanhas da fraternidade e está sempre atenta aos acontecimentos para ser porta-voz dos anseios dos seus ouvintes. A prestação de

serviço inclui divulgação de boletins informativos sobre saúde, educação no trânsito, notícia de interesse geral como notas sobre educação, acontecimentos da Igreja em Londrina, no Brasil e no mundo, entre outros. (Site Oficial da Rádio <http://www.radioalvorada.am.br/>)

Por ser uma emissora diretamente ligada a uma fundação religiosa, a Rádio Alvorada afirma não visar lucro, mas obtém ajuda de formas variadas para se manter: “mesmo sem visar lucro, além das mensalidades pagas pelos fiéis que fazem parte do Clube do Sócio Contribuinte, a Rádio Alvorada também conta com a participação dos anunciantes” (PINHEIRO, 2001, p. 100).

Com relação à programação da Rádio Alvorada ao longo dos anos, pode-se destacar o programa *Escolas Radiofônicas*, um “projeto educativo de alfabetização de adolescentes e adultos no meio rural”:

O programa das Escolas Radiofônicas tinha entre uma hora e uma hora e meia de duração e era transmitido, diretamente do estúdio pela professora Marina Deliberador. As aulas constavam noções de Língua Portuguesa, História e Geografia do Brasil, Aritimética, Ciências, Higiene, Moral e Cívica, Canto e Catecismo. (PINHEIRO, 2001, p. 103).

O programa teve grande destaque na programação da Rádio Alvorada e, segundo o site oficial da emissora, formou mais de 100 escolas, somando cerca de mil alunos entre crianças e adultos. O projeto foi idealizado pelo padre José Guidorene, durou do ano de 1961 a 1965 e terminou quando foi estabelecida a obrigatoriedade de transmissão do Projeto Minerva, projeto de ensino a distância do governo utilizado no período militar:

No dia 04 de outubro de 1970, o Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura começa a operar o Projeto Minerva. Eram cinco horas semanais, com trinta minutos diários de segunda a sexta e uma hora e 15 minutos aos sábados e domingos. A Rádio MEC, do Rio de Janeiro, gerava a programação educativa, via Embratel, para todo o país. (FERRARETO, 2001, p. 162)

A programação esportiva também teve destaque na Rádio Alvorada.

A emissora integrou-se à cadeia Verde Amarela da Rádio Bandeirante de São Paulo o que possibilitou a transmissão de jogos de interesse nacional (PINHEIRO, 2001, p. 105). Além disso, o jornalismo também marcou o trabalho da Rádio Alvorada, como afirma Pinheiro:

Ao contrário das outras emissoras que tiveram sua fase áurea na década de 60, início de 70, esta fase aconteceu para a Alvorada entre 1978-1980. O radiojornalismo liderava sua programação. Dezoito correspondentes espalhados por diversas cidades do Estado, cinco repórteres locais, dois editores, além do diretor responsável e do pessoal técnico, mantinham no ar diariamente das sete às oito da manhã, o Jornal da Alvorada e boletins de cinco minutos a cada uma hora, até as 22 horas. Dentro desta proposta de fazer um jornalismo sério, dinâmico e atuante, a Rádio Alvorada enviou jornalistas que cobriram diretamente do exterior fatos como a visita do papa João Paulo II ao México, a Conferência Episcopal Latino Americana em Puebla, a visita do ex-presidente Ernesto Geisel à Alemanha. (PINHEIRO, 2001, p. 104)

A questão de ter um jornalismo atuante entre os anos de 1978 a 1980 está diretamente ligada à cobertura das eleições de 78 feita pela rádio. Pode-se perceber que a Alvorada foi diretamente influenciada pela cobertura feita neste ano, uma vez que o jornalismo da emissora tornou-se forte e reconhecido no período. Essa cobertura da Rádio Alvorada nas eleições de 78 também está registrada no livro da pesquisadora Francisca Pinheiro da seguinte forma:

Outro grande destaque do trabalho Jornalístico da Rádio Alvorada está relacionado às eleições para senador, realizadas em 1978. Através de um trabalho profissionalmente sério, uma grande equipe de jornalistas liderada por Coutinho Mendes conseguiu impedir que houvesse manipulação na eleição e até mesmo dos resultados das eleições. (PINHEIRO, 2001, p. 104)

No próximo tópico deste capítulo pretende-se, a cobertura das eleições de 1978 para o Senado será abordada utilizando-se, para isso, os materiais coletados ao longo da pesquisa: entrevistas com os personagens da história e reportagens veiculadas na *Folha de Londrina*.

### 3.4 COBERTURA DAS ELEIÇÕES DE 78 PELA RÁDIO ALVORADA

O último tópico do trabalho é destinado à reconstrução da cobertura feita pela Rádio Alvorada nas eleições para o Senado de 1978 e, para uma melhor compreensão dos fatos, ele será estruturado na forma de uma narrativa mesclada com depoimentos dos entrevistados e documentos coletados ao longo da pesquisa.

Como foi visto anteriormente, no ano de 1978, Túlio Vargas (Arena), José Richa (MDB I) e Enéas Faria (MDB II) pleiteavam o cargo de Senador da República. Destes nomes, sairia um eleito para representar o estado do Paraná no Senado. E foi nesse contexto que a Rádio Alvorada entrou em cena. O jornalista Waldimir José Coutinho Mendes, mais conhecido como Coutinho Mendes, montou um esquema de apuração para as eleições para senador daquele ano que visava uma coleta confiável de dados:

Como eu tinha bastante experiência na área de rádio e nunca deixei o rádio [...] a medida que era possível a gente ia fazendo isso [...] surgiu a ideia de fazer a cobertura da eleição daquele ano. Já que ia fazer, surgiu a ideia de montar um bom esquema de coleta das informações. Porque na época não tinha. Você não tinha nada que repassasse a informação como tem hoje [...] então tinha que montar uma estrutura. (MENDES, 2009)

A cobertura estruturada pela Rádio Alvorada era uma espécie de apuração paralela que funcionava da seguinte forma: estabeleceu-se, anteriormente, uma rede de contatos com as rádios do Paraná todo, cuja intenção era a de criar uma colaboração entre os veículos e realizar uma espécie de cobertura em rede. Os repórteres das rádios acompanhavam a contagem dos votos diretamente do local onde a mesma estava sendo realizada e a medida em que os números iam sendo divulgados, eles passavam os resultados parciais da região para a Rádio Alvorada.

Uma vez que o resultado chegava até a Rádio Alvorada ele era lançado em um grande mapa e contabilizado: “então ia somando município por município [...] fazendo nossa soma. Richa tantos votos, Túlio tantos, fulano tanto, em branco tanto, nulos tanto [...]” (MENDES, 2009). Dessa forma, eram divulgados

resultados parciais do estado todo.

A cobertura idealizada por Coutinho Mendes representava algo novo: “ele tinha interesse em inovar a transmissão da contagem de votos [...] a nossa intenção era adiantar o máximo possível e fazer a mais exata possível” (NAKAYAMA, 2009). Além da inovação, o trabalho tinha também a intenção de dar credibilidade à uma cobertura feita para o radiojornalismo: “teve um jornalista que montou esse esquema de cobertura, muito mais jornalisticamente, pra dar eficiência jornalística a uma cobertura.” (NONAKA, 2009). “Foi uma proposta de que conseguíssemos realmente cobrir a eleição de Senado no Paraná de forma a não haver falhas.” (FRANCISCO, 2009).

Até então, Coutinho já tinha trabalhado na cobertura de eleições, mas em âmbito local. Essa foi a primeira cobertura idealizada e estruturada por ele em nível estadual:

Já tinha experiências de eleições locais, eleições pra prefeito. É que a gente tinha muita cobertura, mas de coisa local [...] nessa eleição nós resolvemos fazer uma cobertura estadual, coleta mesmo desses números [...] então conseguimos ter um panorama do estado, porque a gente não ficava limitado nas informações só da capital, fazia coleta mesmo município por município. (MENDES, 2009).

Em matéria<sup>15</sup> veiculada pela *Folha de Londrina* do dia 18 de novembro de 1978, a experiência de Coutinho na cobertura de eleições é relatada da seguinte forma: “Coutinho já organizara anteriormente várias outras eleições, mas admite que nenhuma delas suplantou em eficiência, o esquema deste ano”.

A maioria dos entrevistados para essa pesquisa já conhecia Coutinho Mendes, visto que grande parte deles já havia trabalhado juntos em outros veículos de comunicação. Segundo os entrevistados, ele era um jornalista muito experiente com uma visão estratégica e que, de fato, entendia de eleições:

---

<sup>15</sup> A matéria, intitulada *O dia em que a Alvorada derrotou a Rede Globo*, está reproduzida na página 88 deste trabalho.

Coutinho Mendes foi o idealizador dessa cobertura, o mentor, o intelectual dessa cobertura da rádio, das eleições [...] ele sempre foi um jornalista com boa visão do que é uma cobertura de rádio. Ele tinha experiência já também. É uma pessoa bastante organizada. E que tinha essa ambição de [...] fazer um bom jornalismo de rádio. Sempre teve isso. Ele sempre quis fazer. (NONAKA, 2009)

Na época de estruturação da cobertura, Coutinho já trabalhava na Rádio Alvorada, tendo sido ele mesmo o responsável pela implantação do Departamento de Jornalismo na emissora: “veio a época que o Coutinho Mendes assumiu a direção de jornalismo da rádio. Foi ele então que adotou o sistema de jornal editado, onde todas as entrevistas eram editadas”. (ROCHA, 2009). O jornalismo projetado por Coutinho na emissora era, segundo os entrevistados, inovador:

O Coutinho tinha iniciado um esquema novo de jornalismo no rádio que não tinha. Com matérias editadas, boletins a cada meia hora [...] implantou o sistema de gravar. Fazer entrevista gravada. Editar entrevista. Fazer uma chamada, uma abertura. Até uma passagem do repórter, às vezes no meio da matéria também, coisa que em rádio não se via. (GAZOLLI, 2009)

Antes do início da cobertura, Coutinho já havia inovado de várias formas o radiojornalismo londrinense. Mesmo sendo uma rádio pequena, de cunho religioso, voltada para um público mais definido, foi na própria Rádio Alvorada que a cobertura montada especificamente para as eleições no âmbito estadual ocorreu.

À época os estúdios da emissora Rádio Alvorada estavam localizados no nono andar Edifício Júlio Fuganti<sup>16</sup> e ocupavam apenas duas salas do prédio. Os equipamentos utilizados eram bem simples: “as gravações eram em fita de rolo, aqueles gravadores antigos. Aí era editado, aquilo era gravado e ficava arquivado” (ROCHA, 2009). O número de funcionários era razoavelmente pequeno: “não tinha muita gente porque a rádio era enxutinha. Era o diretor, um sonoplasta [...] e o locutor” (NONAKA, 2009). A quantidade de repórteres também era bastante reduzida, por isso, foi necessário que se contratasse mais funcionários para a cobertura:

---

<sup>16</sup> Edifício localizado na Rua Senador Souza Naves, nº 9, em Londrina –PR.

Existia um jornalismo meio que incipiente e aí a gente tinha uma equipe pequena. Mas pra essa cobertura especificamente o Coutinho [...] acabou montando uma equipe mais pesada. Eu era da equipe da rádio, me juntei a outras pessoas. Tinha gente até de fora da rádio que veio só para esta cobertura. Mas eu era funcionário da rádio, como repórter e acabei participando desta cobertura. (FRANCISCO, 2009)

Jair Gazolli foi um dos jornalistas contratados especificamente para o trabalho na cobertura: “quando ele (Coutinho) resolveu fazer a cobertura, a estrutura da rádio não seria suficiente. Eu não trabalhava na rádio na época [...] mas, algumas pessoas de confiança ele convidou para trabalhar lá [...] para ajudar”. (GAZOLLI, 2009).

Além da contratação de funcionários na própria Rádio Alvorada, foi necessária também a formação de uma rede colaborativa com as emissoras de rádio das cidades do Paraná:

Então começamos com antecedência montando uma rede de correspondentes. E uma rede de emissoras que se beneficiaria desse trabalho. Eles coordenariam o trabalho na sua cidade e repassariam pra nós e nós repassaríamos pra eles a totalização. (MENDES, 2009).

No dia anterior à eleição, a Rádio Alvorada publicou um anúncio na *Folha de Londrina* (14 de novembro de 1978 - Figura 4 – próxima página) no qual divulgava o esquema de cobertura montado para a ocasião. O slogan da cobertura era: “*Voto por Voto – A eleição na Alvorada*”. Segundo o anúncio, aproximadamente quarenta emissoras de rádio de todo o estado fariam parte da rede montada.

# Voto por voto

## A eleição na Alvorada

Nesta eleição, quem conta os votos é a Rádio Alvorada/Folha de Londrina. Cobertura total da apuração no Paraná para você ficar sabendo, a todo momento, quem está vencendo. A Central Eleitoral da Alvorada/Folha de Londrina vai funcionar dia e noite para acompanhar a marcha da apuração.

+ Os votos serão computados pela Central de Processamento de Dados da EXACTUS.

**Rádio Alvorada**  
Ondas Médias - 970 khz/Ondas Curtas - 3.335 khz

**Emissoras que compõem a Rede Alvorada de Rádio para cobertura da apuração da eleição no Paraná:**

Cornélio Procopio - Rádio Cornélio Procopio; Araçongas - Rádio Araçongas; Apucarana - Rádio Difusora; Mandaguari - Rádio Mandaguari; Maringá - Rádio Cidade Canção; Nova Esperança - Rádio Nova Esperança; Paranavai - Rádio Cultura; Cianorte - Rádio Porta Voz; Umuarama - Rádio Cultura; Palotina - Rádio Cultura; Campo Mourão - Rádio Colméia; Cascavel - Rádio Colméia; Jaguariava - Rádio Jaguariava; Castro - Rádio Castro; Ponta Grossa - Rádio Clube Pontagrossense; Lapa - Rádio Legendária; Antonina - Rádio Antoninense; Paranaguá - Rádio Difusora; Araucária - Rádio Iguaçu; União da Vitória - Rádio Colméia; Laranjeiras - Rádio Educadora; Guarapuava - Rádio Difusora; Cambaí - Rádio Cambaí; Piraí do Sul - Rádio Piraí do Sul; Rio Negro - Rádio Negro; Monte Alegre - Rádio Monte Alegre; Bandeirantes - Rádio Cabiuna; Capenema - Rádio Capenema; Chopinzinho - Rádio Coroados; Coronel Vivida - Rádio Vicente Pallotti; Cruzado do Oeste - Rádio Difusora; Dois Vizinhos - Rádio Educadora; Foz de Iguaçu - Rádio Cultura; Goioerê - Rádio Goioerê; Ivaiporã - Rádio Ubá; Jacarezinho - Rádio Jacarezinho; São José dos Pinhais - Rádio Tapajós; Toledo - Rádio Guaçu; Guaíra - Rádio Educadora; Vale do Rio Paraná; Guaraniçup - Rádio Clube Centro-Oeste; Matelândia - Rádio Matelândia; e, Marechal Cândido Rondon - Rádio Difusora.

Figura 4 – Folha de Londrina 14/11/1978

As emissoras seriam as responsáveis pelo levantamento dos números da região em que estavam localizadas. Os repórteres da Rádio Alvorada tinham uma lista de correspondentes para os quais eles deveriam ligar e coletar os números: “nós tínhamos uma lista enorme que ficávamos ligando. Cada um tinha uma relação de vinte cidades que você tinha que ficar ligando constantemente e éramos em seis, mais ou menos, simultaneamente” (NONAKA, 2009). “Participávamos operacionalmente dos contatos com as emissoras de rádio das cidades do Paraná para poder pegar os resultados” (FRANCISCO, 2009).

Na época, não existia telefonia móvel e a alternativa encontrada foi a de os correspondentes passarem os números aos repórteres da Rádio Alvorada pelos próprios telefones dos fóruns eleitorais de onde saíam os resultados: “você tinha que marcar mais ou menos com o correspondente, determinada hora, porque ele não tinha telefone celular como tem hoje [...] você tinha que ligar pra determinado telefone e ele estar lá pra atender” (NONAKA, 2009).

O contato telefônico entre os repórteres da Rádio Alvorada e os correspondentes das rádios associadas era feito, segundo os entrevistados, com uma frequência de aproximadamente quinze minutos:

A gente ficava ligando um atrás do outro. Ligando, anotando os números que os correspondentes nos passavam, marcando a hora que foi, pra você não ficar repetindo as chamadas para o mesmo lugar. Porque dependendo do tamanho da comarca, você tinha que ligar mais vezes. Para as comarcas menores, onde juntava cidades pequenas você ligava menos vezes. Porque o processo era mais lento e tudo mais. Em cidades maiores, tinha várias cidades sendo apuradas simultaneamente, você tinha que ligar mais vezes. (NONAKA, 2009)

A apuração demorava de três a quatro dias, visto que ainda era por contagem de cédulas. Os dias subsequentes à votação foram de muito trabalho na Rádio Alvorada e a redação da rádio ficou muito movimentada: “trabalhava muito, bastante. O pessoal fazendo escuta em rádios [...] tinha os contatos, os correspondentes de outras cidades. Então toda hora o telefone, e sintonia em emissoras das capitais pra atualizar [...] então era bem corrido” (ROCHA, 2009)

Teoricamente, cada repórter trabalhava um turno de seis horas na rádio, mas como a cobertura era muito corrida “todos se empenhavam enquanto não terminava a eleição, a apuração” (ROCHA, 2009):

Tinha gente que não largava. Por exemplo: trabalhava seis horas, depois dormia algumas horas e depois voltava e pegava de novo o turno. Ninguém queria saber se tava trabalhando mais que os outros. Ficava ali, porque criou-se um clima ali dentro de solidariedade um com o outro ali e você não queria nem se afastar. Teve gente que dormia ali no sofazinho, no banquinho que tinha.

O clima na redação durante esse período foi de auxílio mútuo: “era assim de coleguismos muito forte, de trabalho. Todo mundo dando melhor de si, ninguém se preocupando com horário” (GODOY, 2009)

No mesmo anúncio (Figura 4 página 73), há também a divulgação de que a *Exactus* e a *Folha de Londrina* seriam parceiras na cobertura realizada pela Alvorada, mas, segundo a maioria dos entrevistados, o jornal londrinense não

participou do esquema:

Tanto que a *Folha de Londrina* dava um número e nós dávamos outros. Os números que a Folha apresentava eram os que recebia do Palácio do Iguazu, como todos os demais veículos de comunicação, porque foi montado assim pelo Governo do Estado, pelo Tribunal Regional Eleitoral pra que a fonte de informação fosse uma só e oficial. (NONAKA, 2009)

Já a Exactus, empresa pioneira de softwares para computador da cidade de Londrina, associou-se à Rádio Alvorada nessa cobertura. A parceria já havia acontecido em outras eleições anteriores de âmbito municipal. Esta seria a primeira vez em que se faria uma cobertura estadual com a empresa. A tecnologia utilizada era bastante precária se comparada à atual, mas ainda assim, era algo inovador para a época:

Quando nós começamos, nós tínhamos um computador que chamava IBM – 360/ 20. Era um computador bem fraquinho. Naquele tempo o IBM 360/20 tinha uma leitora de cartão, uma perfuradora e uma impressora que tinha dois discos. Tinha um gabinete grande e um disco que era removível [...] o disco removível era aquele que trocava a tampa e rosquiava, virava e colocava outro [...] ele tinha na época uns 30 mega. Não cabia quase nada. De fato tinha que ficar trocando. (GAMEIRO, 2009)

Além de mais lento, os computadores eram também muito maiores dos que os de hoje: “não eram computadores portáteis. Eram grandes computadores [...] eram super computadores, aquelas coisas enormes assim, de rolos grandes tal. Então é bem diferente do sistema de hoje” (NONAKA, 2009).

Na época, os computadores não ficavam na sede da Rádio Alvorada e não eram os funcionários da rádio quem operavam a máquina: “a maioria dos jornalistas ali não tinha nem ideia de como estava sendo utilizado, qual o processo” (NONAKA, 2009). As pessoas que tinham acesso aos computadores eram os próprios funcionários da Exactus, que digitavam os dados recebidos:

Na operação do computador tinha um operador. Na digitação devia ter umas cinco, seis pessoas naquela época. Trabalhava dia de domingo

[...] terminava de madrugada. [...] então a gente tinha um trabalho bem mais pesado pra poder digitar. Aquela cobertura foi feita lá ao longo da evolução das coisas [...] era um computador bem mais lento pra fazer. (GAMEIRO, 2009)

O modelo de computador usado na época processava os dados da eleição através da leitura de cartões perfurados. (Figura 5). Cada furo no cartão representava um dado específico digitado anteriormente. Após a digitação, o computador lia as informações contidas no cartão:

Para a entrada nós tínhamos um habilitador de cartão. São 80 colunas. Cada registro de dados poderia ter no máximo 80 colunas, 80 caracteres. Então o pessoal preenchia os boletins lá com número dos candidatos e a quantidade de votos que teve [...] e juntava esses cartões. Vinha na leitura do computador, processava as informações, classificava, colocava em ordem, pegava o saldo anterior de votos somava esse daí e dava um relatório novo a cada meia hora mais ou menos. (GAMEIRO, 2009)

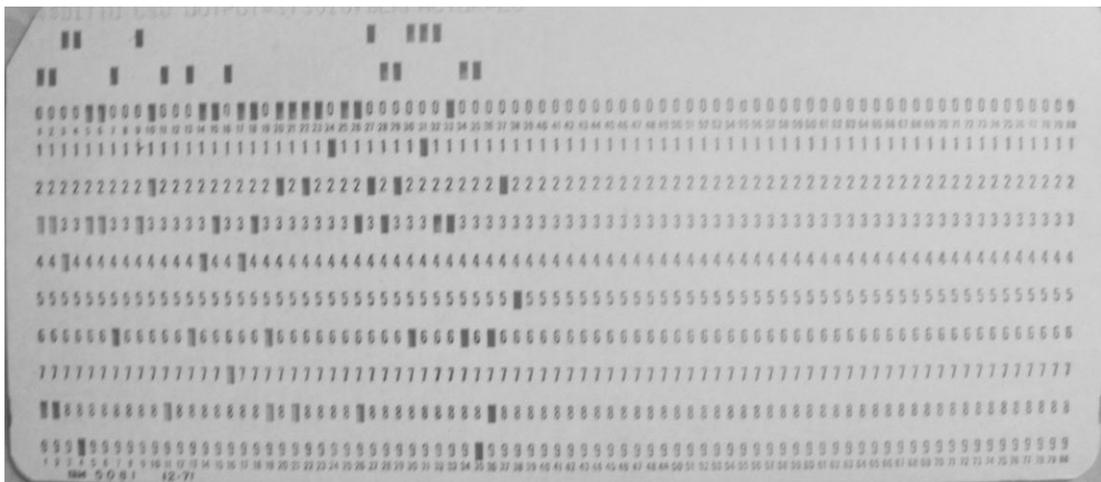


Figura 5 – Modelo de cartão para digitação de dados

Na época, a Exactus estava situada na Rua Goiás e a apuração acontecia na antiga sede do Grêmio, situada na Alameda Manoel Ribas. A distância era pequena e o processo funcionava da seguinte forma: a medida que o preenchimento das tabelas/mapas ia sendo concluído, os dados eram levados até a sede da Exactus para então passar-se para o cálculo dos resultados diretamente no

computador.

A associação feita com a Exactus ocorreu no sentido de uma colaboração entre a rádio e a empresa: “a Exactus entrou com o trabalho de lançamento desses dados, que foi um trabalho importante, porque tinha uma estrutura boa e houve uma receptividade no sentido de fazer mesmo.” (MENDES, 2009). Ainda segundo ele, a parceria propiciava uma “condição de você fazer um trabalho sem ter aquela preocupação de erros da anotação”.

A exatidão dos números divulgados pela rádio foi de extrema importância para o sucesso da cobertura: “a intenção de fazer a parceria é porque a gente dava muito valor à valores exatos e a única forma de fazer um levantamento de valores exatos era através do sistema computacional” (NAKAYAMA, 2009). A parceria visava dar confiabilidade aos números apresentados: “sabíamos que o computador era o afinador, que ele era o calculador final [...] e trabalhava com exatidão. Então se você faz as contas à mão, você pode ter algum erro de digitação, alguma coisa assim. Ali era passado, repassado e era calculado números exatos.” (NONAKA, 2009).

A cobertura foi planejada de forma a se evitar, o máximo possível, a ocorrência de falhas. Por isso, além da participação da Exactus, o esquema contou também com o apoio de um contador, o Hideo Nakayama que ficou responsável pelos números antes que eles fossem processados no computador. Coutinho Mendes já conhecia Nakayama, visto que eles trabalharam juntos no Grupo Paulo Pimentel, e o convidou para fazer parte da equipe na cobertura de 1978: “ele me convidou porque tinha interesse em inovar a transmissão da contagem de votos e precisava de uma pessoa que falasse a respeito das posições, que jeito que poderia ser, antecipadamente” (NAKAYAMA, 2009).

O trabalho realizado por Nakayama funcionava da seguinte forma: conforme os repórteres fossem recebendo as parciais da votação nas cidades do Paraná, através do contato com os correspondentes, esses números iam pra uma mesa central onde eram tabelados para depois serem passados para o computador.

O contato do contador com os jornalistas era pequeno, tanto que o contador ficava em uma sala separada da redação “meu trabalho era só calcular número, projetar e acabou [...] eu sempre gostei dessas coisas, porque como

contador você acaba namorando número né, então eu achei uma boa cobertura.” (NAKAYAMA, 2009).

A participação do contador foi mais um dos elementos que visavam garantir a confiabilidade do processo: “era uma espécie de auditoria [...] uma checagem realmente importante para ver se os dados dos números dos eleitores conferiam com os dados da votação. Enfim, para garantir realmente que aqueles números estavam dentro da realidade. (FRANCISCO, 2009).

Tudo parecia ir de acordo com o previsto: a estrutura montada, a relação com as rádios de outras cidades estabelecida, a colaboração do contador e da Exactus. Mas, o que era para ser apenas uma estratégia jornalística acabou dando novos rumos à eleição. Em determinado momento, os números oficiais do Palácio do Iguazu e os divulgados pela Rádio Alvorada começaram a divergir: “para resumir era assim: Curitiba dava a vitória do Túlio, a Rádio Alvorada dava vitória do Richa” (MENDES, 2009):

Não tinha nada a ver um número com o outro. Pelas divulgações do Governo o Túlio Vargas estava sempre à frente com uma larga margem de votos. Pela nossa contagem o Richa estava à frente com uma larga vantagem de votos (NONAKA, 2009)

Em matéria veiculada pela *Folha de Londrina* do dia 17 de novembro de 1978 (Figura 6 – próxima página), intitulada *Há divergência quanto aos números*, há a seguinte afirmação:

Os resultados parciais divulgados por Curitiba, durante todo o dia de ontem, das eleições do Paraná não coincidiram nunca com os apurados em Londrina pela Rádio Alvorada com a ajuda dos computadores da Exactus, o que deixou o candidato José Richa e diversos dirigentes do MDB apreensivos quanto à possibilidade de ocorrer fraude na apuração.

# Há divergência quanto aos números

Os resultados parciais divulgados em Curitiba durante todo o dia de ontem, das eleições no Paraná, não coincidiram nunca com os apurados em Londrina, pela Rádio Alvorada, com a ajuda dos computadores do Exactus, o que deixou o candidato José Richa e diversos dirigentes do MDB apreensivos quanto à possibilidade de ocorrer fraude na apuração.

Por volta das 14h30m, enquanto em Curitiba se anunciava que Tullio

Vargas estava na dianteira, a Rádio Alvorada divulgava que, em 1.329 urnas apuradas em todo o Paraná, o MDB começava a assumir a liderança da votação, com Richa e Enéas totalizando 114.502 votos, enquanto Tullio Vargas ficava em 112.300, o que dava uma vantagem de 2.200 votos ao partido oposicionista.

As 14h30m a Alvorada, que contava inclusive com um enviado especial mandando informações de Curitiba, apresentava Richa e

Enéas totalizando 163.239 votos, contra 151.895 de Tullio Vargas, subindo assim para 11.344 votos, já em 1.826 urnas, a vantagem do partido da oposição. Duas horas depois tabulando os dados referentes a 2.214 urnas, a Alvorada e a Exactus computavam 194.424 votos para o MDB contra apenas 179.651 para o candidato arenista, ampliando a diferença para 14.773.

Por volta das 20 horas, quando pela apuração feita em Londrina o

serem apurados, vinha uma entrevista com o presidente da Arena paranaense, Afonso Alves de Camargo Neto, já apresentando Tullio como vitorioso.

A uma hora da madrugada, a Alvorada corrigia uma informação que divulgara por volta da meia noite, na qual a diferença entre Arena e MDB havia caído para apenas 5.000 votos; conferidos e computados os resultados de 4.161 urnas, tinha-se, de fato, segundo o levantamento da Exactus, 315.240

votos para Richa e 58.551 para Enéas, totalizando assim o total de 373.792 votos, contra 345.606 para o arenista Tullio Vargas. A diferença favorável ao MDB chegava, assim, a 28.186 votos, tendência hoje, à medida que for sendo encerrada a apuração nas pequenas comunidades, crescer a votação do MDB, restarão as cidades de média e grande porte, nas quais a maioria do eleitorado vem sempre votar na oposição.

Figura 6 – Folha de Londrina 17/11/1978

Na época da cobertura, o padre Trajano Mascaranhas Horta, que hoje reside em Pernambuco, era o diretor da Rádio Alvorada. Tendo em vista as divergências entre os números oficiais e os números divulgados pela Alvorada, Trajano chegou a questionar o trabalho feito na rádio afim de comprovar sua credibilidade: “O padre [...] chegou na redação, e eu estava lá presente, perguntou para o responsável e pros demais: “você garante que o trabalho que nós estamos fazendo é sério, é honesto?” E todos disseram: Sim.” (GODOY, 2009):

Se você está desfilando num grupo e todo mundo levantando o pé direito e você levantando o pé esquerdo, você vai checar se o seu o ritmo tá certo ou não. Por isso ele chamou o Coutinho: “vem cá, o que é isso? Como é que é isso?” Coutinho novamente explicou toda a metodologia. Foi checado, recheado os números e tinham certeza [...] os números conferem. Nós tínhamos pessoas que estão dando informações lá, direto de onde está sendo apurados os votos. Não tem nenhum intermediário. Então não tem como tá errado.” (NONAKA, 2009)

Depois de explicado o processo adotado, o padre resolveu confiar na estrutura montada e apoiar a equipe:

Ele chegou lá na redação, todo mundo numa tensão desgraçada, porque a gente conferindo os números [...] mas a gente super tenso [...] ele chegou lá na porta da redação e fez assim pra nós (*faz sinal de positivo*). Não falou nada. Aquilo foi uma injeção de ânimo. Ele deu um sinal de positivo, pronto. Foi uma injeção de ânimo no pessoal todo. Aquilo mudou. Aquele sinal de positivo, aquele polegarzinho levantado do padre assim pra nós, lá da porta da redação foi o tônico que precisava. A partir dali então, continuamos em frente, todos. Foi um barato. (NONAKA, 2009)

A partir de então, o padre e diretor da rádio, “deu todo apoio, ficava com a gente ali na redação até de madrugada. Ficava lá acompanhando [...] apostou nesse projeto de fazer uma cobertura a nível estadual” (GAZOLLI, 2009).

O fato de a Rádio Alvorada prosseguir com a cobertura souo como um desafio ao governo em plena época de ditadura: “quem não era a favor do governo, automaticamente era contra né. Quem não falava bem, tinha a perseguição” (GAZOLLI, 2009). O locutor Antonio Godoy relembra um episódio marcante de

pressão sofrida pela Rádio Alvorada:

A pressão que a rádio, através do seu diretor, padre Trajano Mascaranhas Horta, estava levando do Palácio do Iguazu principalmente do presidente do partido Afonso Camargo Neto, ele mandou reiterados telegramas pedindo que a Rádio Alvorada, parasse com essa apuração. Veio pessoalmente esse cidadão [...] pressionando, dizendo que se a Rádio Alvorada não mudasse, não apresentasse segundo eles, os números verdadeiros, eles fariam depois alguma coisa, boicotariam. (GODOY, 2009)

Neste momento de divergência de resultados e pressão por parte do governo, ocorreu um fato que colocou em evidência, em rede nacional, as eleições para o Senado no Paraná. No período da cobertura, a cidade de Londrina contava com correspondentes de vários jornais de âmbito nacional: “tinha sucursais do Jornal do Brasil, tinha sucursal da Folha de São Paulo, sucursal do *Estadão*” (NONAKA, 2009). Por isso, além da colaboração do contador e da Exactus, a participação dos correspondentes do jornal *O Globo* e do *O Estado de São Paulo*, Joel Sampaio e Germano de Oliveira, respectivamente, foi, segundo os entrevistados, muito importante para a cobertura no momento em que os números divulgados pela Rádio diferiam dos números oficiais: “fundamental foi a participação dos correspondentes. Eles foram ver como é que nós estávamos apurando. Viram. Acompanharam um bom período. Não tinha como a gente errar. Por que a nossa cobertura estava correta. Onde tivesse apuração nós tínhamos um correspondente. (NONAKA, 2009)

Os correspondentes, uma vez acompanhada a metodologia, passaram a veicular os números da Rádio Alvorada:

Eles pegaram e passaram essas informações pra São Paulo e Rio. E aí que deu a confusão porque os editores lá do Rio falaram: “bom tem alguma coisa errada”. Então aconteceu esse rompimento de informações que estava sendo gerada por Curitiba. A partir daí eles passaram a fazer acompanhamento dos nossos resultados e os nossos resultados acabaram depois sendo confirmados com o resultado final. (MENDES, 2009)

O fato foi considerado positivo para a emissora: “dois jornais

combativos que eram na época, o próprio *O Globo*, como *O Estado de São Paulo*, indo de confronto com o resultado oficial. Eu acho que fortaleceu [...] Porque eles participavam junto. Eles acompanhavam tudo ali no dia a dia”. (GAZOLLI, 2009). “Realmente foi importante, porque foi uma fonte do jornal que estava em Londrina acompanhando o processo de cobertura. Ele estava confiando” (FRANCISCO, 2009).

O problema tomou grandes proporções quando houve uma divergência entre os números da *Rede Globo de Televisão* e do Jornal *O Globo*, ambos da mesma empresa. Joel Sampaio, correspondente do *O Globo* na cidade, enviava matérias ao jornal seguindo os mesmos números da Rádio Alvorada, enquanto a *Rede Globo de Televisão* divulgava números oficiais do Palácio do Iguçu. O fato é relatado em matéria veiculada pela *Folha de Londrina* do dia 17 de novembro de 1978 (Figura 6 – página 79) da seguinte forma:

Por volta das 20 horas pela apuração feita por Londrina o MDB já estava com 231.287 votos, contra 212.541 para o candidato arenista, com o partido oposicionista ganhando com uma vantagem de 18.546, o Jornal Nacional da *Rede Globo* divulgava uma informação diferente procedente de Curitiba: 208 mil votos para Túlio Vargas e um total de 193 mil para os dois emedebistas, registrando assim uma superioridade de 14 mil votos para a Arena e em seguida, apesar de faltarem ainda cerca de 2 milhões de votos a serem apurados, vinha uma entrevista com o presidente da Arena paranaense, Afonso Alves de Camargo Neto, já apresentando Túlio como vitorioso.

Na chamada de capa do dia 17 de novembro de 1978 (Figura 7 – próxima página), e em matéria no interior da *Folha de Londrina* da mesma data (Figura 8 – página 84), afirma-se que:

No momento em que as emissoras de rádio em todo o Estado, inclusive a Rádio Alvorada de Londrina (que acompanhava atentamente as apurações desde os seus primeiros instantes) anunciavam uma expressiva diferença de votos em favor dos candidatos do MDB ao Senado, na ordem de 18 mil votos contra o candidato Arenista, a *Rede Globo* de Televisão, anunciou no seu Jornal Nacional exatamente o contrário, divulgando uma diferença de 14 mil votos a favor da Arena e dando como praticamente certa a eleição de Túlio Vargas.

Em face às divergências apresentadas, a direção do MDB resolveu

fiscalizar as apurações: “então o povo do MDB, que era o pessoal do Richa, correu lá pra Curitiba e começou a cuidar, olhar com mais atenção. Porque pelos números oficiais já era mantida como certa a vitória do Túlio Vargas” (MENDES, 2009).

# Oposição está temendo que haja fraude

## Governo já fala em superaquecimento

Onem é, tarde à noite, o porta-voz oficial do Palácio do Pampilo, coronel Rubem Ludwig, leu para os jornalistas as notícias que lhe foram transmitidas pelo ministro Luís Velloso, sobre o reunião que Geisel teve com seus ministros. Ele disse que, foram analisados as perspectivas de evolução da inflação até o fim do ano, e discutido um conjunto de medidas que permitiriam a expansão dos meios de pagamento, dentro de limites aceitáveis, evitando-se o ressuscitamento da inflação do custo de vida, e igualmente, que haja incidência de superaquecimento da economia no início do próximo ano.

### LETRAS DO TESOUREIRO

O presidente Ernesto Geisel também aprovou ontem, diante o reunião, propostas no sentido de transferir, em parte dos empréstimos externos das empresas estatais, que estão congeladas no Banco Central, em favor do Tesouro Nacional, como forma de conter a expansão dos meios de pagamento e de limitar, no princípio de 1979, o abastecimento de novos recursos no exterior, por parte, dessas empresas.

Informação foi dada em Brasília pelo ministro Mário Simonsen, pouco antes de embarcar para Salvador, onde também informou que foi aprovado uma série de medidas, anti-inflacionárias, sem, contudo, mencioná-las.

Participaram do reunião, além de Geisel e Simonsen, os ministros do Planejamento, do Indústria e Comércio, e das Minas e Energia, e o ministro-chefe da Casa Civil do Presidente, general Golbery do Couto e Silva.

A proposta para transferir parte dos empréstimos das estatais em LTNs partiu de Simonsen, e segundo ele, no reunião, chegou-se a um consenso quanto à adoção da medida. Haverá uma regra geral, válida para todas as empresas, que terão a mesma porcentagem dos seus recursos transformados em LTNs e o mesmo prazo para resgate. O Ministro não revelou qual porcentagem e o prazo.

Os detalhes sobre a conversão dos empréstimos em LTNs serão aprovados na reunião do Conselho Monetário Nacional, na próxima quarta-feira, e só depois, divulgados, de acordo com Simonsen. Ele propôs esta medida como forma de conter a expansão dos meios de pagamento - moeda em poder do público - e dos depósitos à vista nas Bancas comerciais - tendo em vista, ao final do corrente exercício, o saldo que, ao longo do ano, representa uma expansão muito acima do registrado no ano passado, 37,6 por cento. De janeiro até outubro...



Richa apreenhisto, temendo fraudes



No momento em que emissores de rádio em várias regiões do Paraná, inclusive a Rádio Alverada, de Londrina, anunciavam ontem uma diferença de mais de 18 mil votos em favor dos candidatos do MDB para o Senado, a Rede Globo de Televisão anunciava no seu Jornal Nacional, exatamente o contrário, divulgando uma diferença em torno de 14 mil votos a favor do candidato da Arena e dando, como praticamente certa a sua eleição. O noticiário surpreendeu os meios emedebistas em todo o Estado e passou a gerar estranhos temores.

Em Londrina o candidato José Richa, do MDB, telefonou imediatamente para Curitiba e a correligionários na região, contestando a notícia da TV e dizendo temer uma fraude, bem como pedindo maior fiscalização nas apurações centrais, na Capital. O senador Francisco Leite Chaves, o deputado federal João Olivir Gabardo (candidato à reeleição) e o economista Hélio Duque (candidato a deputado federal) logo depois também afirmaram que o noticiário "foi tendencioso, com o objetivo de preparar o espírito público para uma virada, provocada por uma possível fraude". E imediatamente pediram aos diretores municipais que tirassem fotocópias dos mapas oficiais com resultados, para conferência posterior. Além disso anunciaram o ingresso no TRE de pedido para que o MDB acompanhe a apuração com técnicos em computação, "considerando que esse processamento de dados não é feito pelo Tribunal mas sim por uma firma contratada".

Para todos os jornalistas que o visitaram em sua casa, ontem, Richa alinhava as razões de seus temores: "Há um premeditado desleixo, por parte do Palácio Iguaçu de não informar a imprensa da Capital sobre o resultado correto das eleições. Estranhamente a apuração foi suspensa em Cascavel depois de computadas 21 urnas; o mesmo aconteceu em Umuarama, quarto colégio do Paraná, depois que ficou constatada a preferência pelo meu nome ou pela legenda do MDB. Não sei o que está acontecendo, mas o que vi durante a campanha e durante o dia 15 me levam a temer uma possibilidade de tentativa de fraude". p. 4.

Figura 7 – Folha de Londrina 17/11/1978

# MDB quer fiscalizar a computação oficial

No momento em que emissoras de rádio em todo o Estado, inclusive a Rádio Alvorada de Londrina (que acompanhava atentamente as apurações desde seus primeiros instantes), anunciavam uma expressiva diferença de votos em favor dos candidatos do MDB ao Senado, no ordem de 18 mil votos contra o candidato arenista, a Rede Globo de Televisão, anunciou, no seu "Jornal Nacional", exatamente o contrário, divulgando uma diferença de 14 mil votos a favor da Arena e dando como praticamente certa a eleição de Tullio Vargas.

Em Londrina o noticiário, às 20 horas, surpreendeu os meios emedeibistas e logo em seguida estranhos boatos passaram a correr entre os órgãos de divulgação. O candidato José Richa do MDB, que acompanhava a apuração em sua residência, já estava desde a tar-

de telefonando para Curitiba e correligionários dizendo temer uma fraude e pedindo rigorosa fiscalização na apuração.

As 22 horas o senador Francisco Leite Chaves, o deputado federal João Olivir Gabardo (candidato a reeleição) e o economista Hélio Duque (candidato a deputado federal), já providenciavam contatos com diretores do MDB em todo o Estado e anunciavam medidas para prevenir o que eles qualificavam de "indício de uma fraude em franca articulação na apuração central, em Curitiba".

## JÁ HOUVE PRECEDENTE

Eles lembraram que em 74 houve um precedente: o MDB estava disparando na frente mas subitamente o computador enguiçou. Quando voltou a funcionar a Arena passou a ganhar e fez 15 deputados federais, contra outros 15 do MDB, e mais 29 estaduais contra

25 do MDB. Mais tarde correram boatos entre os próprios funcionários do Tribunal Regional Eleitoral de que houve fraude e que a paralisação do computador teve aquele objetivo.

Os emedeibistas desmentiram energeticamente a divulgação na TV, afirmando que "aquela notícia foi certamente veiculada pelo Palácio Iguazu, numa manobra que teve por finalidade, com certeza, preparar o espírito do público para uma virada a favor da Arena, que poderia ocorrer por uma fraude na computação. A manobra foi demasiada exposta, pois emissoras de gabarito como a Rádio Alvorada, que fez um excelente trabalho, indicavam uma diferença acentuada em favor do MDB".

## UM DIREITO

Para Chaves, Gabardo e

Hélio Duque "não se está cogitando contra o TRE, mas sim considerando que a computação não é feita pelo próprio tribunal, mas contratada com uma empresa particular. É uma locação de serviços. A lei confere ao partido amplo direito a acompanhar a apuração. No entanto agora, como em 74, não permitem que fiscais do MDB acompanhem o trabalho no recinto da computação. Não se sabe como os mapas eleitorais das comarcas estão chegando a Curitiba. Sabe-se só que existe uma central de computação. Em 74, quando o computador parou, os mapas iam e vinham estranhavelmente, inclusive através de delegados de polícia".

Ontem mesmo próeres do MDB de Londrina entraram em contato com o diretório regional em Curitiba, para se solidarizarem com a tomada de medidas para ingresso com recursos no TRE de modo a instituir uma fiscalização por técnicos em computação e entender em mapas eleitorais fiscais que anunciaram, "em vista os fatos conhecidos de 74, o partido agir cautelosamente agora. E, além da fiscalização em Curitiba, vamos recomendar todos os diretores de providenciarem juntas eleitorais locais dos resultados oficiais apurações, encaminhando-as ao diretório regional para confrontação com dados divulgados

**GRUPOS** ÚLTIMOS LANÇAMENTOS  
PARA O VERÃO  
Prof. João Cândido, 360, Londrina

Figura 8 – Folha de Londrina 17/11/1978

A matéria do dia 17 de novembro de 1978, intitulada *MDB quer fiscalizar computação oficial* afirma que:

Eles lembraram que “em 74 houve um precedente: o MDB estava disparando na frente, mas subitamente o computador enguiçou. Quando voltou a funcionar a Arena passou a ganhar e fez 15 deputados federais, contra outros 15 do MDB e mais 29 estaduais contra 25 do MDB. Mais tarde ocorreram boatos entre os próprios funcionários do Tribunal Regional Eleitoral de que houve fraude e que a paralisação do computador teve aquele objetivo”. Os emedebistas desmentiram energicamente a divulgação na TV, afirmando que “aquela notícia foi certamente veiculada pelo Palácio do Iguazu, numa manobra que teve por finalidade, com certeza, preparar o espírito do público para uma virada a favor da Arena que poderia ocorrer por uma fraude na computação. A manobra foi demasiada exposta pois emissora de gabarito como a Rádio Alvorada que fez um excelente trabalho, indicavam uma diferença acentuada em favor do MDB”.

Logo quando o pessoal do MDB cogitou fraude na apuração e passou a acompanhá-la, os resultados começaram a mudar. Nesse momento, o governo afirmou que, até então, as urnas apuradas eram de regiões em que o candidato da Arena tinha mais votos e que com a apuração no interior do estado os números mudaram: “o governo disse que ele estava dando números por determinadas áreas primeiro” (NONAKA, 2009).

Repentinamente, os números oficiais começaram a mudar e apontar José Richa como o candidato mais votado. As capas da *Folha de Londrina* dos dias 16 e 17 de novembro de 1978 são um exemplo dessa mudança repentina de resultados. No dia 16 a manchete dizia: *Túlio estava na frente...e o IBOPE garante que ele vencerá* (Figura 9 – página seguinte). Já no dia seguinte, 17 de novembro, a manchete de capa foi a seguinte: *À uma hora de hoje, com 719.403 votos apurados, o MDB vence por 28.191 votos* (Figura 10 – página 87).

# FOLHA DE LONDRINA

O JORNAL DO PARANÁ

quinta-feira, 16 de novembro de 1978      Diretor-proprietário: João Milanéz      ano 31/n. 8041      Freq. e abast. C&E - Domingo 10 7      Avulso: Cr\$ 1.000 (Londrina) - Cr\$ 1.100 (outras cidades)      Hoje, 16 páginas

## Às 2 hs. Tulio estava na frente

### Recurso contra as apurações no Paraná

O presidente do MDB no Paraná, Eucides Scalco, afirmou ontem que entrou com recurso no Superior Tribunal Eleitoral contra o cumprimento do art. 33 da Resolução 10.842, pelo Tribunal Regional Eleitoral. E que o RSE paranaense determinou a apuração, nos moldes, apenas de uma eleição, quando aquele dispositivo determinava a realização separada dos legendas e da votação de cada candidato.



Eneas votou em Curitiba



Richa em Londrina



Tulio em Maringá



Londrina: filas grandes só de manhã



Milhares fazem justificativa, na agência dos Correios, em Londrina

As 2 horas de hoje, quando encerrávamos os trabalhos na Redação, o candidato arenista ao Senado, Tulio Vargas, vence os dois candidatos do MDB - José Richa e Eneas Faria - com a vantagem de 884 votos, num total de 87 urnas.

As cidades computadas eram Guaíra (10 urnas), Cascavel (21), Assis Chateaubriand (3), Jandaia do Sul (5), São José dos Pinhais (3), Castro (10), União da Vitória (4), Rebouças (14), Palmeira (3), Lobato (6), e Jundiá do Sul (8).

Os resultados foram estes:  
TULIO - 6.360 votos  
RICA - 4.140  
ENEAS - 1.283  
Total da Arena - 6.360  
Total do MDB - 5.423  
Diferença em favor de Tulio Vargas - 884.

A primeira cédula apurada no Paraná foi em Cascavel, com votos para Tulio Vargas; para Alípio Ayres de Carvalho (deputado federal) e para Renato Bueno (deputado estadual).

### Fotos deram cadeia para jornalista

Um jornalista de Almeida, líder do jornal "A Cidade", do município de Campo Rico, foi preso ontem por ter publicado fotos de um candidato a deputado estadual, Antonio Sampaio Perez, em seu veículo, o "Aparição", de 1900 exemplares do jornal. O jornalista foi preso no município de Curitiba, onde se encontra o escritório do jornal. O jornalista foi preso no município de Curitiba, onde se encontra o escritório do jornal. O jornalista foi preso no município de Curitiba, onde se encontra o escritório do jornal.



Votando o governador Jaime Carret



Cerca de 20 mil justificam a ausência, em Foz de Iguaçu

### EM SÃO PAULO E RIO GRANDE DO SUL

Também às 2 hs. o candidato empedebista Pedro Simon, no Rio Grande do Sul, vence os três arenistas pela diferença de 58.000 votos. E em São Paulo, Franco Montoro (MDB) já está virtualmente eleito, com vantagem quase idêntica à do candidato gaúcho.

Também no Rio Grande do Norte o MDB levava vantagem.

Em Londrina e demais cidades a apuração começa hoje às 8 horas.

## ...E IBOPE garante que ele vencerá

### Ney, Carret, Atmano e Pimentel: Extinção da Lei Falcão e mais partidos

Nei de Oliveira, chefe do departamento de pesquisas do IBOPE, afirmou que a extinção da Lei Falcão e a criação de mais partidos, além de outros fatores, garantirão a vitória de Jaime Carret no Paraná. Carret é o candidato do MDB ao governo do Estado. O IBOPE garante que ele vencerá.



...e também Ney Braga



Ao final do dia as ruas estavam inundadas de "sambinho"

### Apesar de Bruna

A mulher que vemos em primeiro plano, na foto, é Bruna Landardi. Durante os últimos dias, em São Paulo, ela fez intenso trabalho junto com seu candidato preferido, Fernando Henrique Cardoso, que se tornou o candidato do MDB. O candidato está com 50, no total. Contudo, os primeiros resultados da apuração mostram que se o Fernando Henrique e o João de Londrina não se aliarem, para ele vencerá apenas uma pequena maioria.



De acordo com a última pesquisa do IBOPE, que não pôde ser divulgada antes das eleições em obediência às normas da Justiça Eleitoral, Tulio Vargas já está eleito senador do Paraná, com 49,9 por cento dos votos. Em segundo lugar fica José Richa, com 36 por cento, e em terceiro Eneas Faria, com 10 por cento. A soma dá 95,9 por cento, e os 4,1 que faltam correspondem a votos nulos e brancos.

Segundo ainda a pesquisa (divulgada ontem às 17h30m), pela soma de legendas da Arena (50 por cento) o ex-governador Cid Sampaio será o senador de Pernambuco, restando 40 por cento dos votos para Jarbas Vasconcelos, do MDB.

A pesquisa do IBOPE, realizada em apenas seis Estados - São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Pernambuco - revela que, contrariando as previsões iniciais, a Arena elegerá Moacir Dalla senador pelo Espírito Santo, com quase 50 por cento dos votos, na soma das legendas, ficando a oposição com cerca de 40 por cento. Em São Paulo o senador Franco Montoro se reelegerá com apenas 58 por cento dos votos, enquanto o arenista Claudio Lembo deverá obter 17 por cento e Fernando Henrique Cardoso (do MDB) cerca de 12 por cento. Para a Câmara dos Deputados a legenda do MDB fica com 61 por cento e a da Arena com 18 por cento.

No Rio de Janeiro a reeleição do senador Nelson Carneiro é mais do que garantida; ele terá cerca de 63 por cento dos votos válidos, enquanto os dois candidatos arenistas (Sandra Cavalcanti e Vasconcelos Torres) ficarão com, respectivamente, 18 e 17 por cento. O deputado Nino Teixeira, do MDB e principal "alibido" do futuro governador Chagas Freitas, está novamente o mais votado de todo o país: os cálculos do IBOPE lhe conferem 450 mil votos.

Com 52 por cento, o gaúcho Pedro Simon, do MDB, está eleito senador, derrotando os três candidatos da Arena: Mariano da Rocha, 18 por cento; Bernardino Ramos, 12 por cento; e Gay da Fonseca, 6 por cento. Para a Câmara Federal a reeleição do gaúcho do MDB ficará com 51 por cento e a Arena com 42 por cento.

Figura 9 - Folha de Londrina 16/11/1978

## À 1 hora de hoje, com 719.403 votos apurados, o MDB vencia por 28.191

### Esso abandona poço seco

A Esso Prospecção do Brasil, subsidiária da Exxon norte-americana, decidiu abandonar a perfuração do poço Planheiro 1-PAS-2A, na Foz do Amazonas, por não haver encontrado nele qualquer indicio de petróleo ou gás que justificasse a continuação dos trabalhos exploratórios, iniciados no começo de outubro.

Este é o oitavo poço seco perfurado na plataforma continental brasileira, sob o sistema de contratos de risco. Atualmente mais dois poços, na bacia de Santos, estão sendo perfurados pelas empresas estrangeiras por meio de contrato de risco, e em um deles, sob responsabilidade da Esso, foram encontrados indícios de gás natural.

O poço 1-PAS-2A estava sendo perfurado a cerca de 350 quilômetros ao norte de Belém, em lâmina d'água (distância da superfície ao fundo do mar) de 37 metros. Antes dele a Esso havia tentado perfurar outro, que teve de abandonar, logo no início, pela dificuldade de superar problemas técnicos.



MDB com 45 mil a frente, em Londrina

Exatamente à 1 hora de hoje, quando encerrávamos os trabalhos na Recadação, já estavam contados 719.403 votos válidos, no Paraná (total de 4.161 urnas) com a vantagem de 28.191 para o MDB, somando-se a votação de José Richa e Eneás Faria. Os resultados eram estes (incluindo Londrina):

JOSÉ RICHÁ - 315.240

ENEÁS FÁRIA - 58.557

TÚLIO VARGAS - 345.606

Só em Londrina, naquele horário, José Richa estava à frente de Túlio Vargas com a diferença de 45 mil votos.

Os deputados de Londrina mais votados eram Alvaro Dias, Waldimir Belinati, Helio Duque, João Olivir Gabardo, Oswaldo Macedo, Mario Stamm, José Antonio Del Ciel, Omero Oguido e Nelson Malaguindo.

Toda a cobertura realizada pela Rádio Alvorada, bem como a questão da divergência dos números com a Rede Globo de Televisão, foi registrada na matéria veiculada pela Folha de Londrina no dia 18 de novembro de 1978 (Figura 11):



Figura 11 – Folha de Londrina 18/11/1978 – Continua na próxima página



Figura 11 – Folha de Londrina 18/11/1978 – Continuação da matéria da página anterior

No dia da publicação da matéria, o resultado final ainda não havia sido divulgado, mas, ao final da reportagem, quanto à mudança de resultados para a eleição de Senador no estado, afirma-se:

A noite, no Jornal Nacional, a Globo já admitia que Richa está ganhando, apesar de ainda apresentar uma diferença bem inferior àquela que a Rádio Alvorada vem anunciando. Mas pelo menos não está mais confundindo os telespectadores nem deixando em dúvida a equipe da emissora: todos eles têm plena confiança na veracidade das informações que estão divulgando.

Apesar de em nenhum momento o governo ter admitido erro na apuração dos votos, a cobertura chegou ao fim com José Richa eleito pelo MDB com 895.013 votos:

O MDB foi beneficiado pela sublegenda, tendo concorrido com dois candidatos contra apenas uma da Arena. José Richa, cujo suplente era Ailton Reis, obteve 895.013 votos. Na sublegenda MDB II, Enéas Faria, tendo por suplente Edgar Virmond Arruda, fez 254.520 votos. O arenista Túlio Vargas conseguiu 1.083.573 votos. Houve ainda 208.183 votos em branco e 197.761 votos nulos. O total de votantes para o Senado foi de 2.639.050. (JÚNIOR in CODATO e SANTOS (org), 2006, p. 112)

No dia 22 de novembro de 1978, a *Folha de Londrina* (Figura 12) divulgou o resultado final oficial que confirmou os números sustentados pela Rádio Alvorada desde o início das eleições:

Senado	
JOSÉ RICHÁ	895.013
ENÉAS FÁRIA	254.520
TÚLIO VARGAS	1.083.573
VOTOS EM BRANCO	208.183
VOTOS NULOS	197.761
TOTAL DE VOTANTES	2.639.050

Figura 12 – *Folha de Londrina* 22/11/1978

Ao final da cobertura, uma dúvida ficou no ar: houve ou não uma tentativa de fraude nas eleições de 1978 para o Senado?

Ao longo das entrevistas, nenhuma das pessoas ouvidas afirmou com toda certeza a ocorrência de uma fraude nas eleições: “se haveria ou não manipulação de resultado isso aí a gente não sabe” (MENDES, 2009). “Eu não vou julgar, não sei se eles mudaram ou se chegaram realmente aos locais onde nós já

tínhamos chegado. A verdade é que a nossa apuração foi do começo ao fim sustentando e chegou ao final com resultado oficial correto” (GODOY, 2009)

A suspeita foi a de que o governo estaria criando um clima favorável à vitória de Túlío Vargas com o intuito de manipular os resultados posteriormente:

A questão é o seguinte, se ele conseguisse deixar acreditando nisso, ele poderia manipular o número [...] ele poderia, não estou dizendo que foi. Então isso pode ser chamado de manipulação política tá. Mas isso não quer dizer que houve. (NAKAYAMA, 2009)

Então o que surgiu na época era que o Palácio estava divulgando um resultado que não era o verdadeiro e que eles iam manter aquilo e depois manipular os resultados na hora da coleta do interior. (MENDES, 2009)

Visto que essa manipulação política era algo já que acontecia no país, a imagem que ficou ao final da cobertura foi a de uma possível fraude:

É porque na história política do país tem precedentes de ganhar a eleição no tapetão. E o tapetão no caso é essa transferência de dados. Porque você imagina: tem uma estrutura de fiscalização aqui, aí tem que ter outra estrutura de fiscalização lá. Então na hora de transportar o boletim de Londrina o 10.000 pode virar o que? 8.000, 12.000. Então era essa a preocupação levantada na época pelo pessoal do MDB e pelos jornalistas que faziam cobertura. Então ficou com essa imagem de que realmente o trabalho que foi feito pela Rádio Alvorada acabou melando, pra dizer o português bem claro. (MENDES, 2009)

Fazendo um balanço geral do episódio, pode-se afirmar que uma série de fatores garantiram esse sucesso da cobertura. NONAKA, em seu relato, afirma:

A cobertura foi épica. Naquele momento, felizmente, alguém teve a ideia de montar um esquema assim [...] houve uma convergência de situações: ter sido numa rádio que não tinha qualquer ligação política, não tinha interesses políticos, nem grandes interesses comerciais, né. Neutra. Ter sido com um grupo de pessoas que trabalharam ali que eram jovens, então todo aquele ideal de fazer uma coisa bem feita. Uma cabeça madura coordenando isso: Coutinho Mendes, que

passou maus momentos também. Isso foi uma, uma conjunção de fatores ali que permitiu que se tornasse uma passagem histórica. (NONAKA, 2009)

Tais fatores fizeram com que a Rádio Alvorada registrasse alto índice de audiência durante a cobertura realizada:

Há registros que a audiência da Rádio Alvorada chegou naqueles dias a noventa e cinco por cento, uma coisa inimaginável né. Noventa e cinco por cento e a Rádio Alvorada, que era a sétima, oitava, uma das últimas colocadas em termos de audiência e que mostrou o quanto um bom veículo de comunicação trabalhado seriamente poderia atrair a atenção das pessoas [...] você passava pelo Centro da cidade, as lojas empurravam aquelas caixas de som com rádio em cima. Era uma coisa maluca. A gente andava e onde você ia ouvia a Rádio Alvorada. Parece que a cidade toda tava sintonizada, e tudo com som alto. (NONAKA, 2009)

Hoje, mais de trinta anos após este trabalho, a cobertura ainda permanece viva na memória dos envolvidos:

Foi um agito total nesse 1978, Foi um trabalho inédito no rádio brasileiro eu diria. Porque uma emissora do interior fazer um trabalho que era de voto em voto, urna por urna. Realmente foi um trabalho assim fantástico e acho que nunca superado por ninguém [...] aí que você vê realmente como o empenho e como a seriedade fazem as coisas acontecerem. E o resultado foi bem melhor ainda, porque nós podemos provar na época algo que ninguém acreditava: a força do rádio [...] para nós isso foi motivo de orgulho, de alegria [...] foi algo histórico, um momento realmente é inesquecível. (GODOY, 2009)

Em matéria veiculada pela *Folha de Londrina* no dia 18 de novembro de 1978, Coutinho conclui, na época:

Confesso que estou vibrando com este trabalho e sei também que os membros da equipe também estão empolgados. Não tenho parado um minuto sequer. Nos meus 16 anos de profissão trabalhei em muitos órgãos diferentes de comunicação, mas me parece que o rádio sempre foi o melhor. É ele que tem condições de acompanhar a atualidade do fato e trabalhar simultaneamente com ele. (MENDES, 1978)

Mesmo não podendo afirmar com absoluta certeza se houve ou não uma tentativa de fraude nas eleições de 1978, a cobertura realizada pela Rádio Alvorada foi, de fato, muito marcante. A junção entre o veículo e uma estrutura bem montada possibilitaram, mais uma vez, o protagonismo do rádio em um momento político importante da história do país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao todo foram nove entrevistas. Apreciação das edições da *Folha de Londrina* do mês de novembro de 1978. Pesquisa, muita pesquisa. Análise de metodologias. Compreensão do contexto histórico. E tudo isso com o objetivo de trazer à tona uma história de radiojornalismo londrinense de mais de trinta anos que ainda surpreende. Um desafio.

Graças às opções metodológicas bem delimitadas e do referencial teórico utilizado como base desta pesquisa, o objetivo foi alcançado. O trabalho trouxe contribuições para o campo da história da Mídia e abriu um leque de possibilidades para novos estudos.

Primeiramente, pode-se destacar a contribuição da história oral na condução deste trabalho. Mesmo sendo esta uma pesquisa da área da comunicação, procurou-se estabelecer aqui uma relação com a historiografia utilizando para isso as contribuições que a metodologia da história oral pode trazer às mais diversas áreas do conhecimento. Foi como uma pesquisa jornalística com um toque da historiografia.

É importante que se esclareça que por ser uma metodologia muito mais utilizada no campo da história, a escolha da história oral revelou-se, de certa forma, desafiadora. Mas como esta era a metodologia que mais se adequava aos objetivos propostos, o desafio foi encarado. Certamente, é inevitável que uma pessoa que estudou quatro anos de Comunicação Social encontre limitações no uso de um método tão peculiar à História. Até por isso, a bibliografia referente à questão metodológica foi a primeira a ser consultada a fim de dar base a esta pesquisa.

Ainda assim, apesar da significativa contribuição da história oral, afirma-se aqui: este não é um estudo historiográfico, mas sim um estudo jornalístico que faz uso de ferramentas da historiografia.

Não se pode negar também que foi difícil transformar um material extenso, denso e tão rico, colhido através de nove entrevistas e da apreciação das edições da *Folha de Londrina* do mês de novembro, em apenas um tópico do capítulo três. Outro desafio. Além disso, é importante frisar que os detalhes da

história são muitos, que cada um dos entrevistados teve uma percepção do fato e que a questão da memória, visto que fazem mais de trinta anos, teve influência direta na condução desta pesquisa. Todas essas questões são significativas quando se documenta o fato. Frente à tantos desafios, optou-se por organizar a última parte do trabalho na forma de uma narrativa, mesclada com os depoimentos colhidos e documentos localizados, que priorizasse os fatos mais marcantes para a maioria dos entrevistados.

É importante esclarecer que este trabalho representa a versão de um fato, sendo, portanto, sujeito à parcialidade. Procurou-se ouvir o maior número de pessoas possível dentro do tempo disponível para a realização da pesquisa. Isso não significa que a história acabe aqui. Existem, ainda, outros personagens e abordagens a serem exploradas em trabalhos posteriores. É inegável a importância de se ouvir representantes da Folha de Londrina, do TRE, além do padre Trajano Horta e dos correspondentes Joel Sampaio e Germano de Oliveira.

Em face a tudo o que foi abordado nesta pesquisa, pode-se ouvir a seguinte afirmação: mas isso foi em 1978, mais de trinta anos atrás. Hoje os tempos são outros. Afinal vivemos na era da visualidade, da internet, das mídias digitais!

Não se pode negar que o mundo mudou e, conseqüentemente, mudaram também os meios de comunicação. Certamente, o rádio de hoje é bem diferente do rádio do final da década de setenta. Mas o fato de ser diferente não o impossibilita de ser, ainda, um veículo atuante. Assim como todos os meios de comunicação, o rádio precisa estar em constante adaptação para, não somente garantir sua sobrevivência, também aproveitar todo seu potencial enquanto veículo de comunicação social que é. Acredita-se que este trabalho serve de estímulo para a concepção de um rádio mais atuante que faça uso de todo o potencial que, de fato, tem.

Como se pode ver neste trabalho, o potencial do rádio foi explorado em muitos momentos ao longo da história do país. Dedicou-se um tempo considerável desta pesquisa para a recuperação histórica dos fatos, uma vez que eles dão base à pesquisa. Ao todo foram três momentos abordados aqui: o governo Vargas, a Revolução Constitucionalista e a Rede da Legalidade. A intenção do capítulo destinado a estes episódios foi a de exemplificar a capacidade do rádio. Mas

isso não significa que a história pare por aí. Optou-se por três momentos significativos, mas, certamente, eles não são os únicos. Concorde-se aqui com Milton Jung (2004, p. 13) quando ele diz que “o rádio, apesar de ter mais de oitenta anos, ainda é um velho desconhecido”. Desconhecido tanto historicamente, quanto em suas potencialidades.

No artigo escrito por Gisela Ortrivano em comemoração aos oitenta anos do rádio, a pesquisadora faz um resgate de alguns fatos do radiojornalismo brasileiro e finaliza seu texto da seguinte forma: “vários outros aspectos poderiam ser lembrados, mas por ora basta. A intenção foi tão somente instigar a curiosidade para fatos importantes da história do radiojornalismo brasileiro e incentivar pesquisadores pra que essa história seja conhecida de forma mais clara e completa em suas diferentes facetas regionais”.

Nesse sentido, a intenção deste trabalho, além de documentar tal cobertura, é a de estimular novas possibilidades acerca das muitas histórias que envolvem os meios de comunicação de um modo geral. A história da mídia no país é ainda muito fragmentada e é importante que ela seja documentada e preservada.

Apesar de a cobertura realizada pela Rádio Alvorada nas eleições de 1978 ter grande importância para a história do radiojornalismo, procurou-se dar ao fato a real dimensão que ele tem. O objetivo foi não idealizá-lo, nem tão pouco menosprezá-lo. Essa não idealização se dá porque a história desta cobertura, apesar de muito relevante, é apenas uma entre as muitas histórias do radiojornalismo brasileiro. Algumas já foram documentadas, mas, certamente, existem muitas outras histórias possíveis que estão à espera de alguém que se interesse em documentá-las.

A necessidade de tal documentação ficou ainda mais evidente devido a um fato que ocorreu durante a realização da entrevista<sup>17</sup> com o operador de áudio que trabalhou na cobertura de 1978, Geraldo Rocha. Assim como todas as entrevistas feitas para esta pesquisa, a entrevista com Rocha foi gravada e optou-se pela utilização de um microfone<sup>18</sup> de lapela, daqueles comumente utilizados no telejornalismo. Ao fixar o microfone na gola da camisa do entrevistado antes do início

---

<sup>17</sup> Entrevista realizada em 21 de novembro de 2009, na residência do entrevistado.

<sup>18</sup> Este tipo de microfone, de tamanho muito reduzido, é geralmente fixado na gola ou próximo da mesma, nas vestes da pessoa que fala.

da entrevista, Rocha fez o seguinte comentário: “Nossa, tanta vezes eu coloquei um microfone como este nos entrevistados lá da TV, mas nunca colocaram um desses em mim. Essa é a primeira vez”. Um senhor de setenta anos de idade, mais de trinta anos dedicados ao trabalho na TV, nunca havia sido ouvido. Ninguém nunca tinha dispendido um pouco de tempo e ouvido às experiências tão ricas daquele senhor. Aquilo, de fato, foi extremamente marcante e despertou a seguinte reflexão: as pessoas têm muito a dizer, elas têm inúmeras experiências e uma bagagem muito grande, afinal o protagonismo do rádio não seria possível não fosse a atuação de profissionais como este, mas é preciso que alguém as ouça. É preciso que alguém se interesse pelo que essas pessoas, tão pouco valorizadas, têm para oferecer. Caso contrário, fatos tão ricos e tantas histórias possíveis ficarão apenas na memória de seus personagens. Ou, talvez, serão perdidas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Márcio Moreira e BAPTISTA, Artur. **As eleições de 1978**. Revista Crítica de Ciências Sociais, dezembro de 1979, pág. 29 a 52.

ANDRADE, Antonio. **Relembrando a época de ouro do rádio**. São Paulo: UMESP, 2004.

BAUM, Ana (Org). **Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

**BIOGRAFIA DOS CANDIDATOS PARANAENSES AO SENADO EM 1978**. Disponível em <<http://www.senado.gov.br/>>. Acesso em 21 de novembro de 2009.

BURKE, Peter (Org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **O historiador e o rádio: relações em questão**. Trabalho apresentado no NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006.

CPDOC – **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil** – Disponível em <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>>. Acesso em 16 de novembro de 2009.

**DICIONÁRIO AURÉLIO**. Disponível em <[www.dicionarioaurelio.com.br](http://www.dicionarioaurelio.com.br)>. Acesso em 28 de outubro de 2009.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre. Sagra: DC Luzzato, 2000.

*FOLHA DE LONDRINA*. Edições dos dias 02, 09, 14, 15, 16, 17, 18 e 22 de novembro de 1978.

GODOY, Antonio Pereira. Entrevista concedida à autora. Londrina, 17 de novembro de 2009.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio brasileiro**: uma história de cultura, política e integração. In FILHO, Barbosa, PIOVESAN e BENETON (orgs). Rádio – sintonia do futuro. São Paulo, Paulinas, 2004, p: 51-62.

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios de 2008. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/default.shtm>>. Acesso em 26 de Outubro de 2009.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Editora Contexto, 2005, 2ª edição.

JÚNIOR, Moacir Ribeiro de Carvalho in CODATO, Adriano Nervo e SANTOS, Fernando José dos (orgs). **Partidos e eleições no Paraná**: uma abordagem histórica. Curitiba - PR: Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR), 2006.

LIMA, Valentina da Rocha. **Getúlio**: uma história oral. Rio de Janeiro: Record, 1986.

MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **Paraná**: Política e Governo, Curitiba: SEED, 2001.

MARTINS, Franklin. **Site Oficial do Jornalista**. Disponível em <[http://www.franklinmartins.com.br/estacao\\_historia\\_cat.php?page=2](http://www.franklinmartins.com.br/estacao_historia_cat.php?page=2)>. Acesso em 16 de novembro de 2009.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**. Teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sete meias-verdades e uma lamentável engano** que prejudicam o entendimento da linguagem do radiojornalismo na era eletrônica. Palestra à Licenciatura em Jornalismo da Universidade de Coimbra 9 de Novembro de 1995. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-meias-verdades.html>>.

Acesso em 18 de novembro de 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996, 4<sup>o</sup> edição.

MENDES, Wadimir José Coutinho. Entrevista concedida à autora. Londrina, 16 de setembro de 2009.

MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nélia. (Org). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom, 2001. p. 25 – 44.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269 – 279.

MOSQUERA, Jorge Eduardo França in CODATO, Adriano Nervo; SANTOS, Fernando José dos (orgs.). **Partidos e eleições no Paraná: uma abordagem histórica**. Curitiba - PR: Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR), 2006.

NAKAYAMA, Hideo. Entrevista concedida à autora. Londrina, 09 de setembro de 2009.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida à autora. Londrina, 17 de setembro de 2009.

NONAKA, Ossamu. Entrevista concedida à autora. Londrina, 26 de agosto de 2009.

OLIVEIRA, Luiz André Ferreira de. **Getúlio Vargas e o Desenvolvimento do Rádio no país: Um Estudo do Rádio de 1930 a 1945**. 2006. Dissertação (Mestrado) – CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo; Summus, 1985.

\_\_\_\_\_. **Radiojornalismo no Brasil: Fragmentos da História**, REVISTA USP, São

Paulo, v.56, dezembro/fevereiro, 2003, p. 68 - 85.

PEROSA, Lilian Maria F. de Lima. **A hora do Clique:** Análise do Programa de rádio “*Voz do Brasil*” da Velha à Nova República, Annablume, ECA-USP, 1995, São Paulo.

PIMENTEL, Alessandra. **O método da análise documental:** seu uso numa pesquisa historiográfica. Cadernos de Pesquisa, no. 114, p 179-195, Nov 2000.

PINHEIRO, Francisca Sousa Mota. **Da rádio Londrina à Rádio Universidade:** uma história de muitas histórias. Londrina: Ed. UEL, 2001.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica.** São Paulo: Summus, 1989.

SAINT-GEORGES, Pierre de. **Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios econômicos, social e político.** Lisboa: Gradiva Publicações Ltda, 1997.

SANTOS, Maria Salett Tauk. **Rádio no Brasil:** o discurso da modernização sem mudança, Cadernos Intercom, São Paulo, INTERCOM, ano 4, n.8, p. 58, dez. 1985.

SILVA, Fernanda Silva da. **Rádio-Documentário:** Análise de Formato e uma proposta para rádios comerciais. LONDRINA, 2000, TCC, Universidade Estadual de Londrina.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou:** do galena ao digital desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo. São Paulo: Harbra, 1999, 2ª edição.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História Oral – 3ª edição, 2002, Editora Paz e Terra – Rio de Janeiro.

VARGAS, Getúlio. **Carta Testamento.** Disponível em <<http://www.culturabrasil.org/cartatestamento.htm>>. Acesso em 22 de outubro de 2009.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A****TERMO DE CESSÃO**

Eu, \_\_\_\_\_  
(nome), \_\_\_\_\_ (estado civil) \_\_\_\_\_ (R.G), declaro  
para os devidos fins que cedo os direitos da minha entrevista gravada em  
\_\_\_\_\_(data) para que Thalita Vitoreli Costa possa usá-la  
integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a  
presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e usar  
citações, ficando vinculado o controle à Universidade Estadual de Londrina. Abdico  
também de direitos de meus descendentes.

\_\_\_\_\_(Local e Data)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do colaborador

## APÊNDICE B

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Entrevistado : \_\_\_\_\_  
 Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

#### Dados pessoais:

Nome completo \_\_\_\_\_  
 Data de nascimento \_\_\_\_\_ Local de nascimento \_\_\_\_\_

#### Percurso:

Há quanto tempo exerce a profissão?  
 Qual sua experiência profissional?  
 Como começou a trabalhar em rádio?  
 Quanto tempo trabalhou na Rádio Alvorada?

#### Sobre a Cobertura:

De quem foi a ideia de realizar a cobertura dessa forma?  
 Como você se envolveu no projeto da cobertura das eleições?  
 Qual era a sua função nessa cobertura?  
 Como era o jornalismo na Alvorada (Era forte, de peso)?  
 Esse jornalismo sofreu alguma mudança após a cobertura?  
 Quantas pessoas estavam envolvidas na cobertura?  
 Quem são as pessoas que você se lembra que estiveram envolvidas na cobertura (jornalistas, técnicos, programadores, contadores)?  
 As divergências de números das eleições eram muito grandes? Como era isso?  
 Como foi a decisão de manter a cobertura e divulgação dos números mesmo com divergências dos números oficiais?  
 Qual foi a reação dos jornalistas de outros estados que também cobriam as eleições?  
 Houve algum apoio?  
 O que você se lembra desse período histórico? (falando sobre os partidos, os candidatos, a sociedade da época)  
 Como a sociedade de um modo geral reagiu a essa cobertura?  
 Houve aumento de audiência?

#### Uso do computador:

Foi a primeira vez que se usou computador?  
 Como foi a reação ao uso do computador? (Tanto nos envolvidos, como na sociedade)  
 Qual era o contato dos jornalistas com o computador?

Informações adicionais:

---



---



---

## TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

### APÊNDICE C

Transcrição entrevista com Ossamu Nonaka (Shoni) – Repórter na cobertura de 1978  
Data da entrevista: 26/08/2009 Local: Londrina – Sede da RPC

Thalita Vitoreli: Então eu vou pedir pra você falar novamente sobre isso: sua experiência profissional. A Alvorada foi seu primeiro emprego? Como foi?

Shoni: Não. Na verdade eu entrei no curso em janeiro de setenta e cinco, da segunda turma de jornalismo. Na verdade não era nem jornalismo, era Comunicação Social com habilitação polivalente em Jornalismo.

Thalita Vitoreli: Na UEL?

Shoni: Na UEL. E como o curso era, digamos, ainda novo, havia um mercado de trabalho muito aberto ainda. Então já no primeiro ano de curso, ainda em maio de setenta e cinco, nós fizemos um teste, eu e mais umas dez pessoas, e entramos como focas na TV Coroados e TV Tibagi, que era do mesmo grupo, que é da Paulo Pimentel. Alguns ficaram trabalhando como repórteres numa chamada central de reportagem da TV Tibagi – TV Coroados, quando funcionava no Centro. E eu entrei aqui de ponta cabeça, entrei e comecei como redator/ editor, sem ter tido experiência de rua. Então em, setenta e cinco setenta e seis, a emissora foi vendida e eu passei, fiquei com a TV Tibagi como repórter. Então foi a primeira experiência como repórter, já foi um ano depois de ter sido redator/ editor. Fiquei de setenta e seis até setenta e sete, meados de setenta e sete, depois fomos demitidos, fomos trabalhar em rádio, em alguns jornais rapidamente, jornais pequenos que desapareceram.

Thalita Vitoreli: Tudo aqui em Londrina?

Shoni: Tudo em Londrina, né. Também fazia alguns frilas pra sucursais de jornais de fora. Houve épocas em que Londrina tinha sucursais do Jornal do Brasil, tinha sucursal da Folha de São Paulo, sucursal do *Estadão*. Então a gente fazia frilas pra esse pessoal também. Então a experiência em rádio já tinha alguma, em Rádio Clube, em Rádio Cruzeiro e depois teve essa experiência da eleição na Alvorada.

Thalita Vitoreli: Mas sua experiência no rádio você chegou a... Qual era a sua função? Era repórter? Já apresentou alguma coisa assim, ou não?

Shoni: Na época se fazia tudo. Se fazia pauta, ia fazer reportagem, editava e ainda apresentava. Então era uma participação contínua. Havia o locutor principal? Havia né. Mas quando você chegava da rua, você já antecipava e já falava da matéria no ar, e depois é que você ia editar a matéria, que ia sair a matéria formalmente dentro de um jornal. Você tinha... a rádio tem essa vantagem, ela pode estar com noticiário 24 horas por dia, então quando você chegava, você entrava, dava a informação em primeira mão e depois você ia editar a matéria, né. O editar a matéria é que era trabalhoso porque os recursos eram bem, bem primários ainda comparados com o de hoje.

Thalita Vitoreli: Então quando você começou a trabalhar na Alvorada já fazia quanto tempo que você já trabalhava com rádio, já tinha mexido com rádio?

Shoni: Ah... tem que somar os pedacinhos.

T: Você ficou pouquinho em cada emissora?

S: Isso. Em cada emissora ficava muito pouco tempo. Até porque os programas de jornalismo não duravam muito, né. Você começava a fazer alguns projetos de programa jornalísticos em rádio... teve um que durou dois dias.

T: Mas daí eles mandavam embora muito fácil? Como que era?

S: Ou mandava embora ou não tinha pagamento e você ia embora. Era uma coisa assim meio de louco.

T: Aham. Tá, então, como você começou a trabalhar na Alvorada? Você foi convidado? Você começou antes?

S: Não, na rádio Alvorada primeiro teve esse, primeiro tivemos esse projeto de cobertura de eleições. O programa da Rádio Alvorada só veio depois. A Rádio Alvorada era uma rádio pouco conhecida. Pertencia a Fundação Católica Mater et Magistra, era voltada mais a um público definido, religioso, com programas religiosos, etecetera e tal. Das nove emissoras de rádio que existiam então em Londrina né, todas AM, ela ficava ali entre sétimo, oitavo em audiência, então era bem baixinho. Não tinha assim uma... não tinha uma proposta de jornalismo, nem nada. Era uma rádio bem pequena.

T: Então a cobertura foi, tipo, um pontapé, assim?

S: Exato. Como a cobertura fez um sucesso muito grande. Há registros que a audiência da Rádio Alvorada chegou naqueles dias a noventa e cinco por cento, uma coisa inimaginável né. Noventa e cinco por cento e a Rádio Alvorada, que era a sétima, oitava, uma das últimas colocadas em termos de audiência que mostrou o quanto um bom, um bom veículo de comunicação trabalhado seriamente poderia atrair a atenção das pessoas. Então em cima da experiência da rádio, da cobertura da eleição, já se projetou a criação de um bom programa de rádio. À época o próprio Richa, que entre aspas, foi salvo né na eleição, pela própria Rádio Alvorada, reconheceu né. Disse: "nós vamos montar, montar um programa de rádio que seja decente, bom", etecetera e tal né, mas como todo político na promessa né, não saiu dali.

T: Mas ia montar na Rádio Alvorada?

S: Não.

T: Ele queria algo abrangente?

S: Exatamente. Aí o próprio Coutinho Mendes que foi o idealizador dessa cobertura né, o mentor, o intelectual dessa cobertura da rádio, das eleições, até porque criou uma afinidade com a Rádio Alvorada, elaborou um outro plano junto com a direção da Rádio de montar um radiojornal ali, né. Com seriedade e trazendo jornalistas sérios, comprometidos, como Nilson Monteiro, Nalu Lourençon, Salvador Francisco, é... uma série de pessoas que...

T: Mas daí esse pessoal não participou da cobertura?

S: Alguns sim, alguns tinham participado da cobertura, outros não. Nilson Monteiro, por exemplo, não participou diretamente da cobertura, mas já era um jornalista

reconhecido, de capacidade intelectual, de uma estatura moral elevada e seria um bom chefe de reportagem. O que ele foi, né. Algumas outras pessoas, todos jovens ainda né, naquele desejo de, muito mais do que ganhar dinheiro trabalhando ali na rádio, era de abrir o mercado de trabalho em rádio. Então havia muita dificuldade, era muito difícil conseguir patrocinadores para um programa de jornalismo. As empresas né, a publicidade nessa área era muito escassa, as pessoas não investiam, não tinham essa ideia que hoje se tem de que anunciar em jornalismo dá um retorno positivo, que o jornalismo alavanca positivamente o nome das empresas. Não existia isso. Então era tipo fazer favor né. A mentalidade do empresariado era bem diferente, então era uma dificuldade muito grande de conseguir dinheiro pra sustentar, por exemplo, uma equipe razoavelmente grande de jornalismo. Nós éramos em cinco, seis repórteres né, mais o redator, editor. Então tinha entre dez, doze pessoas. E pagar decentemente dez, doze pessoas, você precisa ter o faturamento muito alto e você não tinha. Então você não tinha um contrato com o pessoal, você recebia o que dava, em determinada situação você tirava, literalmente, dinheiro do bolso, né, pra trabalhar. Mas todo mundo movido, então oh: “se agente fizer um bom jornalismo e der certo, vai abrir outras emissoras de rádio”.

T: Mas a igreja investia alguma coisa?

S: Não, não tem essa. Ela não tinha essa função. A fundação Mater et Magistra não via a rádio como um veículo comercial, pra trazer lucros, nem nada. Importante é que as pessoas pra quem ela procurava se dirigir, que era aquele filão de católicos, é, que ouviam rádio, que acompanham os programas, recebessem rádio, recebessem as informações, tivessem a Santa Missa, tivessem a hora da prece, recebessem essa programação. Não tinha grandes intenções em ser a primeira em audiência nem nada...

T: Mas, tipo assim, a rádio desembolsava? Por exemplo, desembolsava pra eles, pra rádio, pra investir na rádio... não investir comercialmente assim.

S: Uma rádio da forma como era a Rádio Alvorada não tinha grandes gastos, né. Porque é uma programação feita por poucos profissionais, não é. Poucos profissionais, muitos voluntários, os próprios padres. Então não tinha um custo muito grande. Então não havia, não era um equipamento de primeira qualidade, não tinha um transmissor muito forte. Era uma rádio modesta. Então ela não tinha assim investimento feito em equipamentos e muito menos...

T: Então não tinha um custo elevado?

S: Não. Se você comparar hoje, por exemplo, a estrutura da Rádio Paiquerê com a Alvorada de então, não tem como. É como você comparar, mais ou menos, uma rádio bem montada, com a Rádio do Cincão. Era uma coisa assim, totalmente desestruturada, vamos dizer assim. Então havia aqui... qual era a estrutura da rádio? Uma sala que servia eventualmente para redação, um setor pra edição de materiais e uma cabine de locução.

T: Onde que ficava?

S: No edifício Julio Fuganti. Nono andar. E ocupava um pedaço... um pedaço, duas salas mais ou menos do Julio Fuganti. Então não era uma estrutura cara nem nada, também não havia essa intenção da Fundação Mater et Magistra de investir em rádio, fazer do rádio um negócio. Ela existia justamente pra passar as informações né, ter uma comunicação com seus párcos, só. Só cumpria a função dela, não tinha a intenção de fazer dela uma coisa diferente. Nós é que... a gente é que pensávamos

que poderíamos investir ali, e aproveitando, o bom nome que ficou da cobertura da eleição né, aquela audiência que obteve, a gente investindo num jornalismo que fosse da mesma atuada, séria... sério, e comprometido com a sociedade agente poderia ter um bom retorno de audiência e por consequência financeira. Foi uma tentativa.

T: E durou?

S: Eu não me lembro, mas não durou muito tempo, não aguentou muito tempo não.

T: Daí a audiência foi caindo?

S: Não é nem a questão da audiência ter caído, porque ele teve aquele top de audiência altíssimo durante a cobertura das eleições e o programa de rádio só veio no ano seguinte. Já havia passado um período de tempo suficiente para apagar aquilo. Mas se você começa a fazer um programa de jornalismo numa rádio que movimentou toda a cidade, que evitou uma fraude numa eleição, quer dizer, ela tem um crédito junto à população. A gente apostou nesse crédito.

T: E como que foi assim, a reação das pessoas? Elas comentavam na rua, tipo, a rádio foi meio idealizada assim?

S: Durante a cobertura das eleições ou na fase posterior?

T: Durante e também logo depois.

S: Durante foi muito difícil, por que...

T: Nem todo mundo acreditava.

S: Achavam que éramos nós que estávamos errados e que nós estaríamos deturpando as informações. Depois da virada, depois que todos reconheceram, o próprio governo do estado teve que reconhecer que os números não eram aqueles que eles estavam divulgando, mas que nós estávamos corretos, aí os xingamentos que a gente recebia, você ouvia até lá de baixo as pessoas gritando pra a gente ouvir, ligações telefônicas.

T: Eram pessoas envolvidas com política assim ou cidadão?

S: Cidadãos. Lembre-se nós estávamos em setenta e nove, em setenta e oito, ainda é a ditadura, ainda havia a censura, ainda havia aqueles homens de direita, inflexíveis, aquelas pessoas que enxergavam o comunismo como uma coisa maldita e todos os jornalistas como comunistas e etcetera e tal, como terroristas né. Então, havia aqueles que entre aspas né, nos xingavam de comunistas, safados, umas coisas assim. Porque a gente dava uma informação e todos os outros veículos, com exceção de uma rádio de Guarapuava que foi a primeira a fechar conosco desde o começo, não abriu mão né.

T: É naquele anúncio que eu encontrei lá (referindo-se à anúncio publicado pela Rádio Alvorada na *Folha de Londrina* do dia 15/11/1978 – vide anexo), tem várias rádios, assim, junto.

S: Sim, uma coisa é você estar junto no começo, depois...

T: Tá, então eles foram...

S: Uma revoadada pra outro lado.

T: Só a de Guarapuava se manteve?

S: Guarapuava se manteve firme conosco.

T: Então. Daí fala também que era uma parceria com a *Folha de Londrina*. Teve realmente essa parceria? Ou foi só...

S: No trabalho do dia a dia não, na apuração não. Tanto que a *Folha de Londrina* dava um número e nós dávamos outros. E é diferente também né, porque a *Folha de Londrina* é um jornal que fechava lá, tipo meia noite né, muito mais tarde do que hoje. Fechava determinada hora e ia publicar os números que tinha até então e nós trabalhávamos vinte e quatro horas, então os números apresentados no dia seguinte era bem diferente daquele que estava impresso no jornal. A diferença é que os números que a Folha apresentava eram os que recebia do Palácio do Iguazu, como todos os, todos os demais veículos de comunicação, porque foi montado assim pelo governo do estado, pelo Tribunal Regional Eleitoral pra que a fonte de informação fosse uma só e oficial. É que teve um cara chamado Coutinho Mendes que resolveu botar lá um correspondente em cada comarca. Isso não tava na previsão.

T: E isso influenciou até hoje né? Não até hoje porque hoje é...

S: Não até hoje né, hoje é muito mais fácil né. Hoje é tudo computadorizado. Se tivesse uma coisa dessas. Mas a reação depois do público, bom aí mudou né, claro. Então aqueles que nos xingaram tiveram que reconhecer a sua ignorância.

T: É o pessoal estava xingando, mas a audiência estava alta né... pra ver onde que ia dar.

S: Mas ela virou depois que o Jornal Nacional reconheceu. Então quando o Cid Moreira apareceu lá dizendo assim: virada no Paraná. Mas que virada? Era desde o começo...

T: Mas eles não assumiram assim: "números errados", alguma coisa assim? Não falaram...

S: Não, falaram que houve uma virada né... jamais admitiriam que eles tinham se baseado nisso...

T: Nem o governo?

S: O governo disse que não, que ele estava dando números por determinadas áreas primeiro, etecetera e tal. Realmente ele estava dando onde o Saul Raiz estava ganhando e criaria aquele clima de derrota para o lado do Richa...

T: Mas na verdade era o Richa e o Túlio Vargas...

S: O Túlio Vargas... isso.

T: Então, só que tinha mais uma pessoa...

S: Mas daí...

T: Isso que eu não entendi... que eram dois partidos né. Era o Arena e o MDB. Tinha uma outra pessoa só que eu achei pouquíssima coisa sobre ele. Não era muito...

S: Se eu não me engano nessa época tinha subsíglas, vamos dizer assim. Arena 1, Arena 2...MDB 1, MDB 2. Mas os candidatos eram mesmo Túlio Vargas e José Richa, não tem dúvidas não. Um da situação: Túlio Vargas e o Richa que seria de oposição do MDB, que era o único partido de oposição reconhecido, legalizado né. É, mas depois então, a audiência só teve aqueles picos mesmo, depois que a noite a própria Globo reconheceu e o *Estadão* e a *Folha de São Paulo* e todo mundo passou a dar os outros números, daí todo mundo passou a ouvir a Rádio Alvorada. Você passava pelo Centro da cidade assim, as lojas empurravam aquelas caixas de som com rádio em

cima, tudo. Era uma coisa maluca. A gente andava, saía né. Trabalhávamos em turno de seis horas, saíamos assim, era uma coisa de deixar a gente maluco. Onde você ia você ouvia a Rádio Alvorada. Parece que a cidade toda tava sintonizada, e tudo com som alto. Onde você andava tinha o som da Rádio Alvorada, e assim né, reverteu, aí veio os parabéns, aí um monte de emissora de rádio quis se lincar né, coligar-se conosco né. Fundamental mesmo foram a participação do Germano de Oliveira e do Joel Sampaio, correspondentes do *O Globo*, Joel Sampaio do *O Globo* e o Germano de Oliveira do *Estadão*. E eles foram ver como é que nós estávamos apurando. Viram. Acompanharam um bom período. Não tinha como a gente errar. Por que a nossa cobertura estava correta. Onde tivesse apuração nós tínhamos um correspondente. Que estava ali na boca da urna, saindo as coisas seria...

Thalita: Tinham muitos, eram muitos lugares?

S: Eram. Bastante. Todas as comarcas, sedes e comarcas. Onde juntam os votos né. Então...

T: Mais ou menos quantos?

S: Ah, não me lembro de cabeça, mas tinha... nós tínhamos uma lista enorme que ficávamos ligando. Cada um tinha uma relação de umas, de umas vinte cidades, vinte sedes, que você tinha que ficar ligando constantemente e éramos em seis mais ou menos simultaneamente. Dá uns cem locais mais ou menos.

T: Ah então, por exemplo, cada repórter, no caso, cuidava de vinte bocas cada. Mas em cada cidade tinha uma pessoa.

S: Isso. Cada sede de comarca né, onde juntava os votos. Porque tinha cidades pequenas que não fazia apuração então eles vinham, sendo encaminhados...

T: Demorava muito essa apuração?

S: Ah... acho que levava uns três, quatro dias.

T: E em todo tempo vocês...

S: Todo tempo.

T: E você sabe me dizer assim da onde que surgiu essa ideia do Coutinho fazer isso? Você já tinha contato com ele antes?

S: É, já conhecíamos o Coutinho. Tínhamos trabalhado juntos na TV Tibagi. Ele sempre foi um jornalista com boa visão do que é uma cobertura de rádio. Ele tinha experiência já também. É uma pessoa bastante organizada, né. E que tinha essa ambição de ter um programa, não ter um programa de rádio, fazer um bom jornalismo de rádio. Sempre teve isso. Ele sempre quis fazer. Não...

T: Mas a Rádio Alvorada não foi a primeira experiência dele?

S: Creio que não. Ele tinha outras experiências já, do passado.

T: Mas ele começou na Rádio Alvorada justamente pra essa cobertura?

S: É, na Rádio Alvorada, essa tentativa que fizemos lá depois...

T: E porque que foi na Rádio Alvorada?

S: É, justamente por isso, pra aproveitar uma situação que...

T: Não, mas assim, porque que a cobertura foi na Rádio Alvorada. Assim, ele idealizou a cobertura pra Rádio Alvorada?

S: Era pra quem, a ideia ele tinha pra quem aceitasse comprar o projeto. Porque hoje, você falar assim: Ah foi assim, assim, assado. Fala assim: Puxa, claro que os outros não fizeram uma coisa dessas. Mas o momento era outro, né. Fazer isso era desafiar o governo também. Então, acho que...

T: E o padre? O padre que...

S: É o padre, nem me lembro exatamente do nome do padre...

T: Eu tenho anotado o nome dele...

S: Ele...

T: Mas ele comprou a ideia né?

S: Sim, ele não achou que fosse... ninguém imaginava que ia haver esse, essa dicotomia, essa disparidade em números. Ninguém sabia que o Palácio do Iguazu havia planejado um esquema fraudulento. Então quando ele comprou a ideia da cobertura da, da votação, era como se contratasse qualquer equipe pra fazer a cobertura de uma eleição. O problema é que quando começaram a surgir números...

T: Divergentes?

S: Divergentes. E ele foi cobrado, ele foi cobrado. Tanto pela própria fundação né e por setores da sociedade. Ele chamou o Coutinho: “vem cá, o que que é isso? Como é que é isso?” Coutinho novamente explicou toda a metodologia. Ele chegou lá na redação, todo mundo numa tensão desgraçada, porque a gente conferindo os números, passava para o computador, ia lá na Exactus, passava tudo pra Exactus também né, aqueles grandes computadores da época. Mas a gente super tenso porque tava ouvindo palavrões. De vez em quando tocava o telefone, era neguinho chamado agente de bandido, etecetera e tal né. Mas ele chegou lá na porta da redação e fez assim pra nós (*faz sinal de positivo*). Não falou nada. Aquilo foi uma injeção de ânimo. Ele deu um sinal de positivo, pronto. Foi uma injeção de ânimo no pessoal todo que assim, você ouvia as pessoas falarem mais fortemente, com mais segurança ao telefone e tudo mais. Aquilo mudou. Aquele sinal de positivo, aquele polegarzinho levantado do padre assim pra nós, lá da porta da redação foi aquela... o tônico que precisava. A partir dali então, continuamos em frente, todos. Foi um barato.

T: E a sua função na cobertura era...?

S: Era mais um que ficava ligando pras, pras comarcas e apurando os números...

T: Quantas pessoas mais ou menos você acha que estavam envolvidas nesse projeto?

S: Umas quinze a vinte ali na emissora. Imagina...

T: Mas daí eles contratavam...

S: E aí mais umas trinta pessoas nas comarcas né. Pelo menos, eram números que eu lembro, e certamente podem ser contestados pelo próprio Coutinho, que tem os números corretos. Ficou na nossa cabeça esses números. Ficaram na nossa cabeça esses números. Não sei se eles são corretos.

T: E na matéria também (referindo-se à matéria: *O dia em que a Rádio Alvorada derrotou a Rede Globo*, veiculada pela *Folha de Londrina* no dia 18/11/1979 – vide anexos) fala que vocês chegaram a recontar isso né. Colocar no computador de novo pra ver se estava certo. Então, chegou a considerar que podia estar errado e tal.

S: Não, claro. Se você fica... você está desfilando num grupo lá e todo mundo levantando o pé direito e você levantando o pé esquerdo, você vai checar se o ritmo tá certo ou não. Ai todos os números foram refeitos. Nós tínhamos um contador que ia apurando os números, passando depois pra Exactus pra passar nos computadores e...

T: O contador ficava lá na...

S: Ficava na redação conosco, recebendo, fazendo as devidas contas, passando pra... É que os programas de computador eram diferentes antes, você tinha que programar, uma coisa assim. Foi checado, rechechado os números e tinham certeza. E isso foi passado para o padre né: "olha, os números conferem". Nós temos pessoas que estão dando informações lá, direto de onde estão sendo apurados os votos. Não tem nenhum, nenhum intermediário. É direto da coisa. Então não tem como tá errado.

T: E quanto ao uso do computador, assim? Foi... será que já era comum, isso já acontecia algumas vezes? Como foi essa parceria com a Exactus?

S: Aí quem pode falar melhor é o Coutinho ou o próprio Abílio Wolf, Romeu Dematte Junior que eram os sócios donos da Exactus. Nós, enquanto jornalistas, não tínhamos a mínima ideia de como processar aquele computador nem nada né. E eu tinha feito um curso aí de: antigamente era a linguagem Cobal, RPG, essas coisas que se utilizavam em computador. Mas quem tinha computador eram Bancos e tal né. A Exactus surgiu ali assim, como uma empresa pioneira na área de computação e a maioria dos jornalistas ali não tinham nem ideia de como estava sendo utilizado, qual o processo. Mas sabíamos que ele era o afinador, que ele era o calculador final, por isso... e trabalhava com exatidão. Então se você faz as contas à mão, você pode ter algum erro de digitação, alguma coisa assim, ali era passado, repassado e era calculado números exatos.

T: E os números, eles eram muito divergentes do governo?

S: Muito. Muito. Muito.

T: Não tem ideia assim de quantos... porcentagem?... É difícil também né...

S: Não...difícil. Mas não tinha nada a ver um com o outro. Pelas contas, pelas divulgações do governo o Túlio Vargas estava sempre à frente com uma larga margem de votos. Pela nossa contagem o Richa estava à frente com uma larga vantagem de votos. Então é... não tem nem como dizer assim...

T: E você acha que essa cobertura assim... ela foi...é porque eu não tenho assim base pra comparar...mas foi realmente, foi aí que começou?

S: Vamos dizer assim... foi épica. Foi naquele momento, felizmente, alguém teve a ideia de montar um esquema assim.

T: Isso não era feito antes?

S: Não.

T: Era só número oficial e pronto?

S: Exato. Lembramos que estávamos na ditadura ainda. Eleição não era muito comum. Você tinha senadores biônicos. Chamados biônicos. Eram senadores que não eram eleitos pelos votos. Eram senadores indicados pelo Presidente da República. Então, eleição não era uma coisa normal, natural na vida cotidiana dos cidadãos. E quando tivemos essa, essa eleição teve um jornalista lá que montou esse

esquema de cobertura, muito mais jornalisticamente, pra dar eficiência jornalística a uma cobertura, não pra combater uma fraude, porque ninguém imaginava isso, né. Então, como existiu um esquema jornalisticamente bem montado de apuração da votação, ela acabou prevalecendo sobre um sistema fraudulento de, de divulgação de informação. Só isso. Então se colocar assim... foi por um acaso que aconteceu isso. Foi um acaso. Talvez se tivesse sido montado em outra emissora... talvez não tivesse dado certo. Talvez se tivesse sido montado em uma outra cidade, talvez não tivesse dado certo.

T: Talvez os números batessem também né...

S: Ou se é uma pessoa menos, menos persistente do que o Coutinho Mendes, talvez ele tivesse desistido também né. Houve uma convergência de situações: ter sido numa rádio que não tinha qualquer ligação política, não tinha interesses políticos, nem grandes interesses comerciais, né. Neutra. Ter sido com um grupo que... de pessoas que trabalharam ali que eram jovens, então toda aquela...toda aquele ideal, idealismo de fazer uma coisa bem feita. Uma cabeça madura coordenando isso: Coutinho Mendes, que passou maus momentos também né. Isso foi uma, uma conjunção de fatores ali que permitiu que se tornasse uma passagem histórica. Mas se não tivesse a presença dos dois jornalistas, dois correspondentes do *Estadão* e do *Globo*, eu não sei como teria sido o resultado. Talvez o eleito tivesse sido o Túlio Vargas, a Rádio Alvorada teria sido defenestrada pelos cidadãos ali, criticada e nós seríamos taxados de bandidos, marginais e mentirosos o tempo todo e ia ficar marcado também. Talvez acontecesse isso, né. Mas a presença dos dois correspondentes do *Estadão* e do *Globo* permitiu que o Rio questionasse... Rio e São Paulo questionassem: “o que que tá acontecendo?” e aí eles contassem...

T: Mas então esses correspondentes estavam aqui em Londrina ou...

S: Eles eram de Londrina.

T: Ah, então tinha correspondente aqui...

S: Londrina já teve, já teve sucursal da Folha de São Paulo, já teve correspondente do *Estadão*, do *Globo*, do *Jornal do Brasil*. Em termos de cobertura jornalística Londrina já teve muito mais importância no cenário nacional. Hoje é que não tem mais nada né, nem correspondente tem aqui. Só tem um correspondente da Folha de São Paulo, mas é da região toda né.

T: E as outras rádios de Londrina. Tudo número oficial? Nenhuma...

S: É. Como ninguém montou um esquema de cobertura, até porque não era uma eleição municipal né. Era uma eleição estadual, como a que teremos no ano que vem. Era pra deputados e senadores. Então ela fica concentrada digamos na capital. Hoje não, você sabe quantos votaram aqui em Londrina imediatamente depois. Mas na época não. Fechavam-se as urnas. Podia se apurar aqui mesmo, mas os números eram mandados depois pra Curitiba, centralizavam as informações. Não era uma cobertura fácil como é hoje. Hoje basta você ter um telefone celular, que você cobre tudo. Você recebe todas as informações por telefone né, então... direto da mesa apuradora. Então é diferente. Naquele tempo você tinha que acompanhar a votação. Uma apuração de eleição pra Prefeito levava três dias, reunidos em algum lugar lá, fechados, cercados... etecetera e tal. Demorava três dias. Uma contagem de cédulas, uma por uma, conferência etecetera e tal, era um... era uma missão muito, muito pesada pra quem apurava e pra quem acompanhava, quem fazia cobertura jornalisticamente também né. A informação demorava pra mudar. Hoje você tá com

número atualizado em trinta, quarenta e cinco por cento, sessenta e cinco por cento.... cem por cento. E antes não: “oh, saiu mais uma urna”. Uma de cento e cinquenta urnas. Então era muito devagar. Então qualquer tipo de montagem de um esquema como foi o da Alvorada à época hoje é impensável porque não há necessidade.

T: Mas, é... será que poderia haver fraude na contagem, essas coisas?

S: Claro.

T: Não ficava um fiscal acompanhando?

S: Lá na... lá nas comarcas ficava, né. Onde eram contados os votos. Os números eram passados para o Tribunal Regional Eleitoral que era dominado pelo governo e depois divulgado pelo Palácio do Iguazu. Os números poderiam sair corretamente lá da, de onde era feita a apuração...

T: Mas então, o repórter ficava aonde exatamente?

S: Na mesa apuradora.

T: Ficava na mesa?

S: Exatamente.

T: Ah tá.

S: Contando ali junto... fechava a urna...

T: Então era bem difícil de ter fraude?

S: Era difícil.

T: E agora, que é tudo computadorizado?

S: Ou você confia ou não confia. Eu confio.

T: É complicado né. Assim, quem mais que você lembra que estava envolvido. Outros nomes pra eu ir atrás.

S: Eu tenho que lembrar de nomes de pessoas que estão aqui ainda né. Alguns morreram.

T: Mas mesmo se estiver em outra cidade, eu vou ter que correr atrás desse pessoal.

S: Não, dos que estão aqui em Londrina, por exemplo: Salvador Francisco, Jair Gazolli... Jair Gazolli está onde agora? Jair Gazolli é assessor de imprensa, ele era assessor de imprensa em Ibiporã, ele está numa assessoria... mas você vai encontrar em site, até na lista telefônica. Gazolli, Jair. Ele nos acompanhou constantemente. Nalu Lourençon, na RIC TV. Ela é uma das produtoras.

T: De mulher só tinha ela?

S: De mulher tinha mais gente... é que eu não me lembro agora se a Latif, essa não seguiu o jornalismo. Latif, origem libanesa né. Não me lembro... havia mais mulheres sim...eu não me lembro agora. O que mais?

T: Do contador fica meio difícil de lembrar né...

S: Eu me lembro da figura dele...não me lembro do nome dele. Acho que na matéria tem.

T: Eu não cheguei a ver.

S: Mas você pode pegar o Romeo Dematte Junior, que é ainda um dos sócios proprietários da Exactus, que pode né... perfeitamente contar porque e que sistema foi utilizado na época...porque não eram computadores portáteis né. Eram grandes computadores, era o hard... não é o leve agora...eram super computadores, aquelas coisas enormes assim, de rolos grandes tal. Então é bem diferente do sistema de hoje.

T: As dúvidas vão surgindo assim, mas do que mais que você lembra assim dessa cobertura. Como que era o seu dia-a-dia?

S: Nós tínhamos turno de seis horas, direto ali, telefonando. Depois você descansava teoricamente 18 horas, depois você reassumia. Mas tinha gente que não, não largava. Por exemplo: trabalhava seis horas, depois dormia algumas horas e depois voltava e pegava de novo o turno. Ninguém queria saber se tava trabalhando mais que os outros né, nada. Ficava ali, porque criou-se um clima ali dentro de...solidariedade por exemplo, um com o outro ali e você não queria nem se afastar dali. Teve gente que dormia ali no sofazinho ali, no banquinho que tinha ali. O Jair Gazolli, por exemplo, saiu uma noite lá, terminou o turno dele, saiu e voltou na manhã seguinte. Aí perguntamos: “oh Gazolli, onde é que você tava?” “Ah, tava tomando umas aí”. Falei: “oh louco meu, onde você tava tomando?”. Ele falou “Ah, não sei, eu sei que quando eu saí eu tinha tanto no bolso, agora eu só tenho isso.” (Risos) Ele tinha torrado uma nota em cachaça e depois tinha voltado pra trabalhar. “Vai lavar o rosto, vai se enxugar ali, vamos ver de novo”. Então tinha bastante gente trabalhando em vários turnos...

Telefone toca – pausa para atender.

S: (continua) O duro é que todo mundo reclamava que agente recebia marmitex, do Planalto, restaurante Planalto. E era sempre o mesmo tipo de comida. Então era: risoto de frango. Então você comia uma vez, comia duas vezes, comia três vezes, comia quatro vezes... chegava uma hora que não aguentava comer risoto de frango. E era todos os dias risoto de frango. Ficou marcado essas coisas assim. As pessoas brincavam, e a comemoração depois foi no Restaurante Planalto.

T: Risoto de Frango? (Risos)

S: Entre outras coisas né. Daí tinha mais pratos e tal. Agente lembra também que a gente ficava ligando um atrás do outro. Ligando, anotando os números que os correspondentes nos passavam, aí, marcando a hora que foi, pra você não ficar repetindo as chamadas para o mesmo lugar e tal. Porque dependendo do tamanho da comarca, você tinha que ligar mais vezes. Pras comarcas menores, onde juntava cidades pequenas, né, que havia menos votos, você ligava menos vezes, né. Porque o processo era mais lento e tudo mais. Em cidades maiores, tinha várias cidades sendo apuradas simultaneamente, você tinha que ligar mais vezes. Então você marcava a hora que você...

T: Mas tipo de quanto em quanto tempo?

S: Não, algumas cidades se ligava de quinze em quinze minutos, vinte em vinte minutos.

T: Nossa.

S: Uma nota preta em telefone. Então você imagina né. Então você anotava a hora. Por exemplo, ligava pra Maringá...

T: Tinha assim, por exemplo, você é responsável por tal, tal comarca...

S: Aham. A gente recebia uma relação. Você não precisava nem...

T: E trabalhava meio na pressão?

S: Ah é... bastante, bastante. Você ficava com aquele zumbido de telefone no ouvido. Até porque a telefonia não era tão boa como é hoje. Então as ligações muitas vezes eram muito ruins. Você tinha que marcar mais ou menos com o correspondente, determinada horas, assim de tanto em tanto, porque ele não tinha telefone celular como tem hoje, e ele estar ali ao lado, assim, você ligar pra ele. Você tinha que ligar pra determinado telefone e ele estar lá pra atender.

T: E geralmente esses telefones eram...

S: É... eram no tribunal, no fórum, alguma coisa assim...Você ligava lá, você já tinha...

T: Você marcava um horário?

S: É você já marcava com ele tal hora se não você ia ligar e não ia ter ninguém pra atender, ia atender uma pessoa estranha. Hoje com celular é mais fácil, naquela época não tinha, era ponto a ponto, então era mais complicado. Então, envolveu uma logística, né, que ficou na cabeça do Coutinho Mendes. Essa logística toda surgiu da cabeça do Coutinho Mendes. Foi ele que fez esse planejamento de como fazer uma coisa assim. O que nós fizemos foi uma adaptação à necessidade. Então você tinha já os contatos, depois de um certo tempo você já mantinha um certo vínculo de...de camaradagem com o correspondente ali então você estabelecia alguma regras tal: "como é que tá sendo a velocidade? Então eu vou te ligar só de meia em meia hora, ok? Vou te ligar só de hora em hora." Então você estabelecia, marcava a hora que você ia ligar e aí acompanhando pelo relógio, pelo tempo...

T: Esse correspondente era contratado...

S: Contratados.

T: E o que que você lembra assim, da época por exemplo. Ainda era a ditadura... como que era assim, fazer jornalismo nessa época?

S: Já estávamos naquela fase da chamada distensão. Então na verdade, a distensão começou o Geisel e aí quando entrou o Figueiredo já começou a afrouxar mais a ditadura...aí foi ainda o último dos generais, mas já recebeu já numa situação mais tranquila Porque até então nós tínhamos muita perseguição em cima dos chamados comunistas. Existiam aquelas associações paramilitares, havia as alianças anticomunistas, comando de caça, o CCC, comando de caça aos comunistas. E não é porque você era comunista, que a sua ideologia fosse comunista...bastava você não concordar com o governo. O que era esquerda taxava de comunista. Muita gente nem sabia o que era ser comunista, né. Taxavam de comunista e perseguiam...as bancas de revista que vendessem jornais de esquerda, alternativos como Pasquim, eram ameaçados de ser incendiados. E tivemos bancas incendiadas em Londrina porque entre aspas, ousaram vender jornais de esquerda né. Era uma forma de não permitir que a população soubesse das informações através de jornais alternativos. E a rádio como era sob concessão do governo então era mais, mais submissa ainda, porque tinha um controle mais fácil, podia ser cassada a concessão e tudo mais aqui. Então rádio e televisão era....apesar de ter existido emissoras de rádio no Brasil, ao longo de todo esse Brasil aí...Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo que fizeram oposição, que mostraram isso e tudo, desafiaram o governo e sofreram pressões,

censuras e um monte de coisa assim. É, mas, ao mesmo tempo que você fazia assim, era divertido, era divertido fazer jornalismo nessa época, até mesmo porque você tinha uma frente ampla contra um, contra o que a gente considerava um mal, que era a ditadura. Então você brigava contra isso e a favor da sociedade, você tinha um norte muito grande, né. E a outra coisa era você desafiar a censura, como fazer passar uma informação sem que a censura percebesse. E a censura, a censura era muito burra. Aqui na Coroados mesmo, entre setenta e cinco, setenta e seis...já era setenta e seis, eu era editor. Houve uma greve dos trabalhadores da Usina Central do Paraná, né. Colocamos que os trabalhadores da Usina Central do Paraná em Porecatu haviam entrado em greve e coisa e etecetera e tal, e que amanhã voltaríamos com mais informação sobre a greve. E a Usina era grande já. Mas aí veio uma nota, depois veio uma nota da Polícia Federal dizendo que a gente não podia falar da greve. Mas eu já tinha chamado a matéria para o dia seguinte. Então no dia seguinte falei assim: “por ordem da Polícia Federal não podemos falar sobre a Greve da Usina de Porecatu”. Aí veio uma nota depois da Polícia: “é proibido dizer que foi proibido” (*risos*). Preguei no mural, risquei, deixei lá... sabe aquela musiquinha do Caetano Veloso: É proibido proibir...mas caía como uma luva...e agente desafiava assim. Também no ardor dos vinte e um anos de idade, não sei se fazia aquilo por coragem, por inocência, por ingenuidade... mas a gente fazia, né. Hoje eu não sei se eu teria coragem de fazer isso, mas na época fazíamos... não víamos nada errado nisso. Ora, falou que é proibido falar sobre a greve... nós já tínhamos anunciado que íamos falar sobre a greve...eu tenho que dar uma justificativa para o telespectador: “oh...nós não vamos falar porque a Polícia Federal nos proibiu”. Aí vinha que é proibido dizer que foi proibido... ”Ah que legal”...

T: Mas tipo o período que você passou já não era aquela censura...muito forte.

S: Não. Setenta e cinco, setenta e seis já era mais leve. Digamos que o auge foi nos dois, três primeiros anos de setenta né. No final do anos sessenta... sessenta e nove, setenta, setenta e um...foi um marco mesmo né. Ao mesmo tempo que comemorava o tri campeonato mundial de futebol no México, aqui no Brasil: tortura, prisões, etecetera e tal. Setenta e um, setenta e dois... até setenta e três por aí, né...tivemos uma política mais dura. Depois começou ficar um pouco mais leve, continuava ainda a censura, jornais censurados, mas não tinha... pelo menos aquela truculência que existia até então. Em setenta e cinco tínhamos censura, mas já era mais branda, mas tinha. O simples fato de ter censura já era uma violência, contra a liberdade, mas pelo menos era uma censura sem porrada. Setenta e seis, por exemplo, em setenta e seis trabalhávamos pra TV Tibagi, e quando fomos demitidos, fomos a Apucarana... o cinegrafista Lorivaldo Portidura e eu, pra tentar acertar lá então. Na verdade nem recebemos os pagamentos que nós tínhamos... nos mandaram procurar a justiça...retornamos...e naquela noite ia haver uma, uma palestra, uma mesa redonda reunindo alguns dos grandes nomes da esquerda brasileira né: Helio Bicudo...me fugiu o nome das pessoas agora...é...algumas das pessoas mais importantes do pensamento da esquerda brasileira iam debater com estudantes, com a sociedade londrinense quando baixou a ordem de acabar com isso, evitar isso. Polícia de tudo quanto é lado, invadindo o DCE, correndo pra cima e pra baixo. Estava o esquema de censura. O Portidura e eu falamos: “vamos fazer o que?”... aí voltamos, pegamos o equipamento de TV que ficava aqui, fizemos a matéria e deixamos um bilhete lá: “olha se quiser aproveitar pode aproveitar...nossa despedida”. Então havia censura ainda, em junho de setenta e seis, isso... prisões né. Não se permitia. Dalma Dalaria o nome da outra pessoa. O livre pensar, o livre manifestar era proibido. Então, onde já

se viu, hoje é inimaginável isso, mas na época acontecia ainda. A censura só desapareceu mesmo depois de setenta e sete, setenta e oito. Aí já tinha virado água com açúcar né...

T: Agora surgiu uma dúvida. Você falou de pagamento... como foi o pagamento assim na Alvorada, foi certo?

S: Da pesquisa foi tudo acertado certinho e tudo o mais ok. O sofrimento veio daquelas pessoas que embarcaram né, que tentamos juntos fazer um programa jornalístico depois. A gente não teve a resposta financeira, não teve anunciante, não teve o retorno que esperava então muita gente recebeu menos que imaginava, uns e outros, literalmente enfiaram a mão no bolso. Mas a experiência foi muito interessante como jornalismo, como mostrar que pode ser comercialmente... precisa de um investimento mais longo, mas que um bom jornalismo dá um retorno de credibilidade à empresa. A Alvorada passou a ter um crédito que não tinha antes, porque era uma igreja da... era uma rádio da igreja. De repente não era só mais uma rádio da igreja né, passou a ser uma rádio da igreja, porém com algo mais, uma coisa diferente e depois, tempos depois, a Alvorada voltou a ter programas jornalísticos né, não conosco, não com aquele grupo que tentou iniciar né, mas...

T: E o Coutinho... ele foi pra outras áreas ou ele continuou lá trabalhando...ele está na Alvorada Pesquisas hoje né?

S: É o Coutinho Mendes sempre gostou de pesquisas né... ele tem um know-how, um conhecimento e que aplicado em algumas eleições, por exemplo, quando o Wilson Moreira foi eleito prefeito de Londrina, eu ajudei a montar, ajudei, ajudei porque era amigo dele também. Montar um esquema de pesquisa na cidade. Pegamos um mapa de Londrina, a planta de Londrina, o mapa, dividimos quadro por quadro, região por região, quadra por quadra. Pegamos o mapa do IBGE, pra pegar em cada quadradinho daquele, cada setorzinho daquele, quantas pessoas moravam, quantas mulheres, quantos homens, faixa etária e tudo o mais em cada um. A gente tinha um mapa completo da cidade, quadra por quadra, de quantas pessoas, quantos adultos, quantas mulheres tinha. Então você tinha exatamente um quadro real da cidade, então você ia buscar amostragens em números corretos. Se aqui tem uma densidade populacional maior de eleitores né, você tinha que aplicar uma proporcionalidade ali né, do que você aplicar o mesmo número de questionários, por exemplo, num bairro menos povoado né. Então você tinha um mapa correto. Aí o que deu, o resultado final foi de 0,2 % de diferença com o que foi apontado pela pesquisa e se atribui muito desse erro também, não ao erro da metodologia, mas algumas pessoas que, quer dizer, pesquisador fraudar. E como é que nós fazíamos pra evitar fraude o máximo possível? Tinha uma equipe de pesquisadores, eles traziam, tinha que anotar os endereços. Você aleatoriamente, dos vinte questionários digamos que a pessoa teria que aplicar, e aplicou, ele trouxe de volta, você aleatoriamente selecionava três e ligava e perguntava ao dono da casa, à pessoa se tinha sido como é que tinha sido a entrevista, se ela foi mal conduzida. Se a pessoa não tinha respondido, todo aquele setor, essa pesquisa era jogada fora daquele setor e era refeita. Então havia uma seriedade. Então o Coutinho adorava essas coisas assim e acertava. Acertava porque ele pegava a metodologia fantástica e a gente ajudava fazendo essas outras partes. Tudo da cabeça dele, e ele começou a fazer isso na Rádio Alvorada, então essa Alvorada tem essa ligação com a Alvorada dele muito forte.

T: Mas ele continuou lá?

S: Não, ele passou, ele foi assessor de imprensa do prefeito Belinati, na primeira

gestão dele. Passou um tempo, ele foi advogado. Que ele é, tem a formação em Direito. Ele foi advogar também. Aí eventualmente fazia alguma coisa em televisão, alguma coisa em jornal, nunca tirou o pé do jornalismo, mas ficou sempre mais voltado pra Alvorada Pesquisas que era o xodó dele né. Era o xodó e de certa forma também o ganha pão dele. Então a partir de um certo momento ele passou a se dedicar mais as pesquisas do que exatamente ao Jornalismo, mas sempre reconhecido como jornalista competente, honesto né. E já numa fase posterior então ele conseguiu comprar parte da, ser sócio né, comprar parte da rádio Brasil Sul. Ele o Fiori Luiz, tocaram por um tempo a rádio. E rádio, rádio em Londrina ou você tem um bom capital pra aguentar os trancos, ou você logo quebra, porque são muitas emissoras, dividindo um bolo pequeno né. Porque o bolo publicitário de Londrina, o grande filão vai pras televisões, os jornais impressos pegam uma outra parte e as outras mídias né: outdoors... etecetera consomem a outra parte. Sobra um filezinho, um trechinho muito pequeno pras rádios e isso entre quinze emissoras né. São várias rádios AM's, várias FM's, nem sei mais quantas rádios são em Londrina. São quinze ou dezesseis emissoras de rádio. É muita emissora pra pouco bolo publicitário. É muito difícil você tocar uma rádio, com uma boa estrutura. A rádio Paiquerê tem uma estrutura invejável porque ela foi planejada de longo tempo e ela vem se organizando, se investindo ao longo das últimas décadas né. E ousada... é a única rádio que, assim, do interior do Brasil que já foi pra não sei quantas Copas do Mundo né. Olimpíadas e não sei mais o que. Isso dá um respaldo muito grande. Hoje a Paiquerê é uma emissora sólida, com uma credibilidade muito alta, um jornalismo bom. Ela pode selecionar os programas que vai fazer e não é igual a algumas emissoras de rádio que vendem o espaço pra qualquer um que aparecer, seja um bom comunicador, seja um pilantra. Vende porque precisa daquele dinheiro. Não é o caso de uma rádio bem estruturada como a Paiquerê. Que escolhe né, que não aceita qualquer programa, tem que passar dentro da linha editorial, dentro da linha de ética... é de se tirar o chapéu.

T: E por acaso, a professora pediu pra eu perguntar, você lembra de algum técnico que trabalhava assim, técnico de rádio que trabalhava com vocês?

S: Eu preciso lembrar o nome dele. Trabalhou aqui na televisão inclusive. Eu posso não te dar o nome aqui agora, mas eu tenho o nome dessa pessoa porque trabalhou aqui...foi funcionário nosso aqui depois também.

T: Porque ela pediu pra entrevistar assim as várias visões, sabe. Ah... acho que eu tinha mais uma pergunta aqui...

Shoni: Você pode ouvir também o Álvaro. Álvaro Godoy, é locutor até hoje da rádio Alvorada ainda...

Thalita Vitoreli: Álvaro Godoy?

Shoni: Álvaro Godoy? Álvaro de Oliveira? Não, Álvaro Godoy.

Thalita Vitoreli: Ele é locutor?

Shoni: É.

Thalita Vitoreli: E ele era locutor naquela época também?

Shoni: Não sei se está vivo ainda por aí. Eu sei que na última vez que eu tive notícia estava lá. Porque algumas das pessoas que estavam lá, como Lainetti, que está aí, Paulinho que aparece aqui (apontando para foto da matéria: *O dia em que a Rádio Alvorada derrotou a Rede Globo*, veiculada pela *Folha de Londrina* no dia 18/11/1979

– vide anexos) técnica, essa pessoa eu me lembro bem da fisionomia. Estou me lembrando, Geraldo... Geraldo... o sobrenome eu não. Mas Geraldo é uma dessas pessoas que trabalharam na Alvorada à época. E não tinha muito mais gente porque a rádio era enxutinha. Era o diretor, um sonoplasta, uma coisa assim, que eu não sei quem era na época e o locutor. Então, era muito, era muito enxutinha. Não tinha muita gente pra se lembrar.

Thalita Vitoreli: Ah então, eu acho que é isso. Daí eu vou rever a entrevista e tudo. Daí caso surja mais dúvidas eu posso voltar a te procurar né?

Shoni: Não... tudo bem. Pode.

Thalita Vitoreli: E eu queria pedir também se você pudesse dar um toque para o Coutinho, falar que eu vou procurar ele. Só pra ele não... não sei como ele é, tal. Será que ele me atende?

Shoni: Ah acho que sim... não tem problema não. Eu vou falar pra ele: “oh...já falei mal de você já pra ela...agora...”

Thalita Vitoreli: E você tem o telefone dele?

Shoni: Não. Eu tenho que correr atrás do telefone dele...

Thalita Vitoreli: Ah então daí qualquer coisa se surgir mais alguma dúvida... eu te procuro. Obrigada Shoni.

## APÊNDICE D

Transcrição entrevista com Hideo Nakayama – Contador na cobertura de 1978  
 Data da entrevista: 09/09/2009 Local: Escritório de Contabilidade – Londrina

Thalita Vitoreli: Eu queria que você me falasse então um pouquinho da sua experiência profissional, quando o senhor se formou? Aonde?

Hideo Nakayama: Bom, eu me formei, praticamente todos meus estudos eu fiz em Londrina. Os estudos que não tinha na época, né, na época em 1967 eu me formei em Ciências Contábeis em Apucarana, em setenta e dois eu me formei em Ciências Contábeis, tá, depois em 1980/81 fui fazer o mestrado em São Paulo na área contábil. Fiz especialização em diversas matérias específicas da área contábil, tá, e nesses últimos dez anos acabei fazendo o curso de Direito.

Thalita Vitoreli: Se formou quando em Direito?

Hideo Nakayama: Me formei ano passado.

Thalita Vitoreli: Aqui em Londrina mesmo?

Hideo Nakayama: Não em Cambe, tá.

Thalita Vitoreli: E onde o senhor já trabalhou?

Hideo Nakayama: Oh, eu trabalhei inicialmente, comecei trabalhando em escritório comercial como auxiliar de escritório. Depois eu fui trabalhar numa firma de bebidas como subcontador. Depois trabalhei numa firma de armarinhos como chefe de escritório. Depois voltei para o escritório comercial como contador, aí fui trabalhar em uma grande empresa como contador geral, uma empresa que tinha mais de 20 filiais. Depois eu fui, participei de auditoria interna, fiz auditoria externa e depois fui assessor de contabilidade num grupo de imprensa, etc., Depois, ultimamente, eu estou fazendo perícia judicial na área trabalhista, área contábil né. Trabalhista, direito financeiro, direito comercial etc.

Thalita Vitoreli: Seu local de nascimento é aqui em Londrina mesmo?

Hideo Nakayama: Não, não. Rolândia - Paraná.

Thalita Vitoreli: E a data de nascimento?

Hideo Nakayama: Vinte dois de Março de quarenta e três. Estou com 66 anos.

Thalita Vitoreli: Em março de quarenta e três?

Hideo Nakayama: É. Então faz cinquenta e dois anos que comecei a trabalhar, foi em 1957.

Thalita Vitoreli: Aham. Então eu preciso saber da sua história da Alvorada. Foi em setenta e oito. Eu preciso saber o que você se lembra, se você conhecia alguém da época, como você foi parar lá?

Hideo Nakayama: Não... na época é o seguinte: como eu tinha trabalhado com o grupo Paulo Pimentel e trabalhei com o Coutinho Mendes e com o Roberto Coutinho, que é os dois irmãos, eu tinha muita amizade com Coutinho Mendes e ele tinha interesse em criar uma empresa de pesquisa que seria a Pesquisa Alvorada, a

Alvorada Pesquisas. Ele também, ele era comentarista da rádio Alvorada. Ele me convidou, ele tinha interesse em inovar a transmissão da contagem de votos, ele precisava de uma pessoa, como diz, que falasse a respeito das posições, que jeito que poderia ser, tá. Antecipadamente. E eu fui convidado por causa disso.

Thalita Vitoreli: E assim da pesquisa que eu fiz o que eu tenho é que os números eram muitos divergentes. Então os números oficiais do Palácio do Iguazu eram um e os números reais que vocês estavam contabilizando eram outros. O que você se lembra dessa época?

Hideo Nakayama: O que eu me lembro dessa época é o seguinte: que a gente pegava mapa por mapa e fazia pelos mapas. Só que o governo, o Palácio do Iguazu ele não divulgava quantos mapas tinha contado. Então dava divergência tá, muitas vezes. E outra, teoricamente, a gente achava que tinha manipulação dos mapas pra forçar a opinião pública a acreditar em determinados resultados. E a rádio Alvorada não, a rádio Alvorada fazia pelos mapas e em cima dos mapas a gente divulgava. Em cima dos mapas e a gente fazia uma progressão estatística em cima desses mapas de acordo com a região. Aqui no caso de Londrina, de acordo com a região que estava sendo contados os votos, que a gente tinha uma sessão tal que a gente sabia que era da Vila Brasil, Vila Nova etc.. A gente ia fazendo as progressões em cima disso.

Thalita Vitoreli: Então porque essa eleição de setenta e oito era pra senador aqui no Paraná né. Aí, o que eu pesquisei e o que eu achei é, assim, o que ele inovou? Ele colocou um repórter em cada lugar de voto. Esses repórteres tinham contado com a redação e falavam o número tal, e vocês iam contabilizando.

Hideo Nakayama: Não, não é isso não... era pra contar o mapa devidamente já preenchido.

Thalita Vitoreli: Então era tipo uma pesquisa?

Hideo Nakayama: A gente tinha feito uma pesquisa anterior, por região. Então tinha dividido a cidade em dez, doze regiões e cada região a gente já sabia mais ou menos que jeito que era, qual era a votação de cada local.

Thalita Vitoreli: Isso aí só em Londrina?

Hideo Nakayama: Só em Londrina.

H: E de algumas cidades a gente já sabia também. Onde a Alvorada Pesquisa tinha feito a pesquisa, a gente já sabia que jeito que era a pesquisa anterior tá. Então vamos dizer que veio cinco da cidade de Cambé. Veio tanto, a gente já sabia mais ou menos que jeito que era e a projeção, se estava certo ou estava errado, porque a pesquisa foi direcionada cientificamente.

T: Aham. Mas então dessa história de os repórteres falando o número o senhor não lembra?

H: Não nunca fizeram.

T: Que o senhor trabalhou em outras coberturas com eles também? Não pode ter confundido?

H: Não, não. Eu não me lembro porque eu sempre fiz, a minha informação, que eu era encarregado é de fazer o número oficial e projetado cientificamente só, tá?! Então a gente fazia essa projeção, a projeção científica, não fazia uma projeção assim na louca, só porque um repórter falou qualquer coisa, isso não era levado em

consideração. Era levado ao ar, um repórter que falava isso, falava aquilo etc... e acabou.

T: Então, porque agora fiquei meio confusa. Por que também o senhor falou que trabalhou em outra cobertura, né. Agora não sei se a gente tá falando da mesma, porque aqui na matéria oh... a gente tem né, e tem seu nome também né? O conhecimento que eu tenho é que ficava um... *(pausa para atender cliente)*

T: Então. O conhecimento que eu tenho é o seguinte: Ele teve a ideia de fazer uma cobertura inovadora, era uma eleição pra senador.

H: Certo.

T: Então no Paraná ia ser eleito um senador e o outro seria indicado pelo governo. Aí no caso era o Richa e o Túlio Vargas.

H: Certo.

T: Aí ele inovou da seguinte forma. Mas assim ele inovou na cobertura, mas não que ele pensava que teria fraude, mas ele colocou um jornalista em cada lugar de apuração de votos.

H: Eles tinham correspondentes.

T: Então, daí esses jornalistas, ficavam ligando pra redação, daí os jornalistas que ficavam na redação passavam os números PRO contador, e no caso também pra Exactus que estava junto. Foi a 1ª vez que se usou o computador.

H: Certo.

T: O senhor lembra dessa história?

H: Essa da Exactus eu lembro.

T: Então foi essa a história?

H: Mas a gente tinha duas apurações paralelas.

T: Ah tá, entendi. Então vocês tinham uma projeção e também tinha...

H: E científica. Então a científica é aquela que você tinha uma comprovação do que que era ...

T: Entendi.

H: Então terminou da cidade então você incluía, tá. Enquanto não terminasse você incluía na projeção só.

T: Mas então o senhor lembra disso? Os repórteres ligando e os números sendo apurados. O que o senhor lembra dessa parte?

H: Eu me lembro o seguinte: que nós fizemos as apurações e nós trabalhamos em cima de das projeções e trabalhamos em cima de valores reais, que vinham creditados, terminados e oficialmente confirmados.

T: Então os repórteres passavam?

H: Exatamente os repórteres passavam. Então passou, olha cidade tal... ou olha nós estamos lá contando Maringá, contava Marialva e tal cidade. Então Marialva tantos votos pra tantos. Em cima disso a gente fazia a planilha e jogava para o computador e o computador fazia. Então você tinha a real e depois quando tinha a parcial a gente jogava também e resultado parcial. Então esse resultado parcial, muitas vezes,

divergia com o resultado oficial, e de vez em quando vinha o valor de níveis diferentes.

T: Então o governo estava dando um número e vocês outro?

H: Nós estávamos dando outro.

T: Mas o que eu também sei da época é que as outras rádios não estavam fazendo com vocês. Então elas divulgavam o número oficial. É isso mesmo?

H: Às vezes algumas oficiais outras que o governo dava, o governo anunciava.

T: É, mas o número oficial é o que o governo dava?

H: Isso. Que era anunciado através da rádio de Curitiba.

T: Você lembra alguma assim de como, por exemplo, como o número não estava batendo ter que refazer os cálculos, dizer assim “vamos ver se tem alguma coisa errada”?

H: Não, porque nós tínhamos os dois valores. O oficial a gente batia, então a gente tinha comprovante. Eu tinha a relação de todos os números do Paraná. Terminou, eu colocava: terminou. Então aquilo lá já era parcial.

T: Eu não to entendendo essa diferença de parcial e oficial.

H: Não é parcial e oficial. Um é parcial e final.

T: Aham.

H: Então vamos ver: vinha uma parcial eu colocava ali...

T: E essa parcial vinha do repórter?

H: Vinha do repórter. Não, também vinha do repórter também oficial. Terminou a cidade: Olha essa daqui é a contagem oficial da cidade de Cambe, por exemplo. Então a gente já tinha uma papeleta e colocava: tais, tais, tais. Então colocava no mapa final. Então você tinha a contagem final, que não tinha erro, era computadorizado. E você tinha um mapa parcial que poderia ser modificado aquilo lá.

T: Parcial é quando não tinha terminado ainda oficialmente?

H: Não tinha terminado. Oh, contou lá setenta por cento, sessenta por cento, quarenta por cento. Então você ia colocando lá as parciais num mapa geral e ia ficando no computador. Então você tinha dois números completamente diferentes um do outro tá. Muitas vezes no final não batia. Não batia porque, às vezes o repórter dava umas informações meio loucas lá, tá. Mas o oficial não, oficial sempre foi e quando eles tentaram modificar não conseguiram modificar porque a rádio Alvorada chegava...

T: Mas então como que eles tentaram modificar e como que vocês provaram que eles estavam errados?

H: Os votos que nós tínhamos assim de cada cidade terminado.

T: Então o senhor acredita que os que eles divulgavam eram outros?

H: Não, mas eles não divulgavam quantas cidades foram apuradas, quantos por cento foi apurado. Eles diziam: até agora tanto, ou até agora quantas cidades, apuração em média tantos por cento. Não falavam qual cidade, que jeito que era.

T: E ta, então o governo não falava qual cidade, mas vocês já sabiam?

H: Já sabia e tal. E muitas vezes, por exemplo, se você ignorava cidades como

Maringá, por exemplo, dá uma diferença muito grande ou você ignora uma cidade, conforme a votação de uma cidade dá erro. Aqui, por exemplo, a prefeitura, por exemplo, o Belinati depois tinha urna que dava noventa por cento para o Belinati e 10 por cento para o resto, e tem outros que dá noventa por cento para o resto e dez por cento para o Belinati, ou vice e versa. Então se você pega uma urna e outra urna dá diferença. E outra se você ignorar uma dá diferença grande. Entende, então não tem o que falar.

T: E como você acha que o governo tentou manipular isso?

H: A questão é o seguinte, se ele conseguisse deixar acreditando nisso, ele poderia manipular o número lá no TRE. Ele poderia, não estou dizendo que foi.

T: Mas então vocês eram a única rádio que estava divulgando esse sistema?

H: Esse sistema. Estávamos falando parcial, olha número oficial é tanto, tá. Inicialmente. E se alguém perguntasse a gente falava: “oh, a cidade apurada até o final são tais, tais, tais.” E a gente tinha todas as cidades apuradas oficialmente.

T: Coisa que o governo não divulgava?

H: O governo não divulgava. Por isso mesmo que quando chegava, porque demorava três a quatro dias, às vezes até uma semana pra termina, tá. Então, muitas vezes, quando chegou no terceiro, quarto dia, aquela bagunça...

T: Mas você se lembra assim da rádio sofrendo pressão?

H: Não. Pressão não. Se sofreu pressão foi quem estava comandando a rádio. Eu tava numa sala lá e não escutava ninguém. Meu trabalho era só calcular número, projetar e acabou.

T: Também é uma pergunta mais difícil, os números, eles eram muito divergentes, você chega a se lembrar disso?

H: Era divergente porque às vezes, por exemplo, você ouvia assim uma rádio falando um número e às vezes não estava computado três, quatro cidades, tá. Você não sabia por que de repente na divulgação tinha tirado uma cidade e colocado outra.

T: Hum, entendi.

H: Tá. Então isso pode ser chamado de manipulação política, tá. Mas isso não quer dizer que...

T: Então você não tinha contato com jornalistas? E o Coutinho você já conhecia?

H: O Coutinho eu já conhecia, conhecia desde de setenta e três.

T: Foi ele que te convidou pra participar?

H: Ele que me convidou.

T: E antes dessa você já tinha participado de alguma? Ou essa foi a primeira?

H: Eu sempre gostei dessas coisas porque como contador você acaba, acaba namorando número né.

T: Entendi (risos).

T: Você se lembra de mais alguém dessa época que trabalhou também?

H: Ah, eu lembro assim...

T: Mais repórteres, apesar de não ter contato...

H: Na rádio Alvorada tinha um locutor gordo, mas não me lembro o nome dele...

T: Ah o Shoni também lembrou, mas não lembrou o nome.

H: Ah o Godoy, Godoy.

T: Godoy?

H: Godoy.

T: Você não sabe o nome completo?

H: Nome completo eu não sei.

T: Vou procurar.

H: Ele trabalhou muito tempo na rádio Alvorada

T: Aham, como locutor?

H: Como locutor.

T: E contador era só o senhor?

H: Era só eu.

T: E você lembra também do uso do computador? Como que foi, era uma coisa muito inovadora?

H: Computador não. Sabe por que eu não vou lembrar do computador? Por uma razão. Porque eu acompanhei o computador desde a época de picotar cartão né. Porque eu sou contador daquela época, porque quando começou a Exactus, eu comecei a acompanhar. Então primeiro trabalho com computador era picotar cartão. A gente trabalhava como picote.

T: Tinha algum contato do pessoa lá da Exactus com vocês ou não?

H: Ah tinha.

T: Ou eles só disponibilizavam esse cartão?

H: Ah tinha. Eu conhecia o pessoal da Exactus porque as vezes eu assessorava a Exactus também na parte técnica contábil né. Técnica contábil porque eu, como tinha cliente que era usuário da Exactus, então eu tinha contato com eles, tinha uma boa amizade e tudo. Eles me respeitavam, eu os respeitava. Então eu sabia o que eles queriam, o que que permitia a computação a fazer né. Isso eu sabia.

T: Mas lá na rádio eles não participaram?

H: Na rádio, eles davam...

T: Foi só uma parceria.

H: Foi só uma parceria. Porque, praticamente, o computador chegava lá... quer dizer, então levava lá. Porque a apuração foi feita lá em frente o antigo grêmio. Você conhece?

T: Aham.

H: Então foi lá e a Exactus era do outro lado em frente do Bourbon.

T: Mas me fala uma coisa: qual é a diferença que você sabe assim e se lembra dessa contagem de votos, antes do computador e depois do computador?

H: Como?

T: Teve diferença? Pra que o computador foi usado?

H: Foi usado pra verificar a exatidão.

T: Ah tá entendi.

T: Então você pode continuar fazendo a conta ali, normal tal. Depois só pra verificar. E batia.

H: Então cada vez que vinha o mapa eliminava o resto e chegava com a prancheta que ele tava. Porque eu já sabia que com o computador o número tava certo o número que a gente mandava era checado, a gente mandava as planilhas já.

T: Como era o processo de checar?

H: Então a gente fazia a planilha. Então pela planilha dava pra chegar, tá. Porque não é igual hoje você pega no computador e vai direto, então você preenchia uma planilha tá, aquela planilha era copiada no computador lá na Exactus tá e você...

T: E você não teve acesso ao computador?

H: Não, não era eu que fazia.

T: Tá. Era uma outra pessoa.

H: E outra, era um computador gigantão né. Então era mais ou menos isso...

T: Desculpa, eu interrompi a história de como faz a checagem. Então você tinha uma planilha?

H: Isso. Era um planilha, a planilha era digitada lá na Exactus e eles tinham um grupo de pessoas pra conferir se a planilha tinha passado certo. Conferiu, eles mandavam pra gente, depois imprimia e mandava pra gente. Aí em cima dessas coisas que a gente divulgava.

T: Tá.

H: E tinha um mapa de cada cidade. Então na época tinha trezentos e oitenta, trezentos e setenta cidades. Então cada cidade já tinha, antecipadamente, já tinha um número de eleitor em cada cidade. Então você sabia mais ou menos se aquele número de eleitor tava batendo ou não. Então um repórter chegava e falava assim: "olha, a cidade de Cambé tem 10.000 votos no total". Daí você falava: "não, não". Por que daí você já tinha um mapa anterior, Cambé tem 40.000 votos, por exemplo, então já tava errado.

T: Mas como assim o repórter?

H: Não quando o repórter te mandava, vamos dizer, o repórter mandava assim: "oh, terminou uma reportagem em Cambé". Por exemplo, tá. Então olha tem tantos votos, tantos votos, você contava tem tantos mil votos. Aí a gente ia porque foi feito um planejamento anterior. Então a gente tinha do Tribunal o número de eleitor de cada cidade já, antecipadamente. Então bateu ali você já sabia. Então ele falava assim: "oh, o número de abstenção é tanto". Então você acrescentava abstenção, você checava lá e você sabia se a contagem estava certa ou estava errada. Deu uma discrepância, alguma coisa tava errada.

Thalita Vitoreli: Mas não estou entendendo. Por que que o repórter ia passar o número errado?

Hideo Nakayama: Às vezes na pressa.

Thalita Vitoreli: Você estava comparando o número que o repórter passou com o número que o governo passou? Ou era o número da pesquisa?

Hideo Nakayama: O governo passava depois. A nossa intenção era adiantar o máximo possível e fazer a mais exata possível. Então a gente não deixava o repórter errar. De repente ele falava total, mas era parcial. Então alguma coisa estava errada, porque você, pela contagem, nós pedimos pra mandar o número de voto de cada um, em branco e, inclusive, o voto de abstenção. Sabendo isso aqui tinha que checar com o número de eleitores que o TRE tinha mandado anteriormente.

Thalita Vitoreli: Então, o Shoni me falou que era uma coisa tipo de quinze em quinze minutos ligando pra ver como... os números...

Hideo Nakayama: Ligava pra todas as cidades. Então mandava para o cartório, tinha os correspondentes, tinha repórter, algumas cidades, tinha os cartorários e etc.

Thalita Vitoreli: Entendi.

Hideo Nakayama: E os repórteres daqui telefonavam ou recebiam telefonema, la preenchendo a planilha e ia passando pra gente. E com a papelada a gente ia preenchendo essas planilhas...

Thalita Vitoreli: E quando você percebia que tinha alguma divergência assim, que o número que o repórter passou foi errado, o que vocês faziam?

Hideo Nakayama: Mandava verificar de novo.

Thalita Vitoreli: Ah tá.

Hideo Nakayama: Mandava verificar... telefonar ou qualquer coisa assim...

Thalita Vitoreli: Então chegou a acontecer de o número que o repórter passou estar errado?

Hideo Nakayama: Muito, muito, muito...

Thalita Vitoreli: Ah, entendi.

Hideo Nakayama: Por isso que eles confiavam, por causa disso. Então eu era a pessoa que fazia a triagem dos números.

Thalita Vitoreli: E da época assim, porque eu conversei com o Shoni também e ele falou que a rádio Alvorada não tinha muita audiência...

Hideo Nakayama: Nessa época teve. Na época da eleição a audiência aumentava três vezes mais por aí.

Thalita Vitoreli: E o pessoal comentava muito sobre isso de um número estar tão diferente?

Hideo Nakayama: Não, não. Porque depois a rádio Paiquerê começou a juntar com a gente.

Thalita Vitoreli: A rádio Paiquerê juntou?

Hideo Nakayama: Rádio Paiquerê começou juntar, outras rádios começaram a juntar. Então ficavam em família. Então, por isso que entre as rádios não tinha aquela disputa né e porque a rádio em Londrina, graças a Deus tinha irmandade.

Thalita Vitoreli: Entendi.

Hideo Nakayama: E a rádio Paiquerê foi a primeira a juntar com a gente tá. Porque

nesse tempo não tinha AM e FM, era rádio Paiquerê só.

Thalita Vitoreli: A tá. Eu queria assim, conversar com o senhor eu vou entrevistar mais pessoas assim, e deixar em aberto né. Caso fique alguma dúvida eu vou voltar a te procurar e tal pra tirar outras dúvidas. Se o senhor lembrar de alguma coisa também. É que faz tempo né, tem que tirar do fundo do baú.

Hideo Nakayama: São trinta anos né. Setenta e oito. Eu já tinha saído da TV Tibaji. Eu saí em setenta e sete da TV Tibaji e o jornal Panorama já tinha fechado também. Então final de setenta e seis o jornal Panorama já tinha fechado já. Ela começou a construir em setenta e três, dois anos construindo e um ano de vida. Agora se você ver o jornal Panorama tem alguma pessoas que conheço: o próprio Coutinho Mendes, Roberto Coutinho. Você conhece né?

Thalita Vitoreli: O Roberto Coutinho é irmão do Coutinho Mendes?

Hideo Nakayama: Isso. Trabalhou lá. Então tinha muita gente que trabalhou no jornal Panorama.

Thalita Vitoreli: Tá

Hideo Nakayama: Agora a pessoa que você... que podia entrevistar, se você quisesse, fazer uma pesquisa do jornal Panorama é o Délio César e Maria Lucia Vitor Barbosa ela é professora da UEL, tá.

Thalita Vitoreli: Tá. Então é isso. Fechou!

## APÊNDICE E

Transcrição entrevista com Coutinho Mendes – Idealizador da cobertura de 1978  
 Data da entrevista: 16/09/2009 Local: Londrina – Sede da Alvorada Pesquisas

Coutinho Mendes: Pode perguntar. Vai perguntando... eu vou respondendo o que for possível.

Thalita Vitoreli: Tá. Eu só queria que antes, assim, você falasse um pouquinho da sua carreira. Como você começou no jornalismo? No jornalismo né, porque o Shoni disse que você também tem área de direito. Como que começou?

Coutinho Mendes: Eu vim pra Londrina, a exemplo de milhares, pra estudar né. Porque eu morava era na zona rural e ali tinha poucas escolas. E quando eu cheguei a Londrina, ainda bem jovem, logo depois eu me interessei pelo rádio né. Aí fui trabalhar em rádio. A primeira emissora que eu trabalhei aqui foi a Rádio Clube... que não existe mais. Era uma emissora que fazia parte de uma rede de emissoras do *Estado de São Paulo*, no Paraná, Minas né. E ali eu comecei até no esporte fazendo plantão esportivo né. Mas em seguida eu durei pouco tempo no esporte e passei para o jornalismo.

Thalita Vitoreli: É que... mas você sabe me dizer assim quando?

Coutinho Mendes: Em 1963 foi quando eu comecei em rádio. Faz um bom tempo né. Era novo mesmo né. E ali fiquei nessa área de rádio, depois eu passei em sessenta e cinco a trabalhar em TV, era TV Coroados né, que era única emissora da nossa região aqui e pertencia ao Diários Associados. Fiquei bastante tempo ali. Trabalhei na *Folha de Londrina*, no tempo do chumbo e depois, quando eu trabalhava lá, quando o Milanez comprou a Folha, então trabalhei na implantação como jornalista ali de redação.

Thalita Vitoreli: Mas nesse tempo que você foi pra TV, você não continuou em rádio?

Coutinho Mendes: Eu continuei porque é uma coisa interessante. Hoje até cria-se uma imagem né de que eu fui e continuei sendo um jornalista multi tarefas né. Faz de tudo um pouco, que é uma característica do interior. Por isso que os profissionais que trabalham aqui em comunicação, eles acabam tendo sucesso em São Paulo, Rio. A gente tem bons exemplos em outras praças né. Porque o pessoal fez de tudo um pouco e acabou ganhando com isso muita experiência. Então quando ele se especializa ele tem uma visão geral, porque o jornalista é um genérico em termos de atividades. Então ele tem que conhecer um pouco de cada coisa né. Depois, com o tempo, foram sendo criadas editorias específicas né. Editoria que só trata de economia, só trata de futebol, esportes né. Só trata de geral. Mas de um modo comum mesmo no jornalismo, o profissional entra e começa lá em baixo né, fazendo, as vezes, Polícia né e por aí vai. Então na minha vida profissional eu já fui repórter, uma atividade comum a todos que ingressam né, já fui redator, já fui pauteiro, já fui secretário de redação, diretor de redação, trabalhei em rádio, jornal, televisão e só não trabalhei mesmo em revista. Trabalhei em assessoria de imprensa né. Durante o período realizei todas essas tarefas. Procurei sempre fazer o melhor e para fechar né, prestei um concurso na Universidade e dei aula lá durante um bom tempo, e depois preferi ficar aqui, foi lá no curso de jornalismo.

Thalita Vitoreli: Quanto tempo o senhor ficou lá?

Coutinho Mendes: Eu fiquei lá mais ou menos uns dois anos né. E fui pra lá pra dar aula na disciplina de áudio visual, então eu dava aula de áudio visual e ética, então essa era minha área lá. Mas como sempre os professores são pessimamente remunerados né e um cidadão que tem contas a pagar né. Então tem que dar um jeitinho de cuidar da vida né. Infelizmente né... não dá pra gente... alguns colegas nossos permaneceram lá e foram conquistando outros benefícios né, até por méritos, evidentemente. Porque foram se especializando né, mas eu acabei saindo, deixando lá e continuando com minhas atividades aqui.

Thalita Vitoreli: E aonde o senhor nasceu?

Coutinho Mendes: Eu nasci em Terra Roxa... São Paulo. Perto da região de...

Thalita Vitoreli: Aí o senhor veio pra cá, pra...?

Coutinho Mendes: A minha família é uma família, assim, de pioneiros aqui do norte do Paraná. Porque minha família morava lá no *O Estado de São Paulo* nessa região de Bebedouros né, e aí em quarenta e três a família do meu pai, uma parte da família do meu pai, uma parte da família da minha mãe vieram para o Paraná. Entraram no sertãozinho bravo. Aí tinha onça, jacaré e outros bichos menos cotados né. E afundaram ali no sertão até que conquistaram seu espaço né. Por isso até que eu vim pra cá, a gente até poderia ter ficado ali onde morava... que é ali na região que hoje é Nossa Senhora das Graças né, um município, fica entre... fica próximo de Santo Inácio né. Porque você entrava para o Paraná através de Santo Inácio, cruzava o rio Paranapanema em balsas né. A primeira cidade que tinha ali era Santo Inácio depois avançavam mais. Então na época pra nós era mais fácil ir a Prudente do que a Londrina, porque as rodovias eram precárias né. Mas com o tempo eu até fui estudar uma época em Prudente né, era mais próximo naquela região ali... era mais ligada a *O Estado de São Paulo*. E depois vim pra Londrina e aqui fiquei. Minha família também acabou vindo pra Londrina né.

Thalita Vitoreli: Dai você... não sei se tinha já a faculdade de jornalismo, não tinha ainda né?

Coutinho Mendes: Não a profissão de jornalismo foi regulamentada em 1965, através de um decreto. Esse decreto previa que aqueles que estavam a mais de três anos na profissão, então poderiam obter o registro de jornalista profissional, equivalente a quem tinha um curso superior de jornalismo né.

T: Aham.

C: Aí depois, passado uma temporada grande né, eles até renovaram esse decreto. Teve uma nova regulamentação. Aí os que já eram jornalistas profissionais continuaram e eles deram um prazo para os outros como jornalistas provisionados, né. E aí entrava todas as categorias né... desde fotógrafo, repórter, redator, pauteiro, chefe de reportagem. Todo mundo entrava nisso aí pra regularizar a profissão. E hoje não tem mais essa abertura né. Eu digo isso felizmente né. Porque apesar de não ter feito jornalismo eu sou um defensor de que é melhor você trabalhar com um recém formado, do que com um cidadão que não tem nem a parte teórica né. Aí fica mais difícil trabalhar né.

T: Quando você entrou, assim, pra ser jornalista, tinha algum conhecimento de jornalismo, ou entrou com a cara e a coragem? Como que foi que surgiu esse interesse pelo jornalismo?

C: Eu comecei trabalhando em rádio né... que a função era outra...

T: Ai foi te conduzindo?

C: Então o rádio, eu entrei pra trabalhar em estúdio, dando informação da área do esporte e apresentando programas né. Depois eu passei para o jornalismo, aí sim como repórter né.

T: Ah, entendi.

C: Que a figura do rádio repórter né, eu trabalhava o tempo todo, assim, fazendo entrevistas depois editando essas entrevistas para ir ao ar os informativos né. Então meu aprendizado foi por aí. Quando eu passei para televisão eu já tinha uma experiência de reportagem né, que foi o que eu fui realmente fazendo na televisão que foi reportagem. Só que a reportagem naquela época, ela era limitada nas condições técnicas dos equipamentos. Então na televisão, por exemplo, a gente usava muito texto e imagem que eram os filmes né. Filmes de 16 milímetros que o cinegrafista lá, colhia essas imagens, depois revelava os filmes, aí editava. A gente cortava os filmes e colocava só o que interessava né. Era uma mão de obra danada né. E aí produzia os textos né. Depois, dentro da própria televisão, eu passei também à condição de redator do noticiário local. É um aprendizado né. Quando eu fui para a Folha eu já tinha uma boa experiência de reportagem e até de redação, porque no rádio além das reportagens eu fazia também a redação dos noticiosos. E o rádio naquela época tinha um padrão que é mais ou menos o padrão do Repórter Esso né. Então quem entrava já pegava o padrão do Repórter Esso... que eram textos curtos de vinte, vinte e cinco palavras no máximo né. Então eu tinha capacidade de resumir muito grande né. O pessoal que já trabalhava a mais tempo na época... aí para a adaptação na televisão foi fácil né. Porque a televisão também é um noticiário muito conciso né. Então isso facilitou o trabalho da TV. E como eu disse na TV eu era um faz tudo. Na matéria de jornalismo a gente fazia tudo, só não fazia câmera de estúdio essas coisas que não eram o meu chão né. Mas a parte de reportagem, às vezes, o cinegrafista tinha dificuldade, ou as vezes, até pelo próprio horário, o cinegrafista não estava ali estava fazendo alguma outra coisa, você pegava a câmera e ia lá filmar pra não perder o fato né. Então isso foi ganhando. Aí em sessenta e nove, setenta entrou a TV Tibaji. A TV Tibaji também foi uma grande escola por aqui. E aí eu fui chefiar a reportagem da TV Tibaji né. A gente tinha uma sede boa em Londrina né, e aqui a gente coordenava todo esse trabalho de cobertura.

T: A TV Tibaji e a TV Coroados... qual que era a relação delas? Elas eram concorrentes ou não?

C: Concorrentes no início sim. Depois passaram pra um grupo só, que era o grupo do Pimentel .

T: É porque o Shoni... ele chegou a trabalhar na TV Coroados...

C: Aí depois houve um episódio político e em razão disso. Romperam a concessão com o Pimentel. O Pimentel ficou só com a TV Tibaji, porque a Coroados estava prontinha pra ser retomada né. Quer dizer, o governo ia tomar a concessão e cancelar tudo. Fizeram uma emissora pioneira então pra evitar isso houve um acordo de bastidor e a televisão continuou. Passou a atender, o Pimentel abriu mão de algumas emissoras né, porque ele foi bastante prejudicado num determinado período, principalmente no governo do Leão Peres. E aí eu sai da Coroados e depois voltei em um outro período quando o Pimentel montou aqui o Jornal Panorama né, então o Panorama, no primeiro momento ele durou pouco né.

T: Oito meses mais ou menos não foi?

C: Um ano mais ou menos né. Aí entrou um grupo que veio de São Paulo do Narciso Cavile. Esse grupo ficou pouco tempo. Deve ter ficado mais ou menos, se minha memória não tiver patinando aí né, uns quatro meses, entre rodar o jornal e depois já com o jornal em andamento. Aí assumiu o grupo local né, o pessoal de jornalismo local que era o Délio, Pedrinho, Leonardo né. Eu estava na Coroados, depois passei pra redação. Houve um segundo episódio. Saíram o Délio o Leonardo, não sei se o Pedro também saiu né. Eu estava ali, acabei ficando até a pedido dos próprios companheiros que pediram pra ficar ali mais uma temporada né. E quando o jornal foi fechado, o jornal já tinha superado a sua crise financeira né. Quer dizer a crise financeira, a crise de faturamento né. Mas já havia uma decisão lá por parte da direção do Paulo Pimentel e acabaram fechando o jornal. Foi uma decisão empresarial. Foi lamentável né, mas porque havia uma grande expectativa na cidade vinda do jornal né.

T: Esperava um bom jornalismo né?

C: Era um jornal tecnicamente bem avançado né, porque os equipamentos eram modernos. Mas a receita, de um modo geral, não agradou à cidade. Porque a cidade ainda era uma cidade nova. E ele tinha uma linha editorial bastante agressiva né. Então isso desagradou o comércio, e o comércio recusou a participação no setor comercial que inviabiliza o jornal. Porque jornal, nenhum jornal por detalhe histórico ele consegue fazer receita com menos de cinco anos de mercado né. Então isso é uma tradição na área né. Ele era um jornal que tava começando, só que as despesas foram muito altas por conta de quem chefiava a redação do jornal né. Então achou que tinha muito dinheiro e não tinha esse dinheiro não. Então isso acabou inviabilizando o jornal né.

T: E como que surgiu, assim, agora passando pra história...

C: Isso não tem nada a ver com a história da rádio, estou falando por falar né.

T: Mas é importante. Mas como que surgiu essa ideia de fazer essa cobertura?

C: Bom... nós já produzíamos, como eu tinha bastante experiência na área de rádio e nunca deixei o rádio, eu sempre conciliava com minhas atividades, mesmo porque jornalista trabalha cinco horas num lugar, cinco horas em outro. Aí a medida que era possível a gente ia fazendo isso né. Já tinha um jornalismo da rádio Alvorada né, produzia lá um jornal matutino, e aí surgiu a ideia de...

T: Você trabalhava nesse jornal?

C: Trabalhava. Aí surgiu a ideia de fazer a cobertura da eleição daquele ano né. Já que ia fazer, surgiu a ideia de montar um bom esquema de coleta das informações. Porque na época não tinha. Você não tinha nada que repassasse a informação como tem hoje né, tudo no computador. Você vai lá acessa e vai fazendo a sua cobertura. Então você tinha que ter estrutura pra fazer a coleta dos resultados. Então tinha que montar uma estrutura. Então começamos com antecedência montando uma rede de correspondentes né. E uma rede de emissoras que se beneficiaria desse trabalho, eles coordenariam o trabalho, alguns coordenariam o trabalho na sua cidade e repassariam pra nós e nós repassaríamos pra eles a totalização. E foi aí que fizemos então o convite lá para o Hideo, que já era amigo nosso de televisão.

T: Passou pelo Panorama também?

C: Do tempo da TV Tibaji né. E aí montamos toda essa estrutura. A estrutura de mapas. Ele deve ter comentado pra você, essa medida que a gente ia recebendo as informações, a gente passava... ia passando essas informações e eles iam lançando essas informações no mapa né. Então conseguimos o que: ter um panorama do estado, porque a gente não fica limitado nas informações só da capital, fazia coleta mesmo município por município. E a medida que ia fazendo o fechamento da apuração município passavam pra o seguinte até realizar o fechamento. Ali o fato que aconteceu foi o seguinte: o Palácio do Iguazu montou um esquema mais ou menos nessa linha né, porque ele tem uma estrutura de governo. Então eles faziam a coleta e iam jogando lá. Só que os resultados deles davam uma posição e o nosso outro né. E as emissoras de Curitiba divulgavam o que... eles colocavam um repórter lá no Palácio junto com... pra dar esse resultados. E a própria emissora que era... fazia parte da Globo aqui no Paraná, hoje é a RPC né, eles divulgavam esses dados em rede, rede nacional.

T: Na verdade eles divulgavam os números oficiais?

C: Os números... é aquele lá, na verdade ele divulgavam como se fosse os dados oficiais né.

T: E assim né, o que eu queria entender, não sei se você chegou a participar de outras coberturas da eleição?

C: Sim.

T: E era assim sempre dava os números oficiais, nunca chegou assim a duvidar desses números oficiais?

C: Não, não é que duvidasse. É que a gente tinha muita cobertura, mas de coisa local né. Então de eleições locais. Nessa eleição nós resolvemos fazer uma cobertura estadual, coleta mesmo desses números. Tanto que isso depois virou referência pra cobertura da própria televisão de outros veículos que juntavam às vezes veículos de Curitiba, às vezes pra fazer um trabalho semelhante. Porque a informática é coisa recente, essa história de voto fazer contagem, a urna eletrônica tem dez anos né. Então naquela época era tudo a base da caneta. Então se você pegar o histórico daquilo lá você vai ver, ou era máquina de escrever, o pessoal ia somando urna por urna pra poder ter o resultado oficial. Só que isso demorava porque depois que fazia, que todo mundo passava a assinatura lá no resultado, mandava isso pra Curitiba e lá em Curitiba no TRE eles também tinham seus formulários lá pra ir anotando os resultados e somando pra saber quem estava sendo eleito senador, quem estava sendo eleito governador. Então era uma tarefa manual e demorada. Tinha às vezes eleição que eles levavam duas, três semanas pra ter um resultado oficial né. Então isso era uma contagem paralela. Já tinha experiências de eleições locais né, eleições pra prefeito, que a gente também já fazia isso né. E aí é que está, essa contagem a gente fazia porque eram duas, três, quatro zonas eleitorais. Então tinha que ir somando a medida que ia sendo divulgados os boletins.

T: Já tinha feito isso?

C: Já. Já tinha feito isso porque teve uma divergência de resultados. Aí o que aconteceu: fazia parte da equipe lá como colaborador, o Joel que trabalha para O Globo, o Germano que trabalhava para o *Estadão* e eles pegaram e passaram essas informações pra São Paulo e Rio né. E aí que deu a confusão porque nessa aí os editores lá do Rio falaram: “bom tem alguma coisa errada”, ou Curitiba tá errada né, que acho que eles nem sabiam direito qual eram as fontes né. Então aconteceu esse

rompimento de informações que estava sendo gerada por Curitiba né. A partir daí eles passaram a fazer acompanhamento dos nossos resultados e os nossos resultados acabaram depois sendo confirmados com o resultado final. Se haveria ou não manipulação de resultado isso aí a gente não sabe né. E de qualquer modo serviu de alerta porque aí eram dois partidos MDB e Arena. Então o povo do MDB, que era o pessoal do Richa, correu lá pra Curitiba e começou a cuidar, olhar com mais atenção essas sombras né. Que já era mantida como certa a vitória do Túlio Vargas né, que aliás foi mais votado, porém não levou por causa da história da sublegenda né, que naquela época o MDB podia lançar X candidatos, Arena mesma coisa né. Então a sublegenda... apesar disso o Richa acabou levando né. Então foi essa divergência que provocou, então por isso deu lá o dia em que a Alvorada derrotou a *Rede Globo*, quer dizer...

T: A Globo estava dando os números oficiais.

C: Os números lá do Palácio.

T: O Shoni chegou a comentar que a rede *O Globo*, o jornal tal estava dando os números oficiais, e *O Globo* estava dando outros números.

C: Porque o Joel que era correspondente do *O Globo*... passava os resultados daqui.

T: Você sabe o sobrenome dele? É Joel Sampaio.

C: Não, é Joel Santos.

T: Santos?

C: É Joel Santos

T: É Germano de Oliveira né?

C: Germano de Oliveira

T: O Joel era do *O Globo*?

C: *O Globo*. Ele era correspondente do *O Globo*, e o Germano do *Estadão*.

T: Mas é, daí ficava assim um correspondente em cada mesa? Em cada mesa assim...

C: Eles colaboravam da seguinte maneira... é, como eles estavam fazendo cobertura também para o seus impressos né, então eles ajudavam na coleta. Às vezes estava faltando cidade tal, eles ajudavam a obter esses resultados né. Pela soma cada município fazia a soma, da eleição local e esse resultado depois que o juiz passava o seu visto esses documentos eram emitidos para Curitiba para o TRE pra lançar no mapa geral e poder fazer a soma geral. Então ia somando município por município né. Então o que a gente fazia era isso: coleta município por município e aí fazendo nossa soma. Então tem senador tal tem tanto votos, ou outro tantos votos. Aí pega lá, por exemplo, Rolândia. Qual foi o resultado final para Rolândia? Aí tinha lá Richa tanto, Túlio tanto.

T: Mas vocês pegavam esses resultados onde?

C: Todos esses dados junto com a justiça eleitoral de cada município.

T: A tá. Porque o que o Shoni falou é que ficava, assim, um correspondente em cada mesa de contagem de votos e esse correspondente passava os dados.

C: Bom isso aí era só coisa local. Nas outras cidades a gente só pegava somas

parciais né. Então a gente tinha lá os correspondentes né, mas eles passavam lá uma soma dos resultados. Não era urna por urna, esse trabalho depois mais pra frente a gente até fez uma coisa mais ou menos nesse sentido de por um correspondente nosso em cada, em cada área né. Mas nessa eleição a gente pegava isso aí: era um resumo daquilo que a gente já tinha apurado. Que a apuração, ela é lenta, como era manual, então começa, eleição era hoje, começa no dia seguinte. Alguns municípios, só de porte maior, começavam às vezes no mesmo dia né e interrompia durante a madrugada. Então quando pegava essas parciais, tinha lá: foram apuradas quantas urnas? 100. Qual é o resultado? Aí tinha lá os resultados e nós lançávamos isso nos mapas, no mapão lá.

T: Aí um correspondente passava o resultado?

C: Tinha correspondente, assim, um em Cascavel, então ele corria a área dele, e aí passando.

T: Então não é uma coisa dele ficar lá acompanhando a contagem de votos, ele pegava e passava o número que o TRE divulgou pra vocês?

C: Não. Não é o TRE. Isso aí era o local, porque a apuração era feita por eleitores convocados pela justiça eleitoral e presidida pelo juiz eleitoral da comarca. E, além disso, tinha os fiscais dos partidos que ficavam olhando lá. Porque tinha que contar cédula por cédula. Então abria lá urna 17 né, da Vila Casoni. Aí abria jogava em cima da mesa e vamos contar. Aí contava o que tinha de voto nulo, voto em branco, voto pra esse candidato, pra aquele né. Aí eles faziam aquele relatório, esse relatório, isso aí era público. Então você como jornalista poderia ficar lá anotando uma sessão por sessão.

T: Você não podia acompanhar a contagem de votos?

C: Não, podia. Os jornalistas circulavam ali no meio né, porque eram mesas como essa aqui. Então tinha quatro, cinco e seis pessoas né, que faziam parte. Eram tantas mesas apuradoras por zona eleitoral né. Essas mesas, elas tinham... cada um ia pegando as urnas né. E ia uma por uma. Terminava aquela, fechava, cada um assinava o boletim, pra dizer que estava tudo certinho né e passava pra urna seguinte. Isso aí é a justiça eleitoral só. Ia fazer o resultado final depois de uma outra mesa, uma mesa que já de coleta das urnas apuradas. Então eles iam lançando, tinha uns mapas, mapa grande mesmo, por que não cabia né. Tinha lá um cidadão que ia fazendo a anotação. Então tava lá: sessão um, resultado. Ele lançava a mão e depois fazia o boletim. Então, a medida que iam fazendo os boletins, eles penduravam lá pra alguém ler

T: Entendi. Daí o repórter passava?

C: Tinha rádio que fazia cobertura só local. Ela só fazia da cidade, da cidade eu fazia também né. Mas ninguém tinha paciência ou condição na época de fazer isso a nível de estado né. Então trezentos, vamos dizer trezentos municípios né. Se pegar e fazer, e nós resolvemos fazer uma cobertura estadual e nós fizemos aquilo que o TRE ia fazer. Só que nós antecipamos. Então a gente conseguia antecipar três, quatro dias do resultado oficial.

T: Estou um pouco confusa. Então... como que vocês antecipavam esse resultado? Porque daí os correspondentes passavam, os jornalistas que estavam lá acompanhando passavam aí vocês colocavam em um mapa?

C: Você tem aqui Londrina e aqui as cidades né *(fazendo a explicação em um papel)*.

Então esses correspondentes passavam de Maringá... ia passando o resultado parcial de Maringá. Aí ele me ligava, agora dezesseis horas e dizia: "já foram apurados aqui em Maringá dez urnas de um total de cem tá". Pra mim só interessava o resultado do Senado né. Então qual é o resultado? Essas dez urnas aqui. O resultado é esse oh: "Richa tanto, Túlio tanto, fulano tanto, em branco tanto, nulos tanto". E aí o que tem que fazer? Passava pra cá no mapão, porque a gente tinha o nome das cidades né. Então tinha lá: Maringá, aí tinha no mesmo formato da cédula. Tinha aqui, então ia anotando o resultado. Quando chegava uma parcial maior do que essa o Hideo então conferia ou apagava e lançava isso. Ou então ele deduzia e só lançava as diferenças aqui. Aí depois o que ele fazia? Pegava aqui as colunas e ia somando. Então vou dar uma parcial agora as dezesseis horas né, de hora em hora né. Daí ele tinha o trabalho de somar tudo de novo. Porque se fosse no computador é fácil, você lançou tá acumulado lá.

T: Então, mas não teve a participação da Exactus?

C: Da Exactus?

T: Segundo a reportagem sim.

C: Eu preciso rever isso aí. Porque eu não... tem alguns detalhes que passam batidos né. Deixa eu ver o que a Exactus fez nisso aí...

T: Porque pelo que o Shoni falou foi a primeira vez que usou o computador. Até por isso que, assim, foi bastante significativo né?

C: Eu tenho que reavivar esses detalhes que faz um bom tempo né. E a Exactus nós...

T: Não sei se é isso, mas acho que ela desenvolveu um software pra...

C: Não, mas não tinha computador não. O computador era o deles, o deles era um...

T: É... mas aí vocês pegavam esses dados e levavam lá pra eles?

C: Então a gente ia apurar assim. Então a gente ia lançar aqui no mapa e ia dando esses resultados parciais né. E esses resultados, jogava pra eles aí de tempo em tempo eles tiravam um relatório. A soma do Paraná inteiro né. Mesmo assim a gente tinha o mapão lá que ia fazendo o lançamento. Então conferiu, passou já mandava os boletins. Eu tinha isso porque nós fizemos um formulário né pra poder encaminhar isso lá pra Exactus né. E lá eles tinham a digitação, eles tinham que digitar isso né.

T: Agora só pra confirmar...

C: Só que na Exactus só poderia mandar pra eles o que já tinha sido concluído né. Porque se não, não tinha como eu ficar fazendo uma... conta. Essa conta tem que tirar tanto pra por tanto né. Então era assim o fechamento: ia fechando a cidade, você mandava o resultado final pra ele, aí eles iam lançando e somando. Aí que saía o resultado. Mas a gente tinha uma outra conta, que era uma conta com resultados parciais né. A gente fazia isso no mapão, enquanto que eles davam o resultado geral do estado. Mas já com resultados finalizados né, porque as vezes fechava. Uma cidade terminava e então agente coletava aqueles resultados e passava pra eles. Eles lançavam e aí ia acumulando né. Porque no computador é isso né, você vai acumulando... fechou Maringá...

T: Então foi uma parceria? A Exactus e a Alvorada se juntaram pra...

C: Isso. Foi uma parceria, mas no sentido de colaboração. Porque o trabalho mesmo

de coleta foi nosso. Todo trabalho foi desenvolvido lá na rádio Alvorada né. E a Exactus entrou com o trabalho de lançamento desses dados né, que foi um trabalho importante né, porque a Exactus tinha uma estrutura boa na época como tem hoje e houve uma receptividade no sentido de fazer mesmo.

T: Mas no caso a participação da Exactus aqui no uso do computador foi tipo pra dar credibilidade?

C: Não. Foi pra poder dar é... condição de você fazer um trabalho sem ter aquela preocupação de erros da anotação. Porque o mapão é terrível né. Então aquilo além de dar, lógico, esse aspecto de uma cobertura muito organizada né, ele tinha essa possibilidade de ir somando esses dados né. E aí sim a gente tinha condições de detalhar né.

T: Então, por exemplo, a parcial aqui, foi somando, somando até chegar cem por cento. Aí esses cem por cento é que passaram pra Exactus?

C: É a gente ia fazendo com o fechamento aquelas... daquelas áreas. A gente ia fazendo o levantamento e ia passando pra eles né, e eles iam somando, contabilizando isso.

T: Então como que era, assim, os números que vocês estavam dando na rádio Alvorada... eram diferentes?

C: Pra resumir era assim: Curitiba dava a vitória do Túlio, a rádio Alvorada dava vitória do Richa.

T: E as outras rádios seguiam tudo Curitiba?

C: A maioria sim né. Porque Curitiba tinha as rádios com ondas curtas né. E as rádios do interior ficavam fazendo rádio escuta né. A exceção daquelas que já tinham feito a cooperação né. Então elas usavam nossos dados né. Então o que ficou uma imagem, assim, é que o Palácio do Iguazu estaria manipulando os resultados né, porque eles , estavam dando uma informação diferente da nossa né. E eu não tenho como te dizer nada sobre essa questão porque a gente tinha um controle da nossa coleta. Nós não sabemos o que eles fizeram lá. Se primeiro eles foram atrás de cidades que favoreciam o candidato deles que era o Túlio Vargas né. Se depois iriam manipular isso de alguma maneira né. E também quem cuida disso é a justiça eleitoral né. Eles faziam também uma contagem paralela.

T: Não tinha uma fiscalização?

C: Tinha. Os partidos tinham seus fiscais, mas no primeiro momento pareceu, assim, que realmente estava dando o resultado e que na cobertura deles lá provavelmente eles tenham pego cidades mais favoráveis ao Túlio. Pode ser, mas isso aí... e de qualquer maneira durante um bom tempo ficaram divulgando que o Túlio já estaria praticamente eleito né.

T: E quando que eles mudaram... falaram: "ah não é bem assim"?

C: Mudaram depois que esses resultados foram parar no *O Globo* e no *Estadão*, que criou a polêmica. Aí saiu... eu não me lembro se era o Amauri, que era um dos diretores lá de redação, foram até Curitiba e aí eles passaram a divulgar os resultados que a gente utilizava lá na central. E aí criou-se uma confusão mesmo com a *TV Globo*, por causa desses resultados né.

T: Então porque com o Shoni, assim, a história que ele me contou... não sei, mas tá um pouco idealizada sabe. Porque ele falou dessa coisa que estava um

correspondente em cada lugar e o número que vocês estavam divulgando eram diferentes do governo e tal. Mas o que deu a entender foi como se fosse uma manipulação mesmo sabe.

C: Não, mas essa foi realmente a imagem. O que foi divulgado na época é o que os próprios correspondentes levantaram... é que o Palácio estaria divulgando... que foi feito só uma central em Curitiba dessa coleta paralela. Então todas as rádios, eu não digo todas porque... mas os principais veículos lá se valiam das informações do Palácio. Então para o Palácio tava tudo certo quem era o candidato eleito: Túlio Vargas.

T: Então, por exemplo, se eles convencessem a população que era o Túlio Vargas...

C: Então isso aí soou realmente como uma manipulação. Tanto que o pessoal, o Richa que estava acompanhando aqui por Londrina né. Richa, Hélio Duque, Valdir Pugliese... todo aquele povo do MDB, eles em seguida foram para Curitiba pra reforçar lá o acompanhamento dá apuração no TRE, porque o TRE que ia dizer quem tinha razão nessa história né.

T: Ah entendi.

C: O TRE ia dar o resultado oficial. Então qual era... o que surgiu na época? Que o Palácio estava divulgando um resultado que não era o verdadeiro e que eles iam manter aquilo e depois manipular os resultados na hora da coleta do interior.

T: Mas, por exemplo, se o Palácio do Iguazu tava divulgando um, vocês estavam divulgando outro... quem ia dar a palavra final era o TRE?

C: Era o TRE.

T: Que eles iriam manipular...

C: É porque já na história política do país tem precedentes em que ganhasse eleição no tapetão tá. E o tapetão no caso é essa transferência de dados. Porque você imagina: tem uma estrutura de fiscalização aqui, aí tem que ter outra estrutura de fiscalização lá. Então na hora de transportar o boletim de Londrina para o mapão o 10.000 pode virar o que? 8.000...12.000 né. Então era essa a preocupação levantada na época pelo pessoal do MDB e pelos jornalistas que faziam cobertura. Então ficou com essa imagem de que realmente o trabalho que foi feito pela rádio Alvorada acabou é... melando, pra dizer o português bem claro. Aí talvez um trabalho em que... porque o Túlio Vargas, ele foi mais votado do que o Richa, só que na sublegenda dele, ele não conseguiu isso.

T: Mas como funcionava isso?

C: A sublegenda é o seguinte: é que quando veio os militares aí acabaram com os partidos. Então eles criaram dois partidos. Um pra dizer que o país era um país democrático né. Então tinha o MDB que representava a oposição e Arena que representava a estrutura de governo. Aí eles criaram assim pra prefeito, pra governador pra senador, podia lançar mais de um candidato, quer dizer o MDB lançaria, por exemplo, três candidatos a prefeito. A Arena três candidatos a prefeito, se quisesse né. Se não quisesse... então a soma desses três aqui... era comparado com a soma desses três do outro partido. Então o partido que fizesse mais votos levaria. Aí o mais votado dentro do partido seria o eleito. As vezes ele tinha até menos do que o outro aqui, mas a soma né. Isso aqui acabou virando uma ferramenta contra o próprio governo porque em muitos casos tinha candidatos fortes dentro das

sublegendas do MDB e a soma... ele individualmente não venciam o outro adversário lá, mas a soma acabava permitindo que um desses fosse eleito.

T: E no caso dessa eleição, o Arena só lançou o Túlio Vargas? Só o MDB que lançou dois... assim pela pesquisa que eu fiz.

C: Então aí a soma do MDB acabou fazendo com que o Richa mesmo tendo menos votos do que o Túlio né, mas na soma o MDB fez mais votos do que a Arena, então ele acabou sendo eleito.

T: E o jornalismo na Alvorada nessa época, ele era forte?

C: Era.

T: Mas na época da eleição ou antes da eleição?

C: Ele antes já. A Alvorada desde o início dela tinha um jornalismo até bom porque tinha bons profissionais ali. Aí nós fizemos essa cobertura. Daí pra frente nós implantamos lá um jornalismo bem eficiente né, com cobertura...

T: E durou bastante tempo?

C: É ele durou mais ou menos uns três ou quatro anos, porque a direção da rádio sempre mudava né. Aí mudava tudo mais. Fizemos lá um bom trabalho com cobertura até de visitas do Papa né. Então... tinha até correspondente no exterior, tinha correspondente na Alemanha, nos EUA. Então foi na época um jornalismo que tinha bastante credibilidade, tinha bastante audiência né. Porque o rádio... porque o rádio tinha bastante audiência na época. Não tinha a concorrência que tem hoje... a quantidade por exemplo de emissoras, quantidade elevadas de TV's, e hoje com essa internet, com a mídia extraordinária como a internet. O rádio tá sofrendo e vai sofrer muito né, porque a internet vai acabar tomando conta mesmo total né. Vai sobrar pouca coisa aí. Mas até pela facilidade do rádio né. Mas também eu estou olhando lá na frente, estou vendo que a internet né... ela vai ter tanta facilidade de recepção quanto o rádio e a TV. Já está começando a entrar em celular... daqui a pouco vai ter um receptor via satélite aí de qualquer buraco... no teu aparelhinho, lá você entra na internet... aí o rádio, vai sobrar pouca coisa.

T: Mas, assim, durante essa cobertura que foi polêmica... a audiência subiu?

C: Era uma audiência de dar eco, como se diz. Muito superior a audiência. É interessante porque a própria tecnologia se encarrega de matar, às vezes, um determinado tipo de trabalho. Então na época o rádio tinha bastante audiência mesmo, comandava a audiência. A TV... ela tinha audiência, mas o rádio... principalmente nesses grandes eventos como a eleição. Porque a televisão ela dava seus boletins né, fazia seus fleches ao vivo, mas o rádio. Então o leitor acompanhava isso dia e noite né. A rádio ficava falando em cobertura de eleição quatro, cinco, seis dias diretos né. Dia e noite. Nessa cobertura aqui eu girei dia e noite né. Dormia muito pouco, sempre ali, atento né. E a repercussão disso era muito grande né. Porque tinha mesmo um volume de ouvintes também extraordinários. Saí às vezes rapidamente... ia ouvindo... onde você passava assim tinha rádio ligado né... porque a cobertura era uma cobertura muito eficiente né

T: O Shoni até chegou comentar que as vezes ele ia para o Centro, assim, as lojas com os rádios todos ligados.

C: E era verdade mesmo. Falou a verdade... era isso mesmo. Agora hoje essa cobertura é feita no computador né... então perdeu um pouco a graça né.

T: Mas como foi, assim, a reação da sociedade quando vocês estavam dando os números errados... os números diferentes? A sociedade ficou meio...?

C: A partir de um determinado momento aí começou a ter repercussão porque esses candidatos ligavam, o ouvinte ligava né. E muita gente queria falar. Como a gente trabalhava em um período ainda com censura né, porque tinha mesmo né. Não era censura na redação, mas era uma censura de: “olha, não deixa falar”. Aí tinha... a gente entrevistava, era uma programação toda ao vivo né. Você entrevistava um político ele desancava todo mundo e aquilo ali criava aquele frisson né. Felizmente não tivemos nessa questão da eleição nenhum fato de ordem grave né. Na Alvorada, nosso jornalismo, tivemos fitas requisitadas pelo... Dentel, denúncias até de reitor que andou agindo contra o jornalismo da rádio por causa de uma greve que teve na Universidade. E a gente fez uma cobertura muito grande né. Então, essas coisas ficavam né. Mas marcou. Foi um trabalho bastante interessante, tanto que ele repercute até hoje né.

T: É a gente quer recontar essa história mesmo.

C: É que com o tempo a gente vai perdendo, assim, a memória dos fatos né, que o jornalista trabalha com muita coisa. A gente tem a... mas foi um trabalho muito eficiente. Todos os companheiros que lá estavam, dedicados, não ficaram olhando no relógio: “oh, tá terminando meu tempo né”. Então teve garra mesmo e trabalho com competência né. Porque se não faz as coisas corretamente aí dá... então esse trabalho da Exactus. A Exactus a gente tem que agradecer lá o Abilio Volff Junior, o Romeo Dematte... tinha mais. Então esse pessoal que estava sempre junto, pessoal amigo, muito querido... a gente tinha...

T: Vocês já se conheciam?

C: Já. A gente tinha parceria e outras coisas né. Não de cobertura de eleição, mas de... era pessoal de nosso relacionamento e que abraçou essa cobertura né... acreditando mesmo no trabalho né.

T: E quantos profissionais você acha que estavam envolvido nessa cobertura? Bastante gente?

C: Será que eu tenho isso na memória?

T: E de jornalista?

C: Bastante gente viu, eu não tenho.

T: Tem alguns nomes que você se lembra... pra eu correr atrás.

C: Bom esse aqui já morreu né: o Nelo Laineti (referindo-se à matéria: O dia em que a Rádio Alvorada derrotou a *Rede Globo*, veiculada pela *Folha de Londrina* no dia 18/11/1979 – vide anexos) Ah, você pode falar com o Gradia, o Gradia está lá em Curitiba, mas você liga lá pra ele né. Deixa eu ver quem mais trabalhou ali...

T: Você não tem o contato do Gradia? Eu procurei e não consegui encontrar.

C: Não conseguiu? Depois eu posso até ver pra você. Esse aqui é Apollo Teodoro, acho que é né.

T: Os nomes que eu tenho: é o Gradia, aí tem um... não sei se Álvaro Godoy...

C: Não é Antônio Godoy.

T: Antônio Godoy?

C: Antônio Godoy está na rádio Alvorada.

T: Continua lá?

C: É.

T: De mulher ele falou da Nalu...

C: Nalu Lorençon.

T: Só que eu liguei pra ela, ela falou que não participou.

C: Não?

T: Não sei se ela participou do jornalismo depois?

C: Não ela participou do jornalismo... acho que quem participou lá foi a Nice Carbonieri, mas a Nice Carbonieri... morreu até jovem. Tá sobrando pouca gente viu. É porque o povo que andou trabalhando... estou vendo aqui...

T: No livro da Chica que eu estou correndo atrás desse pessoal... tá difícil de achar... o Francisco... Salvador Francisco?

C: Salvador Francisco... está vivo. Isso aí: o Salvador Francisco é só ir lá na Câmara lá... o povo sabe da vida dele. Até recentemente ele era assessor de imprensa lá do Nedson né. Mas o Salvador está trabalhando com... acho que ele voltou pra Câmara...s e eu não estou equivocado. Acho que ele voltou pra Câmara... esse você acha fácil.

T: Você tem mais algum nome, que você lembra?

C: Eu preciso pensar. É que eu não recuperei essa informação né, é...

T: Fundo do baú...

C: Essas coisas assim... tem que pegar... dar uma olhada, aí você recupera. Recupera a informação. Mas eu não recuperei essa informação... essa questão de dados eu não recuperei não. Porque se você olhar rapidamente você lembra, lembra direitinho né. Essa aqui não é de sessenta e nove, essa aqui já é de outra coisa né?

T: Não. Essa é de setenta e oito.

C: É de setenta e oito?

Thalita Vitoreli: É. E uma outra coisa que o Shoni falou é que essas rádios estavam envolvidas, só que depois elas abandonaram o barco. Ou elas continuaram?

Coutinho Mendes: Não. Algumas realmente abandonaram.

Thalita Vitoreli: Ele falou que a de Guarapuava foi a que se manteve bem firme.

Coutinho Mendes: Algumas abandonaram porque era... ainda tinha muito receio das broncas de governo. Aí de repente o Palácio começou anunciar que quem tinha, quem estava na frente era o Túlio né. E aí o que aconteceu como nossa cobertura dava o Richa, os caras saíram fora né.

Thalita Vitoreli: Quando eles saíram fora, por exemplo, a cobertura continuou na cidade que a rádio...

Coutinho Mendes: Não. Continuou a coleta né. Porque era assim: a gente pegava as informações, montando as fontes né e essas rádios, o trabalho delas era o seguinte: o cidadão lá da cidade atualizava pra gente através dos boletins as informações né. Então eles faziam boletins, resumindo lá trinta segundos, um minuto né, e passava

aquilo pra gente poder por no ar. Quando era atualizado aquilo você já aproveitava aquela informação e ia atualizando também os nossos dados né. Mas a gente ligava daqui pra lá. Pra aquela cidade pra pegar as informações. Então isso não afetou o nosso fluxo de informação né. Porque também ia atrás né. E como a gente tinha o controle geral daquilo que já tinha terminado, você já ia eliminando o município que terminou, acabou né. Então o cidadão gravou lá um boletim com o resultado final. Jogava no ar e jogava pra frente. Ia atrás dos municípios que não tinham encerrado ainda a apuração.

Thalita Vitoreli: E por ser assim uma rádio ligada à igreja... teve algum momento assim que sofreram um tipo de boicote?

Coutinho Mendes: Nenhum. Porque os padres ali, eles sempre deram apoio total né.

Thalita Vitoreli: Apoiaram mesmo?

Coutinho Mendes: A pressão que veio foi depois desse episódio. Quando nós já tínhamos um jornalismo mais eficiente né, e que às vezes o povo do governo ligava lá para o padre Trajano, pra reclamar. Então era isso aí...

Thalita Vitoreli: E o Shoni chegou a falar que durante essa cobertura às vezes vocês recebiam telefonemas do povo chamando vocês de comunista?

Coutinho Mendes: É isso aí. Era coisa, assim, normal porque quando você mexe com político, político tem vários lados né. Então o MDB tinha candidato que era cidadão, vamos dizer uma atuação assim mais centrada né. Mas também tinha gente radical, porque o MDB, toda a oposição foi para no MDB né. Eu fiz uma entrevista na madrugada com o Valdir Plugiuese, que a hora que terminou eu ainda falei, acho que o Gradia tava comigo lá, falei: "Gradia, daqui a pouco o povo manda prender nós aqui.". Porque ele desancou, naquela época, hoje ele tá mais moderado né. Mas ele largou o verbo mesmo pra valer né. Ainda bem que foi de madrugada, o povo, não tinha muita gente ouvindo né. Mas era desse jeito... ainda tinha um receio muito grande de você... de dizer as coisas com liberdade, como se diz hoje né. Porque eu trabalhei um período um pouquinho antes da revolução em sessenta e três, um pedaço de sessenta e três, era... falava o que quisesse né. E depois aí veio um período em que você foi ao longo do tempo sendo torpedeado né, nas suas informações né. Então todo mundo tinha receio, você escrevia, reescrevia... e não foi bom pra você dizer isso assim não dá. Então tem que fazer dessa maneira. Agora quando você vai para o microfone não tem jeito de você dar o retorno né, e falar bom vamos refazer. Não tem jeito. Então aí tem que... então a gente passou um período de que tudo que a gente ia falar você tinha um facão na cabeça né. Mas na cobertura aí não teve nada disso não porque eram fatos. O máximo que podia acontecer era o povo do Palácio ligar lá. Como andou gente ligando né... dizendo que a cobertura estava errada, era isso... era aquilo. Mas aí eram reclamações partidárias que a gente compreende perfeitamente. E os xingamentos também era a mesma coisa né. Porque nós tínhamos... num período até recente... partidos de direita bem extremados e partidos também de esquerda né, que estavam dando... quer dizer não eram estruturados como partidos né. Então isso aí... não dava muita importância pra essas coisas não.

Thalita Vitoreli: Então, eu vou buscar mais essas pessoas assim, e caso você se lembre de alguma coisa...

Coutinho Mendes: Na hora que você for redigir seu TCC, você vai ter um monte de dúvidas. Aí... liga tá. Depois quando você terminar lá você... até mandar concluir lá...

você manda uma cópia do teu TCC lá pra mim por no meus arquivos, que agora eu to mais... eu não tenho mudado tanto.

Thalita Vitoreli: Então eu tenho essa matéria no meu computador, eu posso mandar pra você porque essa está bem ruinzinha.

Coutinho Mendes: Manda pra mim?

Thalita Vitoreli: Como é seu e-mail?

Coutinho Mendes: [couthomendes@sercontel.com.br](mailto:couthomendes@sercontel.com.br)

Thalita Vitoreli: Na verdade eu tenho seu e-mail né?

Coutinho Mendes: Se você tem lá manda pra mim isso aí pra guardar. Esse aqui eu tenho, até outro dia eu perguntei pra Glória lá que é minha mulher... mulher que guarda essas coisas né.

Thalita Vitoreli: Tá então qualquer coisa se surgir dúvidas eu posso te procurar né?

Coutinho Mendes: Pode fica a vontade viu Thalita.

## APÊNDICE F

Transcrição entrevista com Hideo Nakayama – Contador na cobertura de 1978

Data da entrevista: 17/09/2009

Local: Escritório de Contabilidade - Londrina

Thalita Vitoreli: Então vamos começar assim: você precisa me dizer como que sua carreira de contador foi cruzar com a história do Coutinho. Como que você começou a trabalhar com...

Hideo Nakayama: Minha carreira de contador foi porque em 1973 eu comecei a trabalhar como assessor do grupo Paulo Pimentel. Então o Paulo Pimentel na época tinha a TV Tibaji e a TV Coroados. E como eu era auditor interno do grupo eu participava de todos os setores, tá. E com isso eu fiquei conhecido no setor de redação, de todos os setores. E no meu tempo também eu fazia um trabalho fora da emissora como perito de cálculo, então fiquei conhecido, como uma pessoa que conhecia matemática, conhecia estatística... etecetera. E com isso, quer dizer, eu tinha amizade já internamente com o Coutinho... outras pessoas e também eu fui convidado pra participar do grupo.

Thalita Vitoreli: E o que você se lembra dessa cobertura então?

Hideo Nakayama: Dessa cobertura eu me lembro que nós dividimos o grupo tá... em um grupo que fazia levantamento em Londrina, outro grupo que fazia o levantamento, quer dizer, dentro do estado inteiro e tinha um grupo de retaguarda que fazia as contagens. Dentro do grupo que fazia contagem estava eu e tinha a equipe da Exactus, pra confirmar os números que a gente ia lançando.

Thalita Vitoreli: Quantas pessoas mais ou menos estavam envolvidas?

Hideo Nakayama: É porque a gente varava dezoito, vinte horas por dia. Então a equipe era grande, só nessa equipe devia ter, só da Exactus devia ter quatro, cinco pessoas. Só que representando a rádio Alvorada pra isso era só eu.

Thalita Vitoreli: Então era você que tinha contato com a Exactus?

Hideo Nakayama: Eu que tinha o contato com a Exactus.

Thalita Vitoreli: Com a Exactus foi a primeira vez que usou computador?

Hideo Nakayama: Foi a primeira vez... eu não sei se foi a primeira vez, ou anteriormente. Eu sei que nós trabalhamos com a Exactus umas duas ou três vezes.

Thalita Vitoreli: Uma parceria né?

Hideo Nakayama: Foi uma parceria mesmo.

Thalita Vitoreli: Qual que era a intenção de fazer essa parceria?

Hideo Nakayama: A intenção de fazer a parceria é porque a gente dava muito valor à valores exatos e a única forma de fazer um levantamento de valores exatos era através do sistema computacional. Que hoje é tudo na moda já né.

Thalita Vitoreli: Era pra ajudar, assim... ajudar na confiabilidade?

Hideo Nakayama: Ajudar na confiabilidade dos números que viriam. E na rapidez

também das mudanças, assim, internas, que os números teriam que ser mudados. Quer dizer, é difícil você pegar uma parcial, de repente você colocar uma final em uma cidade tá e você fazer o cálculo do estado inteiro em dois, três minutos. Isso dificilmente você consegue, dificilmente você consegue fazer na máquina de calcular.

Thalita Vitoreli: Mas assim mesmo a Exactus, o computador não ficava lá na redação com vocês?

Hideo Nakayama: Certo. Mas aí a gente fazia através de planilhas. Então era enviado, tinha um funcionário levando planilhas e trazendo resultados.

Thalita Vitoreli: Rapidinho.

Hideo Nakayama: Isso não demorava mais de 15 minutos. Porque a rádio Alvorada estava no edifício Júlio Fuganti, você sabe, e a Exactus estava na Rua Goiás, na Rua Goiás, então era perto.

Thalita Vitoreli: Entendi.

Hideo Nakayama: Na Rua Goiás quase esquina com a Pernambuco, que era a sede da Exactus na época.

Thalita Vitoreli: Eu queria que o senhor contasse assim, mais ou menos, se fosse pra descrever um dia a dia dessa cobertura: como que era... chegava na redação e...

Hideo Nakayama: Chegava na redação, a gente tinha, anteriormente, a gente tinha feito o levantamento do número de eleitores de cada cidade, então com isso a gente já, quando saía o resultado, a gente já sabia da credibilidade ou não, de quantos votos. Quer dizer se era parcial, se não era parcial tá. De cada cidade que era divulgado através dos nossos correspondentes tá, e depois a gente confirmava em Curitiba através dos números finais que o Tribunal Eleitoral nos fornecia.

Thalita Vitoreli: Ficavam correspondentes em que pontos, assim?

Hideo Nakayama: Não... lá no Tribunal de Curitiba tinha um correspondente nosso, que ia divulgando: "olha veio da cidade tal, o final é tanto, tantos votos pra cada um e tal."

Thalita Vitoreli: Mas local não tinha?

Hideo Nakayama: Mas local tinha correspondente de tipo região metropolitana: Maringá, Cascavel. É, assim, algumas cidades grandes que pegava a redondeza, a região metropolitana de cada local e nos fornecia os dados, principalmente parciais né.

T: Aham.

H: Tá, então a gente conseguia ter parcial e total por causa do sistema computacional.

T: E como diferenciava, assim, a rádio do Tribunal, é que a rádio ia dando parcial e total não?

H: Tribunal não, o Tribunal só dava o final. Às vezes ele dava, assim, uma parcial de cidades grandes, como Curitiba, Londrina, Maringá etc. Algumas vezes só. Mas você não saberia assim o número exato, porque lá de repente você fala assim: cinquenta urnas. Não quer dizer que cinquenta urnas... aquela que nos forneceu cinquenta urnas são as mesmas cinquenta urnas, de repente, falava lá cinquenta urnas tem 10.000 mil votos, aqui cinquenta urnas tem 8.000 mil votos tá. É diferente.

T: Em que momento, assim, os números começaram a divergir?

H: Divergir? Desde o começo. Desde o começo começou a divergir tá. Quer dizer divergir não, confirmar aquilo que a gente estava prevendo.

T: Eu digo divergir em sentido do governo.

H: Em sentido do governo já no primeiro dia já, no primeiro dia. Só que no primeiro dia não... praticamente no segundo dia que teve reconhecimento que os números do governo, números da Globo estavam diferentes, só isso.

T: E assim houve alguma, assim... tentaram coagir?

H: É... pressão?

T: É.

H: Não pressão não. Bom eu não me lembro da pressão porque eu estava na retaguarda. Então comigo nunca teve, nem a equipe interna da rádio Alvorada nem a equipe de fora. Nunca ninguém tentou me pressionar pra soltar número errado ou fazer qualquer coisa tá.

T: Assim não sei se o senhor tem conhecimento se o governo tentou contato...

H: Não sei. Eu não tinha contato com ninguém. Eu tinha contato, assim, com a equipe que soltava resultado e acabou tá. Traziam o resultado pra mim, quer dizer aquilo lá não sei se... como eu não ficava com o rádio ligado eu não sabia nem se estava sendo divulgado aquilo que eu mandava ou não estava...

T: A tá, aham.

T: E, assim, pra você falar um pouquinho da sociedade da época. Como que era? Porque até você comentou comigo na entrevista passada...

H: Como a sociedade?

T: Assim essa questão de ser ditadura ainda.

H: Tava em plena ditadura na época. Então o grande problema é uma coisa, quando você, por exemplo, você solta a prévias eleitorais. Eu não sou muito favorável a prévias, muitas vezes ninguém, é aquele negócio, entre parênteses, perder voto. Então você vai votar naquele que a mídia tá fornecendo pra você ou quem são eleitos quem tem maior votação: "Ah, então eu vou votar para aquela pessoa porque eu vou ganhar meu voto, tá". Não fica na cabeça da pessoa que ele tem que votar naquele que ele tenha consciência que é melhor, tá. Ele vai: "eu não quero perder meu voto". Hoje graças a Deus esta começando a diferenciar um pouco, mas naquele tempo era forte isso, então ninguém queria perder o voto.

T: Queria que você me falasse um pouquinho mais, que o Coutinho me falou, sobre aquelas planilhas, como que funcionava? Dá uma descrição mais...

H: A planilha é...

T: Tinha tipo um mapaó né?

H: Tinha um mapaó, mas era assim, não era um mapaó propriamente dito, era uma planilha simples que era trocada a cada período, tá. Então a gente fazia assim uns quatro, cinco mapas... levava pra Exactus e eles nos traziam, assim por diante. E enquanto eles estavam processando a gente ia fazendo outras planilhas, e ai preenchendo as planilhas.

T: Então essa planilha, ela era trocada?

H: Era trocada, então...

T: Tinha lá os dados, vocês colocavam, ia pra Exactus e já começavam outra planilha?

H: Já começava outra planilha. Começava outras planilhas né. Então com isso era dinâmico, você tinha os dados, tá, de repente também a gente tinha condição, quer dizer, com o último mapa você acrescentava aquilo que a gente estava passando na planilha pra ser mais dinâmico, tá. Então quando vinha o mapa, às vezes, a gente já tinha os números bem diferentes, tá. Então você conseguia acrescentar no mapa que veio da Exactus a planilha que estava fazendo durante o período de processamento.

T: E sobre essa cobertura, você comentou comigo a questão do jornalismo mesmo na Alvorada, houve aumento da audiência, como que foi?

H: A audiência, quer dizer, na época foi a melhor audiência que a rádio teve, tá. Naquela semana. Então foi mais por questão de audiência, tá.

T: Foi um período longo então da época de apuração?

H: A apuração normalmente demorava uma semana na época né. Hoje você demora... em duas horas você faz né. Mas naquele tempo não. Aquele tempo era contagem voto por voto, então tinha cidade que demorava quatro cinco dias na contagem de votos.

T: Aham. Mas você acha que impactou bastante, assim, as próprias pessoas que estavam envolvidas? Depois que no final o Richa ganhou, tal? Houve um impacto assim das pessoas envolvidas?

H: Pra nós não. Pra nós, sinceramente, a coisa que nós sentimos é que nós cumprimos nosso dever, só. Porque a única pessoa que não era jornalista da equipe era eu, então eles sentiram como dever cumprido. E puro e simplesmente. Bom eu fiz o meu trabalho, que eles me pediram, eu sempre fui uma pessoa pragmática.

T: E o padre lá da época, ele apoiou essa cobertura? Como que foi a direção da igreja?

H: Ah não, a direção sim. A direção ficou conosco o tempo inteiro. E através da sua diretoria, através do seu gerente, etc. Foi assim um apoio total pra nós inclusive fornecendo lanches etc. Nas horas de rush que ninguém podia, porque lá não tinha tempo nem de lanchar, então quer dizer não é a gente que pedia, eles que mandavam pra gente. Então foi muito bom esse apoio.

T: E falando agora um pouquinho daquela matéria que saiu na *Folha de Londrina*, em que momento assim que a Globo, assim, ela não assumiu claramente que estava errada, mas em que momento ela falou assim: “Ah, não é bem assim, houve uma virada”?

H: Acho que foi um dia a noite, quando começou a... a rádio já estava divulgando, um dia, dois dias, estava divulgando que a eleição não era bem aquilo que estavam falando porque a Globo falava muito pouco a respeito do Paraná, tá. Ela tinha divulgado anteriormente as prévias, então estava...

Thalita Vitoreli: Mas ela não afirmou assim: “Túlio Vargas vai ganhar”?

Hideo Nakayama: Não. Eu não me lembro disso tá. Quer dizer a tendência é essa né. É o levantamento que faz, é tendência né. E não quer dizer que vai acertar a

pesquisa né. A pesquisa você sabe... que conforme a metodologia de pesquisa você pode desviar os valores, tá. Então de repente, tem coisas que você não divulga a metodologia bem direitinho, nunca é divulgada, tá. Você fala, assim: “olha o levantamento foi perguntando pra quinhentas pessoas, mil pessoas, duas mil pessoas”. Só que não fala que tipo de pessoa que foi levantada, aonde que foi levantada. Quer dizer fala em diversas cidades, não fala em, por exemplo, bairros que foram levantados, então você pode manipular a pesquisa da maneira que você quiser. Nesse aspecto quem conhece estatística sabe disso.

Thalita Vitoreli: E, assim, o Coutinho e o Shoni eles me falaram bastante da importância dos jornalistas de fora, que se não fossem eles a história ia ficar mais abafada aqui... você não chegou a ter contato?

Hideo Nakayama: É que tinha uma equipe que atendia esses jornalistas de fora, antes da gente começar fazer esse trabalho de jornalismo, o Coutinho e a equipe já tinha feito contato com diversos jornalistas do Paraná inteiro. Então, quer dizer, na ocasião que foi feito o levantamento, já tinham os correspondente, tinha o nome, tinha o telefone das pessoas... tudo... que a gente podia telefonar e eles nos mandavam tudo, do Paraná inteiro.

Thalita Vitoreli: Mas e os correspondentes, por exemplo, correspondente do *O Globo* aqui em Londrina, da Folha de São Paulo. Não foram eles, assim, que viram que o sistema que vocês estavam adotando estava certo? Ou a história explodiu?

Hideo Nakayama: Ai eu não sei, aí eu não tive contato. Porque, o que falei pra você, meu trabalho era retaguarda e também não há interesse nenhum da pessoa que não é do ramo querer falar de coisa que é do ramo. Meu trabalho era estatística e apuração, eu sou profissional nessa área, então eu exercia minha profissão

Thalita Vitoreli: Então eu vou salvar as entrevistas, usar aquilo que a gente conversou até, e caso tenho alguma dúvida eu volto a te procurar.

Hideo Nakayama: Estou à disposição.

Thalita Vitoreli: Ok. Obrigada.

## APÊNDICE G

Transcrição entrevista com Cláudio Gameiro – Data da entrevista: 19/11/2009  
 Diretor da Exactus na cobertura de 1978 - Local: Exactus

- O primeiro minuto da gravação ficou muito ruim, o que impossibilitou a transcrição.

Thalita Vitoreli: Então porque eu estou fazendo especificamente dessa história né, mas aí, você não lembra? Será que o Romeo?

Claudio Gameiro: O Romeo...ele lembra da parte política da coisa.

Thalita Vitoreli: Ele trabalha aqui ainda? Ou já se aposentou?

Claudio Gameiro: Ele está trabalhando. Ele é diretor também, diretor de marketing. Eu não sei ele se lembra, talvez ele se lembre da parte política, mas da mesmo forma como se lembraria o Hideo. Porque, na verdade, toda parte técnica e lógica do processo, sempre foi eu que cuidei. Ele só ouvia. Ele ouvia também pelo rádio, e depois que acabava ele vinha me cumprimentar: Parabéns a você pelo trabalho né. Quer dizer não se envolveu nisso né.

Thalita Vitoreli: Então eu não sei se seria o caso, assim, porque o que eu preciso no meu trabalho é entender como que funcionava. Como foi o uso do computador nas eleições. Daí eu acho que se você falar de outras eleições pode ser que me ajude a saber como que era?

Claudio Gameiro: Provável né. Porque era feito por várias etapas né. Por exemplo, quando nós começamos, nós tínhamos um computador que chamava de IBM – 360/20 e era um computador bem fraquinho. Pra você ver, hoje você...qualquer computador que você imagina você tem um terminal pra pode digitar os dados e você vai atualizando simultaneamente a entrada de dados. Os programas hoje, a atualização é tudo online. Naquele tempo o IBM 360/20 ele tinha uma leitora de cartão, uma perfuradora de cartão, uma impressora que tinha dois discos. Esse disco era parecido com esse um que tá atrás de você ali.

Thalita Vitoreli: Aham.

Claudio Gameiro: Tinha um gabinete, um gabinete quadrado parecido com uma mesa mais ou menos de largura assim, dessa altura e tinha um disco que entrava dentro, o disco era removível...quer dizer disco aí já era fixo.

Thalita Vitoreli: O disco removível era um pouco mais moderno que esse aqui?

Claudio Gameiro: Esse era o fixo. Ele era bem mais novo. O disco removível era aquele que trocava a tampa e rosquiava ele, virava e colocava outro. Então ele...mas era muito baixa a utilização dele e tinha...a pra você ter uma ideia da evolução como que anda aquele pen drive que você viu ali com o Reginaldo é de quatro gigas, esse aqui já é de oito gigas. Isso aí tinha 370 mega, não chegava a um décimo da capacidade de um pen drive desses...

Thalita Vitoreli: Então era grande?

Claudio Gameiro: Não. Era bem maior...quer dizer era um pouco menor que esse. Mas aquele um que tinha na época ele tinha...não lembro exatamente...ele tinha uns 30 mega. Não cabia quase nada. De fato ele tinha que ficar trocando de disco né. E a entrada de dados dele em vez de ter um terminal desses daí nós tínhamos um habilitador de cartão. Não sei se você chegou a passar ali pelo financeiro.

T: Ela me mostrou .

C: Te mostrou a máquina lá que tem um depósito de cartão que passa tem um teclado ali né . Era habilitado em todos aqueles cartões de dados, cartões perfurados. Eu guardo umas coisas aqui. Isso aqui é um cartão perfurado em cima aqui dá pra você ver.

T: Aham.

C: São oitenta colunas. Você pode ver a numeração aqui em cima vai de um a oitenta. Cada registro de dados poderia ter no máximo oitenta colunas, oitenta caracteres. Então o pessoal fazia, preenchia os boletins lá com número dos candidatos e a quantidade de votos que teve, mas vinha identificador digital nesses cartões e juntava esses cartões. Vinha na leitura do computador, processava as informações, classificava, colocava em ordem pegava o saldo anterior de votos somava esse daí e dava um relatório novo...quer dizer...

T: De quanto em quanto tempo vinha esse relatório novo ?

C: A de cada meia hora mais ou menos a gente fazia. Tabulava os resultados né. O pessoal dos candidatos vinha lá na Exactus, o pessoal da Arena do MDB. Depois quando acabou esse negócio o pessoal...eu me lembro do irmão do Belinati naquela época ele perdeu né. Ele chegava perguntando assim se eu tiver mais tantos votos eu consigo me eleger né. Mas, escuta, você tem que ter um número proporcional ao percentual que você precisa ter, se não tiver o percentual necessário não vai se eleger né. O pessoal não entendia. A legislação relativa a eleição que é voto proporcional né, majoritário é uma coisa, proporcional é outra. Números de vagas...resíduo que todo mundo tá querendo acabar agora...resíduo de, alguma coisa não lembro direito lá, que é aquilo que foi distribuído. Entendeu o que eu to falando?

T: Ai não sei...

C: Você dividi o número de votos pelo número de vagas, então você tem o número conceito eleitoral, ou seja aquele número que você precisa para eleger um candidato. Aí você distribui aquilo lá pelo números do partidos, nunca completa porque sempre falta. Então você tem lá o resíduo eleitoral que é o número de votos que sobrou pra eleger. Aí começa ver proporcional...quantidades de votos que eles já elegeram. Então tem toda uma calculeira brava...então a gente tinha que fazer o relatório e entender. Hoje é mais fácil que antigamente né. Antigamente o pessoal esperava o Tribunal pra poder divulgar. Porque ele não sabia fazer ainda. Na época o Coutinho passou a lei. Eu falei isso aí é tudo no computador né, de meia em meia hora mais ou menos sai o resultado. Eu ficava até de madrugada, na época era bem menos gente, menos votos pra contar. Então conseguia terminar de madrugada amanhecendo assim.

T: Quantas pessoas mais ou menos ficavam envolvidas, assim?

C: Bom na operação de computador tinha o operador. Na digitação devia ter uma cinco, seis pessoas naquela época. Trabalhava dia de domingo, aí ia dormi né. Terminava de madrugada. Depois a cidade foi crescendo. Foi aparecendo o Cincão aí

foi mudando bem o perfil da cidade. Então a gente tinha um trabalho bem mais pesado pra poder digitar né. Aquela cobertura foi feita lá ao longo da evolução das coisas, então não era o computador que a gente tinha, era um computador bem mais lento pra fazer as coisas né.

T: Esse foi o primeiro?

C: Esse foi um dos primeiros. Depois isso aí foi trocado por uma máquina um pouco maior. De qualquer forma precisava fazer a digitação. Mas o que mudou foi a digitação assim, não digitava mais em cartão era umas máquinas que digitava em disquete. Um disquete que era diferente. Eu joguei no lixo, mas esse disquete aqui você deve ter conhecido, esse tamanho de disquete aqui. Depois dele é que veio o pequenininho desse daqui né e esse aqui é um maior ainda.

T: Esse aqui eu nem conhecia.

C: Não conhecia esse?

T: Não.

C: É impressionante a história foi mudando. Se você quiser levar essas coisas pra fazer parte do trabalho.

T: Mas isso aqui o senhor pode deixar comigo?

C: Pode.

T: Ai pra mim interessa sim. Posso colocar fotografia.

C: Esse aí é zero, novo, sem uso e obsoleto também.

T: Então, tipo assim, foi uns dos primeiros assim, desse tamanho?

C: Depois do cartão esse foi o primeiro. Trabalhamos bastante com esse aí.

T: O primeiro foi esse aqui?

C: Primeiro era esse aí. Pode levar também.

T: Depois esse, depois esse.

C: Exatamente

T: É que é difícil, mas, mais ou menos a época que se usava esse, usava esse?

C: É realmente é complicado lembrar disso aí. Posso até tentar levantar esse dados aí mas...

T: Tudo bem.

C: Quando veio esse disquetão aí a digitadora era uma máquina pra escrever os números quase do tamanho dessa mesa, um pouco mais baixa né, pra digitação. Então tinha uma moça que ficava desse lado aqui, outra desse lado. Então ficava meio virada de lado, tinha um monitorzinho que ficava no meio que tinha um espelho na tela pra cada lado. Então a digitadora...cada uma via a sua parte né, conforme ia digitando...ia mostrando na parte dela os dados. Então ela digitava a gente passava numa máquina que convertia pra fita magnética...fita magnética você deve ter visto aqueles rolos de fita né.

T: Mas daí...

C: Aí a fita ia no computador que lia essa fita magnética e processava. Era bem mais limpo né, mais rápido também. E depois dessas digitadoras eles usavam uma

máquina que foi desenvolvida pelo própria Exactus, tá ali atrás de você. Tá vendo? Dá pra ver os dois teclados.

T: A tá.

C: Aquele tamanho você viu lá que a Cleide levou pra você ver aquela da digitadora de cartão. Então em cima tinha um teclado, pilha...é que lá essa máquina é desmontada.

T: A tá. Eu falei pra ela que vou trazer a máquina pra tirar foto.

C: A tá. Aí você tira daquela máquina lá que aquela lá é mais aberta da ver tudo. Se fosse esse tempo atrás até poderia te dar uma máquina dessa que jogamos tudo fora, um monte.

T: A é?

C: Um caminhão dessas máquinas.

T: Tinha bastante?

C: É jogamos fora né. O pessoal da sucata levou embora. Tinha bastante. Mas aí o computador já tinha trocado não era mais 360/20, era um de 370, 340. A geração do computador a gente avaliava dessa forma: 360, 370...360. Era a máquina da década de 60 né. Aí surgiu o 370. Nós tivemos o 340, depois tivemos a evolução deles passou a ser o 343, 341. Que foi lá pelo fim da década de 90 por aí assim né.

T: Então eu acho que é esse aqui o da cobertura.

C: Provavelmente. É, sem dúvidas era o 360. Isso eu me lembro. Não tinha leitura de cartão, não tinha terminal. Então os dados você não via nada que tinha na memória do computador. Pra ver memória do computador só tinha...ou você imprimia ou você podia olhar, se fosse pra olhar o bite, o bite é um caracter né. Se você fosse olhar o bite, o bite tinha na frente da tela...aquelas no painel da máquina tinha uns dois, duas rodinhas que mostrava o caractere. Virava assim, então você conseguia posicionar o endereço físico da memória aí. Aí você apertava um botão ele mostrava o bite, o que tinha dentro, o conteúdo daquele bite né. Então tinha....É complicado porque se você for ver, você tá fazendo curso do que jornalismo ?

T: É.

C: Jornalismo não chega entender muita coisa de informática né?

T: Não. Pouquíssimo.

C: O pessoal de informática hoje acho um absurdo porque como a gente conseguia desenvolver programa com uma máquina daquela né, ir examinando né. Hoje em dia o decodificador de programa vai mostrando pra você onde que tá o erro, onde é que não tá.

T: Mas aí a Exactus...eles usavam esse computadores, mas ela que desenvolvia o programa ?

C: Sim a gente que desenvolvia os programas. Tinha os compiladores, que escreviam na linguagem...os compiladores transformavam aquilo em máquinas.

T: Nossa...Deve ser complicado né...

C: Era bem complicado porque...bom também nem tanto, a gente usa os recursos que tinha na época. Então, que nem essas máquinas aqui dos anos 60, da linguagem

daquele jeito, que é a linguagem de auto nível, e bem mais fácil para programar. E tinha também o asceno, mas pouca gente sabia programar isso né. Como eu vim de São Paulo eu sabia programar isso aí, os programas,,,que precisava utilizar mais recursos eu fazia. Seu Zeca que trabalha aqui do lado, ele aprendeu programar em asceno... então só nos dois que programávamos em asceno, nessa maquinas...

T: E onde você aprendeu isso?

C: Eu aprendi em São Paulo. Eu trabalhei na Ultragas. O fundador da Exactus, a cabeça dele era sempre focada em coisas novas né...daí ele foi me buscar lá em São Paulo. Eu gostei né. Minha família morava aqui né. Quando eu casei a minha mulher era daqui, né. Então...

T: Então você morava em São Paulo só por causa do trabalho mesmo...

C: É. E por causa do trabalho. Fui pra lá por causa do trabalho né. O primeiro da família que começou com informática foi meu irmão. Ele trabalhava antes de existir computador, a gente chamava de máquinas... trabalhava com eletrônica né. Para cada função que você possa imaginar de informática...tinha digitação, plastificação, cálculo e impressão. Tinha uma maquina para fazer cada função dessa né.

T: Aham.

C: Tinha a classificadora, para classificar o cartão. Tinha a intercaladora para intercalar massas e cartão. Um computador estourado. Isso aí era para aprender né. Depois daí a empresa que eu trabalhava comprou os primeiros computadores que chegavam de São Paulo né. Aprendi a programar. Era o recurso que a gente tinha, né. Se hoje você falar em programar ascendo, o pessoal acha um absurdo, porque hoje tem linguagem de auto nível. É muito mais fácil para trabalhar. O mais parecido que tem com o asceno hoje seria a linguagem do seno, que também não é asceno, mas que também faz parte. Mais parecido na teoria...já tinha os terminais né, tinha os computadores que ficavam lá em baixo, tinha os cabos né. O prédio foi construído para trabalhar com os terminais né. Então tinha ligação que vinha desde lá de baixo até aqui, para passar os cabos. Então tinha o terminal do computador. A gente conseguia fazer programação, verificar os dados, e tudo por aí. Foi até as ultimas eleições, já estava tudo... conseguia ver os terminais, já conseguia fazer digitação pelos terminais, também, evoluiu bastante...

T: Acho que isso ajudada sim, que eu vou ter que ter uma parte mais técnica do meu trabalho, sabe. Pra falar um pouco do computador, do uso do computador.

C: O que você pode falar, por exemplo, que primeiro usava-se cartões e depois usava disquetes e por ultimo os terminais de entrada de dados, que é o que é usado pra todo lado hoje. Você vai no banco fazer um depósito, sacar um cheque, a máquina que tem lá na frente é um terminal do computador. Então na hora que você saca o cheque, já deu baixa na sua conta...

T: Nossa disso eu não entendo nada mesmo. Acho que vou ter que dar uma estudada pra eu poder explicar tudo certinho.

C: Até entendo sua dificuldade. Porque hoje em dia, nem o pessoal de informática, que estão se formando hoje, entende isso..

T: Aham.

C: Se você for perguntar, por que algumas, algumas letras, a formação das letras... se for olhar aqui, tem essa três...chamava altura doze, altura treze, altura onze e altura

zero né.

T: Aham.

C: E depois tem altura um, dois, três, até a altura nove. A combinação de dados, a numeração das perfurações para montar as letras. Eles pegavam, por exemplo, a altura doze e um era o A. O dois era o B, até o nove...até o nove era o I. Você pegava do R...do J até o R, do R até a altura onze. Do um até o nove da o R, aí o S. Não começava do um, altura zero. Ele começava no dois até o Z, porque pulou o um, certo. Daí seria o zero e um, que seria o seguinte. Você veja bem, daqui até aqui é uma distância relativamente boa né. Daqui até aqui também é. Do zero para o um era muito perto. Os computadores na época era tudo escova de aço, que passava... o cartão passava correndo debaixo do jogo de escova né. Então aqui era muito perto, provocava erros, pulava dois, pra poder fazer a combinação.

T: Entendi. Mas o pessoal que estudo informática hoje, estuda um pouco desse...

C: Nada.

T: Desse histórico.

C: Nada...

T: Não estudo nada?

C: Nada, nada.

T: Já pega direto para o...

C: Já pega direto o que tem os customizadores, depuradores. Quer dizer, tem coisa, muito mais evoluída ai. Esse ponto aí eu não sei. Eu parei de estudar isso aí porque na verdade eu comecei a ficar só com a rádio, fiz negocio né.

T: Entendi.

C: Eu entendo bastante de faturamento, de nota fiscal, atualização de cadastro, controle de estoque. Isso entendo tudo. Daí programar eu não sabia mais. Às vezes eu mexo com programação, mas só pra me divertir só.

T: Ah mas então ajudou bastante esta parte técnica.

C: Você vai entender mais que muita gente (*risos*), muita gente de informática...

T: Eu vou tentar falar com o Romeo que ele lembra da história em si. Mas de qualquer forma, isso vai ajudar sim.

C: O Romeo pode entender da história porque ele era envolvido com política. Ele foi Secretário de Obras do Belinati um bom tempo. Ele foi envolvido na política né. Muito provavelmente que ele entenda a parte política da história...

T: E ele tinha contato com o Coutinho será? Eu queria entender como que surgiu essa ideia de fazer essa colaboração...

C: Na verdade quem procurou ele foi o Coutinho. Você conversou com o Coutinho?

T: Conversei. Conversei com ele ontem, aí conversei com...eu fiquei sabendo da história pelo Shoni né. Não sei se você conhece ele. Ele é professor lá na faculdade e ele foi repórter nesta história. Acho que você não conhece. Daí ele me indicou as pessoas, dia eu conversei com o Hideo e conversei com o Coutinho e estou procurando mais gente. Porque meu trabalho é baseado em entrevista mesmo, Recontar a história.

C: Mais gente?

T: Mas acho que o Romeo deve...

C: É ele pode te ajudar na parte política da história.....

T: Aham.

T: Ele não mexeu com esta questão técnica?

C: Questão técnica não era o forte dele não. Nunca foi.

T: É, eu vou procurar ele.

C: Acho que ele não... malemá sabe ligar o computador pra ver os e-mails dele...

T: A é. (*risos*) E na época o que ele fazia aqui?

C: Era diretor comercial...

T: Desde...

C: Comercial desde o começo...

T: Então é isso, caso eu tenha alguma dúvida nesta parte técnica.

C: É você pode me procurar.

T: Eu te procuro.

## APÊNDICE H

Transcrição entrevista com Antonio Godoy –

Repórter na cobertura de 1978

Data da entrevista: 17/11/2009

Local: Sede da Rádio Alvorada

Thalita Vitoreli: Está gravando... você pode me dizer... falar seu nome...?

Antonio Godoy: Falar meu nome, esses negócios todos, não é?

Thalita Vitoreli: Queria que você falasse assim, também, como você entrou no rádio jornalismo, como você veio parar na Alvorada?

Antonio Godoy: Bem meu nome é Antônio Pereira de Godoy, conhecido no meio radiofônico como Antonio Godoy, eu comecei na rádio Alvorada em 1972 já como locutor noticiário, na época era muito comum isso, aliás, a época, as dificuldades que se tinha para se obter notícias, não tinham agências, as emissoras não tinham agências, acesso, não tinha, por exemplo, claro internet nem sonhava com isso, então era na base de rádio escuta, você ouvia fontes como as principais, na época Rádio Guaíba, Rádio *O Globo*, Rádio Bandeirantes, ali você compilava as notícias. Você depois transcrevia e ia para o ar tá, e nessa época importante que você está fazendo o trabalho né em setenta e oito, eu ainda era locutor noticiário, eu na verdade não trabalhava na redação. Eu, Daison Pereira e outros mais éramos os apresentadores das informações e foi um agito total nesse 1978 né, foi um trabalho inédito no rádio brasileiro eu diria né, porque uma emissora do interior fazer um trabalho que era de voto em voto, urna por urna, voto por voto, realmente foi um trabalho assim fantástico e acho que nunca superado por ninguém, e o resultado, eu diria foi bem melhor ainda, porque, porque nós podemos provar na época algo que ninguém acreditava, a força do rádio tá, suplantando inclusive, você tem a manchete da *Folha de Londrina*, testemunha desses acontecimentos, quer dizer o dia em que a rádio Alvorada é, bateu a Globo né, claro que pra nós isso foi motivo de orgulho, de alegria, porque também poderia ter sido um motivo de decepção tá, e um fato que muitos até mesmo já falaram a respeito desse acontecimento, mas que não sai da memória, foi à pressão que a rádio através do seu diretor padre Trajano Mascaranhas Horta estava levando do Palácio do Iguazu, principalmente do presidente do partido Afonso Camargo Neto. Ele mandou reiterados... na época eram os... como é... tem o o, ai ai, como vou esquecer o nome... telegramas né... telegramas (riso), hoje é e-mail, eu sei que dá uma confusão tremenda, então mandou... você vai editar isso aqui antes de apresentar?

Thalita Vitoreli: Então na verdade eu transcrevo todas as entrevistas

Antonio Godoy: A é...

Thalita Vitoreli: Daí depois mais pra frente eu estou querendo fazer um documentário, um rádio documentário.

A: é mesmo porque me faltou à memória aqui, mas tudo bem... então recebeu vários telegramas pedindo que a rádio Alvorada parasse com essa apuração porque foi uma apuração paralela ao que se fazia tradicionalmente que é através do Palácio do Iguazu, do governo, bom e veio pessoalmente esse cidadão. Porque a apuração demorava dias, não era instantânea, eram dias, o cidadão veio e pressionando,

dizendo que se a Rádio Alvorada não mudasse, não apresentasse segundo eles, os números verdadeiros, é, eles fariam depois alguma coisa, boicotariam tipo, com a rádio Alvorada, eliminaria de qualquer mídia, essas pressões naturais. O padre Trajano Mascaranhas Horta ouviu atentamente e chegou na redação, e eu estava lá, presente, perguntou para o responsável que era o Coutinho Mendes, Coutinho e para os demais: “você garantem que o trabalho que nós estamos fazendo é sério, é honesto?”, e todos disseram “sim”, então eu co-assumi, e a coisa ...

T: O Shoni contou

A: Isso até emociona a gente, a fala, porque foi algo histórico, um momento realmente inesquecível. Pois bem, a partir de então, olha, foi um trabalho, e aí que você via realmente o empenho e como a seriedade faz as coisas acontecerem né (atendeu o telefone)... e a verdade é que, o que estava acontecendo é que nós tínhamos, nós tínhamos representantes em todos os fóruns, as comarcas onde eram apuradas...

T: Do Paraná...?

A: É do Paraná. É do Paraná, é claro, que o resultado, ele vem em decorrência da apuração, e determinado local, aí pensei... faz uma soma no local do interior... na cidade lá de... por exemplo, Curitiba... lá os votos seriam mais pra o caso da Arena e deu mais pra o MDB, e nos estávamos fazendo um trabalho correto, sabe, e chegou o final o que aconteceu? Eu não vou julgar. Não sei se eles mudaram ou se chegaram realmente aos locais onde nos já tínhamos chegado ta. A verdade é que a nossa, a nossa apuração, ela foi do começo ao fim sustentando, sustentada e chegou ao final com resultado oficial correto né. Correto.

T: Então, porque todas as pessoas que eu entrevistei assim, não afirmaram que eles estavam querendo manipular, nada, mas assim, as matérias que eu peguei na Folha, por exemplo, tem uma lá... ? Como se fosse quase certo que eles já tinham ganhado, sabe...?

A: Aham.

T: Acho que eles estavam querendo fazer um clima assim de...

A: É...

T: Pra depois...

A: Poderia ser assim realmente...

T: Em que momento, assim, eles voltaram atrás?

A: Foi exatamente faltando é, talvez ali uns 20% da apuração, por aí sabe? Foi por ali que a coisa, que eles caíram na real tá, porque também é uma estratégia que você tem pra enganar o povo de chegar ao final e ser fácil você manipular é verdade, e a Globo estava no esquema, a gente não pode entender de outra forma. Eles estavam fazendo de acordo com que o palácio lá determinava

T: Na verdade Todos os órgãos né?

A: Todos.

T: O pessoal também falou das importâncias dos correspondentes. Que eles estavam aqui, viram o que vocês estavam fazendo e viram que estavam certos mesmo.

A: Correto.

T: Não é exagero...?

A: É, porque houve muitos questionamentos, por exemplo, você pegava uma Rádio Serenata lá de Pato Branco, uma rádio seria também lá, e eles começaram a questionar porque estavam conosco, tinham correspondentes, deles, nossos tá... a Alvorada fez um trabalho... era uma rede, de repente, estava todo mundo com a Rádio Alvorada fazendo o trabalho, então eles questionaram, porque se estava certo, então houve realmente... foi um momento difícil uma... um trabalho... que eu diria um trabalho heróico, sabe? Trabalho heroico.

T: Se mantiveram até o final?

A: Até o final. Mantiveram-se até o final. Se uma ou outra deixou eu não duvido, mas essas a gente não tomou conhecimento, pelo menos aquelas que estavam, inclusive, parabenizaram depois. Enviaram e-mail e quando foi sacramentada aquela situação...

T: O Shoni também me contou que o Richa chegou comentar. Você lembra desse episódio?

A: Eu me lembro do Afonso Camargo Neto que era o presidente do Arena tá, é... e do Richa eu não estou lembrado, mas isso não quer dizer que não estivesse tá, porque note bem, foram dias e noites, dobramos o trabalho né, foi assim um trabalho tal... e...

T: Você já trabalhava na Alvorada?

A: Eu já trabalhava na alvorada desde setenta e dois né, e eu tenho na verdade, esse ano que eu completo, hoje é dia 17, hoje 17 vamos ver, você está falando comigo numa data histórica, hoje eu estou completando quarenta anos de rádio ta.

T: Nossa.

A: Eu comecei no dia 17 de novembro de 1969, isso com registro. Oficialmente né. Já tinha participações, mas oficialmente pela Rádio Londrina...

T: A Rádio Londrina...

A: Alias, é a pioneira de Londrina, foi praticamente onde todos os comunicadores trabalharam né. Aqueles principais, do meu tempo né, e antes de mim um pouquinho (risos).

T: Eu precisava da sua data de nascimento.

A: Vinte e sete de novembro, quase que você vai me dar um abraço de aniversário... em mim... de cinquenta tá...

T: Então você tinha quantos anos?

A: Eu tinha 19 anos.

T: Você começou bem cedo né. O pessoal começava cedo.

A: Mas com 17 eu já fazia parte, eu com 17 anos eu era o responsável...

T: Sua voz...

A: É. A voz é.. era um... é um componente muito importante né. Não é tudo, que não basta ter voz só, a comunicação é muito mais.

T: Mas é importante.

A: É importante, é claro que uma boa comunicação com uma voz agradável, não é isso, é muito mais interessante né, então, mas eu, na época, você falando um pouquinho de mim agora, com 17 anos eu era o responsável pelo script na TV Corados. Na época, a missa, a nossa missa começou exatamente no ano de

sessenta e sete, e eu fui escolhido, convidado por Dom Geraldo Fernandes, pra fazer um curso em São Paulo né, me preparar pra responder por esse momento da igreja na televisão, foi a primeira missa na televisão, e eu fui o responsável, comentarista, comentava. Foi ali que o pessoal vendo, me convidou. Eu tive três convites na época e nunca pensava em trabalhar em rádio, um detalhe importante, porque eu vim pra cá pra estudar, aqui em Londrina, eu morava em Uraí. Eu vim pra estudar, pra fazer faculdade e fiz, fiz e consegui fazer, porém não exerci nada do que eu fiz. Na faculdade eu fiz pedagogia. E jornalista eu sou por direito adquirido né. Houve aí essas aberturas.

T: Inclusive eu conheço o Marcelo que trabalha aqui... é Marcelo...?

A: Marcelo de Agostini, é.

T: Ele é esposo de uma mulher que trabalha comigo.

A: É...

T: É, ele me falou também dessa questão, de que ele também é jornalista...

A: É. Sou mais um jornalista profissional, antes era provisionado né. Foi uma época... foi... jornalista provisionado... você só poderia trabalhar naquele veículo ou até no estado, mas depois... é, você teve essa abertura e o registro profissional permanente né.

T: E você já conhecia o Coutinho, assim nessa época...?

A: Sim, porque o Coutinho, o Coutinho ele já havia trabalhado na Rádio Alvorada né, um tempo, ele sempre esteve, durante um bom tempo ele esteve à frente da Rádio Alvorada, e eu sempre tive contato com ele na apresentação. É, trabalhei com várias pessoas na apresentação... Daison Pereira, que era umas das vozes bonitas, muito bonitas, Nelson Gomes na época era... Nelson Gomes, Taison Pereira, eu e se não me falha memória o Jair Basine.

T: Como Locutor?

A: Como locutores, como locutores.

T: Assim, alguém ainda é de Londrina?

A: Tem, eu acho que o Nelson Gomes está, o Nelson Gomes, ele trabalha... pra facilitar... ele trabalha na Londrifórmulas.

T: Quem mais?

A: Sim, lembro, é bom eu lembro de vários homens tá. É, não sei se você quer saber o nome, ou alguém que esteja por aí, pra, então por exemplo, esta por aí que eu ainda sei, é o Geraldo Rocha, Geraldo Lino Rocha.

T: Você sabe onde encontrar ele?

A: Te digo já, ele trabalhou, aposentou-se na TV Coroados né, como... porque ele foi cinegrafista né, cinegrafista, como que fala, acho que é isso mesmo né. É, e depois ele está trabalhando ali no Musamar. Ele trabalha ali no Musamar.

T: Então me falaram também que ele trabalha no Musamar, no estacionamento lá...

A: Ele trabalha na questão de recepção de mercadorias né.

T: Então, porque daí eu fui ao estacionamento e eu perguntei assim, que me falaram, o Rocha, não falaram Geraldo, alguém conhece o Rocha aqui... tal, aí me falaram que

não... tal. Daí o cara me falou, meu nome é não sei o que lá Rocha, mas eu não trabalhei em rádio nada...

A: É um moreno sabe bem...

T: Mas ele trabalha no Musamar?

A: É no Musamar.

T: Porque é importante assim...

A: Ele trabalha no setor de recepção, o estacionamento fica descendo a Pernambuco na esquerda né. Ele fica na Goiás, do lado do estacionamento, estacionamento não, recepção.

T: É porque é importante assim ter várias pessoas de diferentes setores.

A: Várias, é verdade.

T: E falando um pouquinho do jornalismo na época, não era muito forte?

A: O jornalismo da Rádio Alvorada sempre foi forte, sempre foi forte.

T: Mas não aumentou com a...?

A: hã...?

T: Não aumentou com a cobertura?

A: Ah sim, claro, a repercussão né. Ela foi muito, muito grande, muito grande, agora eu não posso dizer pra você, pra você ter assim ter uma... uma... eu diria, uma fotografia exata, alguns fatos posteriores, por exemplo, quando, porque a Rádio Alvorada é uma emissora da rádio da Arquidiocese de Londrina, uma emissora, e como todas as emissoras, ela assim... uma, uma condição de mercado razoável pra sobreviver, porem isso ai onerou muito a emissora, ouve um custo elevadíssimo, e nos não tivemos nenhuma ajuda de ninguém, do governo, a rádio arcou com todas as despesas, com todos os prejuízos, porque a coisa foi, tá... é porque talvez algumas pessoas tenham se beneficiado disso, inclusive politicamente ta. A emissora, a rádio não, não... a sua fidelidade, primeiro o compromisso que ela tem com a missão e, segundo, não compactua né, então houve ali pessoas que, eu diria, tiveram não jornalistas, não jornalista, pessoal que trabalhou ali, não, mas algumas pessoas que estavam ali numa posição de política também na emissora, porque tinha né, sempre tem alguém, ninguém é totalmente imparcial, não é verdade. Não consegue ser, você procura na rádio ser o mais imparcial possível né, porém sempre tem, então se alguém aproveitou não foi a Rádio Alvorada, né, a despesa dela, ela ficou com um déficit muito grande, um déficit muito grande, não sei se alguém comentou com você.

T: Acho que o Coutinho.

A: É, porque isso daí, por exemplo, eu precisaria de confirma, não sei se o Fiori Luiz foi deputado, trabalhava na rádio Alvorada também, foi deputado nessa época.

T: Porque na verdade, assim, era... era a eleição para senadores, deputados, a questão de deputado eu deixei totalmente de lado, me foquei mais no senador.

A: Certo. O Gradia, o Gradia que respondia pelo esporte na rádio, pelo esporte, ele era o chefe da equipe esportiva

T: El trabalhava lá também diariamente?

A: Não. Não diria diretamente, mas claro, foi fundamental também, porque também

ele tinha muita ligação política, sabe, e, por exemplo, foi chamado pra ser secretário de esportes.

T: Falaram também do Salvador Francisco.

A: Salvador Francisco... em setenta e oito, ele trabalhou na Rádio Alvorada sim, é mas eu não estou lembrado se... acho que também, tem vários, Salvador Francisco, Alceu Augustus de Moraes...

T: Jair Gasolli.

A: Jair Gasolli.

T: Ele, eu liguei, ele participou.

A: Participou, né. Todos que participaram, por exemplo, olha... mas que não estão mais no nosso meio, que é o Carlos Augusto... que é falecido; a Nice Carbonieri...

T: O Melo, também.

A: O Melo Tomazi, é. Também, falecido.

A: O Melo também nessa época era mais locutor, também, mas à parte de locução, que mais?

T: Eu queria saber assim a reação da sociedade, assim. Como que era, números muito divergentes, diferentes, como que a sociedade agia, criticavam?

A: Eu acredito que a sociedade... ele foi, assim, é muito... porque Londrina, note bem, existe uma coisa que é fundamental, o Richa é de Londrina, então Londrina aceitou isso de uma forma maravilhosa. A gente pode dizer em nível de estado, tal, a oposição não sei não saberia dizer pra você se houve, inclusive, perseguição por parte de adversário, né. Mas como Londrina sempre esteve na mão da oposição, oposição na época era o MDB.

T: O MDB.

A: O MDB. Então não houve sabe, acho que a reação foi, foi tranquila, foi a melhor possível, tá. E o reconhecimento né. O reconhecimento, né, sem dúvida alguma, agora a rádio não se beneficiou com isso em termos, de financeiros, né. Eu diria mesmo até por falha da própria emissora, porque ela poderia ser mais agressiva no setor, não é questão de ser contemplada com verbas e tal. Não era essa a intenção, nada foi feito com esse propósito, mas podia aproveitar o momento, né... do auge, não é isso, em termos de repercussão e tal, e ser mais agressiva no mercado, buscar mais apoio, patrocínio, o setor comercial foi um pouco inoperante, eu diria.

T: Então, só pra da uma finalizada, o que você lembra, assim, do período histórico era final de ditadura, como que era, assim?

A: Não! Estava no meio da ditadura. Sessenta e quatro, setenta e dois, era um momento fortíssimo, né.

T: Setenta e oito.

A: Desculpa, setenta e oito, setenta e dois foi quando entrei na rádio. Sessenta e quatro a rádio foi fundada, setenta e dois eu entrei na Rádio Alvorada. Setenta e oito aconteceu isso. Ainda era um tempo fortíssimo, mas, porém, nessa questão aí era, era uma questão...

T: Tinha pouca censura.

A: É, nesse caso da eleição não, mas agora, a censura existia para um todo a rádio. Eu mesmo cansei de ver telegramas chegando e proibindo divulgar tal fato, a gente ficava sabendo, ficava sabendo do acontecimento, só que você não podia divulgar. Ai que era o perigo, as vezes o jornalista ficava sabendo, ai ia ao barzinho e comentava, ali tinha alguém, sabe? Aconteceu muito disso, muita gente sofreu consequências da ditadura, em razão desse fato, porque a redação sabia do fato, não tinha detalhes, mas sabia que tal fato tinha acontecido porque vinha a recomendação, a proibição de se falar qualquer coisa a respeito de tal fato, e as pessoas, inocentemente numa conversa com amigo, sabe, coisa e tal, né, ai que muitas vezes que era esse alguém de ouvido atento né.

T: E o que você lembra do dia-a-dia dessa cobertura, como que era o clima, assim, na... com o pessoal?

A: Olha, era assim, eu diria de coleguismos muito forte. De coleguismo mesmo, né, de trabalho, todo mundo dando o melhor de si. Ninguém se preocupando com horário, só mesmo quando o cansaço, tal, batia, mas tinha escala, eram vários jornalistas, nem todos eram funcionários da emissora, foi feito.... foram contratados, assim, vários... como que fala, é...

T: Free Lancer...?

A: É, free lancer tal. Então tinha ali gente do jornal, do *Jornal O Globo*, do *O Estado de São Paulo*, né, tinha *Folha de São Paulo*, o *João*, tinha mais outro...

T: Do *Estadão*...?

A: Do *Estadão*, é. Tinha vários, vários, O Shoni né, professor da universidade. Também o Shoni não era funcionário na época. Nilson Monteiro, o Shoni parece que depois permaneceu um tempo sabe?!

T: Sim.

A: É exatamente, Nilson, Nilson Monteiro era da *Folha de Londrina* e era também corresponde do *Jornal de São Paulo*. Não sei se a *Folha* ou se o *Estadão*, não sei, tinha o Joel, tinha outro da *Folha*... o Germano.

T: Germano de Oliveira.

A: Parece-me que ele também fez parte, parece-me, não estou lembrado porque tive muita ligação com ele depois, na universidade, mas não estou recordando, porque a memória também é falha, né minha amiguinha.

T: É, né!? Faz tempo.

A: Setenta e oito.

T: Do fundo do baú.

A: São trinta anos, né?! Trinta e um anos. Beleza.

T: Bom, acho que é isso. O bom é que você falou bastante coisa importante, ai caso eu tenha alguma dúvida, eu volto a te procurar.

A: Como disse, se eu souber responder, eu responderei, não inventarei, (risos).

## APÊNDICE I

Transcrição entrevista com Jair Gazolli –

Repórter na cobertura de 1978

Data da entrevista: 19/11/2009

Local: Shopping Contur

Thalita Vitoreli: Então, começou... mas eu queria que você falasse, assim, um pouquinho da sua experiência no jornalismo. Como que foi parar no rádio?

Jair Gazolli: Na realidade eu comecei a trabalhar no Panorama, depois do fechamento do jornal, que foi aberto uma central de jornalismo da TV Tibagi e TV Coroados né. A Tibagi era em Apucarana e a Coroados aqui, mas era do mesmo dono, do Grupo Paulo Pimentel. E em seguida abriu uma sucursal do jornal *O Estado do Paraná*. E com o relacionamento que a gente tinha com o Coutinho, tudo, e como ele, na época, o Coutinho tava iniciando, tinha iniciado um esquema novo de jornalismo no rádio que não tinha. Com matérias editadas, boletins a cada meia hora.

Thalita Vitoreli: Isso antes da cobertura?

Jair Gazolli: Antes da cobertura. E quando ele resolveu fazer a cobertura, a estrutura da rádio não seria suficiente. Eu não trabalhava na rádio na época, eu trabalhava na sucursal do jornal *O estado do Paraná*. Mas, algumas pessoas de confiança ele convidou para trabalhar lá, e a gente aproveitava também a questão com o jornal e já fazia com a rádio também. Ajudava ele e ajudava a gente na cobertura porque tinha, assim, um parâmetro de tudo o que tava acontecendo, assim, no estado, na região toda. Então foi aí que eu acabei entrando nesse projeto do Coutinho, da Rádio Alvorada de fazer essa cobertura de 1978 e acabou esse... foi um negócio muito demorado, a apuração era muito lenta na época, demorou vários dias, a gente ficava a noite, às vezes, trabalhando, virava a noite trabalhando, mantendo contato com um... a apuração parava em alguns lugares, em outros não. Então a gente tinha que ficar lá de plantão, a turma lá pra contar os dados.

Thalita Vitoreli: Qual era a sua função específica nessa cobertura?

Jair Gazolli: A minha função era... cada um tinha... foi feito mais ou menos assim... mapeado por região e a gente ficava encarregado de uma região. Por exemplo, o Coutinho montou um esquema mais ou menos assim, que eu entendi na época. Ele tinha contato com todas as rádios do Paraná. Então, por exemplo, o município quando era comarca e tinha uma rádio lá, ele pegava, conseguia pegar. O objetivo nosso era buscar os mapas dos municípios que fazia parte daquela comarca. Como é que foi a apuração aí em tal lugar, tal lugar. Ia passando e aquilo ia passando pra um mapa nosso mesmo e depois ia pra Exactus que fazia a totalização. Era uma apuração paralela na realidade, o que acontecia lá. Então eu fiquei com... eu não me lembro qual era a parte assim, mas acho que foi mais aqui na região Norte. Eu fiquei encarregado de fazer.

Thalita Vitoreli: Daí você ligava?

Jair Gazolli: Isso. Era por telefone. Por telefone, ligava pras rádios e cada um tinha um setor pra fazer o levantamento, do município né.

Thalita Vitoreli: Aham.

J: O que deu, assim, confiabilidade nos números que vinham sendo divulgados.

T: E o que você se lembra... assim, de detalhes dessa cobertura. Do dia a dia de vocês, o clima na redação.

J: O clima era uma loucura porque no começo... enquanto estava o... acabou Londrina, por exemplo, ficaram os município menores que eram muito mais demorados. Porque era demorado, era tudo manual. Por exemplo, tem a cidade, por exemplo, Campo Mourão, tem quatro, cinco cidades juntas. Então até apurar Campo Mourão... depois vinham as outras cidades. E era um movimento assim, dentro da redação da Alvorada de próprios candidatos mesmo. Deputado Federal, Estadual queria saber: “Como é que eu tenho voto? Onde é que tá meu voto? Tá faltando tantos votos aí” e “Como é que você tá?” Porque o TRE não fornecia... era um negócio muito mais moroso ainda que o sistema que foi implantado. Então era um clima bem efervescente de gente pra todo lado. Pessoas de fora, de rádio, de outros lugares querendo saber. Principalmente quando afunilou a questão da candidatura ao Senado né, que ficou polarizado entre a candidatura do José Richa e o Túlio Vargas que era o candidato da época e que houve aquela desconfiança de manipulação de votos e que a Alvorada acabou sustentando os números dela. Que no fim, acabou confirmado.

T: Mas essa divergência assim, o número que o governo dava e o número que a Alvorada dava era muito diferente?

J: Era. Eu não me lembro agora. Eu sei que era uma coisa que preocupava. Tanto preocupava que um dia o pessoal daqui... porque o MDB, a maior força dele era concentrada aqui em Londrina, com o José Richa, Álvaro Dias...

T: Até porque ele nasceu aqui, né?

J: Ele já tinha sido prefeito aqui, tudo. O pessoal estava tranquilo, mas na hora que viram isso, foi todo mundo fazer um acompanhamento direto em Curitiba. A vitória acabou sendo apresentada, mas eles tinham medo realmente. Eu não me lembro, assim, o número, a diferença que apresentava, porque já faz mais de trinta anos né (risos). Faz muito tempo. Mas eu sei que isso motivou até a formar uma comitiva das lideranças partidárias. Foram até Curitiba, no TRE, pra acompanhar.

T: E alguma vez assim, o Richa chegou a visitar a redação?

J: Foi. Ele ia... ia. Passava por lá, tudo. Mas mais no começo, assim, né. Agora nesse auge aí eles já foram pra Curitiba e ficaram por lá. E foi um negócio realmente memorável, tanto que a *Rede Globo*, que na época estava começando em apurações, assim, a nível nacional né, e apresentava um número que era discordante assim.

T: Que era o número que o Palácio do Iguaçu divulgava?

J: É. O número que o Palácio fornecia. Nem o TRE quase que não fornecia né. Eles que divulgavam lá. Alguma coisa assim. Então.

T: E você se lembra, assim, do padre que era o diretor da rádio na época?

J: Sim. Era o padre Conrado Valter.

T: Acho que era Trajano Horta.

J: É. Trajano. Isso mesmo, Trajano. Agora eu lembrei. Ele também deu todo apoio. Ficava com a gente ali na redação até de madrugada. Ficava lá acompanhando. E na época, a gente vivia o regime da revolução da ditadura né. E a Alvorada era uma das

que tinham um jornalismo mais independente da época, que foi implantado pelo Coutinho. E inclusive, nessa questão, o padre apostou nesse projeto de fazer uma cobertura a nível estadual.

T: Você sabe me dizer se por acaso ele sofreu algum tipo de pressão do governo?

J: Olha, pra nós, pra mim não chegou. Não vi, assim. Não me lembro. Mas deve ter sofrido, porque naquela época era normal. Quem não era a favor do governo, automaticamente era contra né. Quem não falava bem, tinha a perseguição, Dentel... na época né. Tinha advertências. Às vezes... em off.

T: E a questão do jornalismo na Alvorada. A Alvorada não era uma emissora que tinha muita audiência, né?

J: Não. não era.

T: Com essa abertura a audiência...?

J: Melhorou. Aumentou bem. Acabou sendo uma referência no jornalismo radiofônico. Tanto que depois disso, outras várias... você deve acompanhar hoje mais ou menos o noticiário de rádio. Praticamente, a maioria das rádios tem seu noticiário hoje. Antigamente não tinha. Era o famoso gilete-*press*. Recortava notícia do jornal e lia. Então era só isso. Então o Coutinho implantou o sistema de gravar. Fazer entrevista gravada. Editar entrevista. Fazer uma chamada, uma abertura e tal. Até uma passagem do repórter, às vezes no meio da matéria também, coisa que se via na *Rede Globo* ou em alguma coisa de televisão. Em rádio não se via. E isso credenciou a rádio por muito tempo.

T: E a reação da sociedade?

J: Londrina sempre foi uma cidade de espírito oposicionista com relação ao governo. Tanto que, na época, aqui, conseguiu eleger seis deputados federais e vários deputados estaduais nessa eleição.

T: A questão do deputado, assim, eu não foquei.

J: Sim eu sei. Então era uma cidade, assim, oposicionista. Que marcava oposição. Então a reação do povo foi muito positiva.

T: Quem mais que você se lembra, assim, que estava envolvido pra eu ver se entrevistei as pessoas certas?

J: O Godoy que era o locutor fazia os boletins, tudo. Nelo Lainetti, que também era locutor.

T: Ele faleceu?

J: Faleceu. O Coutinho Mendes. O Shoni. Tinha um outro rapaz que trabalhou com a gente no jornal, na rádio... o Alceu Moraes. Mas acho que ele não está aqui. O Coutinho acho que não falou dele pra você. Acho que ele não está na cidade não. Deve ter mudado pra Campo Mourão. Alceu Moraes. Salvador Francisco. A Nice Carbonieri era uma repórter também. Ela morreu de acidente.

T: É, e chegaram a me falar da Nalu Lourençon.

J: Ah, a Nalu Lourençon.

T: Mas eu conversei com ela e ela não participou da eleição. Ela participou depois, do jornalismo.

J: Isso. Ela participou depois. Nessa da eleição não, ela não participou. Deixa eu ver quem mais que tinha. O Gradia né, que ele era diretor.

T: Ele não está mais em Londrina né?

J: Não, ele está em Curitiba. O Joel que era correspondente e o Germano de Oliveira, que era... o Joel do *O Globo* e o Germano do *O Estado de São Paulo*.

T: Falando um pouquinho dele, assim, você acha que a atuação deles foi determinante?

J: É, eu não sei se foi determinante, mas eu acho que acabou valorizando o trabalho né. Porque dois jornais combativos que eram na época né. O próprio *O Globo* como *O Estado de São Paulo* indo de confronto com o resultado oficial. Eu acho que fortaleceu.

T: Porque as outras pessoas que eu entrevistei chegaram a falar que, por exemplo, por eles acompanharem e verem que estava certo. Eles mantiveram, porque a Globo...

J: Exatamente. Porque eles participavam junto. Estavam ali coletando material da mesma forma que a gente estava, eles também estavam. Eles acompanhavam tudo ali no dia a dia. Então eles viam que o negócio estava... poderia até haver algum erro ou outro, de você anotar um resultado ou outro que não fosse real, mas mesmo assim a diferença era coisa mínima né.

T: E falando um pouquinho do computador. O que você lembra desse uso do computador?

J: Na realidade eu não lembro nada porque na realidade não existia computador pra gente.

T: Ia pra Exactus?

J: Ia pra Exactus. A gente preenchia um, por exemplo, cidade tal. Vamos supor: Cambé. Urnas apuradas... papapapapa. Mandava e lá na Exactus é que alguém ia digitar aqui e jogar no sistema lá do computador.

T: Esses números que vocês recebiam, vocês passavam pra um mapa e depois para o computador?

J: É, exatamente. A gente preenchia uma ficha assim, que ia pra Exactus. A gente passava para o Coutinho e depois ia pra Exactus

T: Primeiro passava para o contador?

J: Não, não.

Thalita Vitoreli: O que que o contador fazia?

Jair Gazolli: Ele ia fazendo a soma né. Porque é muito difícil você somar aquilo né. Então tudo o que chegava a gente fazia uma cópia e mandava para o computador pra ter uma soma totalizando a votação né. Porque fazer manualmente ali era complicado né.

Thalita Vitoreli: Corria o risco de...

Jair Gazolli: É. Também.

Thalita Vitoreli: E um pouquinho, assim, da época. Como você disse que era ditadura ainda.. como que era nessa época, ainda tinha pressão ou não?

Jair Gazolli: Ah, tinha. Tinha sim. Porque estava na época que estava começando a abertura lenta e gradual lá do presidente Geisel. Era lenta e gradual, mas tinha a... ninguém tinha confiança se ia abrir mesmo né. Estava começando voltar alguns exilados né. Naquele ano também estava começando o movimento da anistia pra anistiar as pessoas. Tinha as reuniões sobre a anistia, mas o pessoal ficava com medo. Porque embora existisse essa intenção do governo em fazer essa abertura, muitos setores de dentro do governo não concordavam com a abertura. O pessoal da extrema direita queria que continuasse e até piorasse. Mesmo assim, a gente trabalhava, mas sempre houve.

Thalita Vitoreli: Ah, então era isso, que eu precisava saber.

Jair Gazolli: Não sei se você se satisfaz.

Thalita Vitoreli: Ah sim. Porque é assim, como o meu trabalho... eu entrevistei o Coutinho, então, as outras entrevistas vão dando... vão preenchendo as lacunas.

Jair Gazolli: Aham.

Thalita Vitoreli: Mas eu acredito que...

Jair Gazolli: Saiu dentro mais ou menos do que ele falou?

Thalita Vitoreli: Com certeza. Daí, caso eu tenha alguma dúvida eu posso te ligar?

Jair Gazolli: Você pode me ligar sim. Tem meu telefone né.

Thalita Vitoreli: Tá bom. Obrigada!

## APÊNDICE J

Transcrição entrevista com Salvador Francisco – Repórter na cobertura de 1978  
 Data da entrevista: 20/11/2009 Local: Câmara Municipal de Londrina

Thalita Vitoreli: Para começar gostaria de saber como você foi parar no rádio. Falar um pouquinho sobre jornalismo...

Salvador Francisco: Bom eu já tinha me decidido por fazer jornalismo. Tanto que naquela época, de curso colegial, existiam... quem iria pra área de exatas fazia... era o científico, fazia o matemático ou biológico. Quem ia para área de medicina ia pra área... fazia biológico. Quem ia pra área de humanas fazia social. Eu fiz o científico social e fiz o vestibular e passei em jornalismo na UEL no início de 1976. E entrei na faculdade em junho de 1976. Aí, logo já nos primeiros meses, de repente, surgiu uma oportunidade de ir para o rádio. Eu fui pra Rádio Londrina. Iniciei no início de 1977 na Rádio Londrina. Já no final do ano fui convidado... acho que foi por causa que eu estava me destacando na cobertura da Rádio Londrina e aí eu fui convidado pra ir para Rádio Alvorada, então eu iniciei na Rádio Alvorada acho que no início de 1978.

Thalita Vitoreli: Então você começou lá antes da cobertura?

Salvador Francisco: Comecei antes da cobertura.

Thalita Vitoreli: Já existia um jornalismo? Como que era?

Salvador Francisco: Não...existia um jornalismo meio que incipiente e aí a gente tinha uma equipe pequena e tal. Mas aí pra essa cobertura especificamente o Coutinho... que é o Waldimir José Mendes, todo mundo conhece Coutinho Mendes. Ele acabou montando uma equipe mais pesada. Eu era da equipe da rádio, me juntei a outras pessoas. Tinha gente até de fora da rádio que veio pra... só para esta cobertura. Mas eu era funcionário da rádio, como repórter e acabei participando desta cobertura.

Thalita Vitoreli: E como que foi a cobertura?

Salvador Francisco: Olha, foi uma experiência única. Quero dizer, cada experiência da gente é uma experiência interessante, mas foi uma experiência muito rica porque era uma equipe de pessoas, alguns bastante experiente em cobertura de rádio. Eu já tinha um certo tempo... uns dois anos de profissão. Mas em termos de eleição a gente não tinha tanta experiência de cobertura, e foi uma proposta de que nós conseguíssemos realmente cobrir a eleição do Senado no Paraná de forma a não haver falhas no processo. Então, era um período também em que nós fomos... era um jornalismo independente, atirado. Nós vivíamos um período de ditadura militar, que tinha extrema vigilância, mas tínhamos consciência de que precisávamos usar... e acho que foi isso o ponto importante de que a cobertura teve o sucesso que teve. Então foi uma experiência única principalmente... acho que... a maior coroação, realmente, além do reconhecimento da classe, da própria classe política, dos que militavam na esquerda, acho que uma das coisas importantes foram as manchetes dos jornais, tipo aquela manchete: O dia que a Alvorada derrotou a *Rede Globo*, foi uma vitória muito legal pra todo mundo.

T: E qual era a sua função na cobertura?

S: Eu era repórter, entrevistava o pessoal da classe política, as lideranças, né. Colocava boletins. Mas também participávamos, assim, tipo operacionalmente dos contatos com as emissoras de rádios das cidades do Paraná pra poder pegar os resultados, gravar os boletins deles pra poder ir no ar.

T: Ficavam então ligando?

S: Ficava também ligando constantemente também pras outras emissoras.

T. E como que a sociedade da época, assim, reagiu?

S: Olha, Londrina sempre foi uma cidade, digamos, de esquerda. Aqui, como existiam dois partidos na época da ditadura o MDB e Arena, Londrina sempre foi uma cidade ligada mais ao MDB.

T: O Richa...?

S: o Richa era a liderança, uma das lideranças, né. Tinha o Helio Duque, Álvaro Dias, tinha vários... Várias pessoas dessa vertente. E, além disso, Curitiba era o reduto da Arena, quero dizer, era o reduto governista. Então foi uma... a sociedade de Londrina reagiu muito bem, até porque nós conseguimos eleger um senador da República que depois, logo... três anos depois, viria a se tornar governador, dois anos depois... na realidade três anos depois viria se tornar governador.

T: E quem mais que você se lembra que estava envolvido?

S: Bom, estava o Coutinho Mendes, o Antonio Godoy, o Nelo Lainetti, que já é falecido, o Edson Gradia. Eu não tenho certeza, mas o Paulinho Fernandes que já é falecido também, o Paulo Silva. Que eu me lembre, também, o Nilson Monteiro acho que estava nessa equipe, o Fernando Luiz participou desse processo.

T: Ele era o que?

S: O Fernando Luiz era locutor e jornalista também, mas ele participou desse processo. Quem mais? Tinha mais pessoas, assim, que eu não me recordo. Não me recordo muito agora o nome de toda equipe, porque, logo em seguida a essa... a essa cobertura, nós montamos uma super equipe de jornalismo. Então, e eram pessoas até que eu achava que participaram e depois fiquei sabendo que não tinham participado com a gente desse processo.

T: Falando então um pouco sobre esse jornalismo, depois. Você acha que ele foi diretamente influenciado pela cobertura?

S: Com certeza. Por que a própria emissora, a Rádio Alvorada, abriu espaço com a repercussão que houve com essa cobertura. O Coutinho praticamente, ele trocou o horário da Rádio Alvorada pra fazer essa cobertura. E assim que terminou a cobertura a própria direção da rádio viu que... até pela audiência que a rádio obteve. Pela credibilidade que a rádio obteve com o jornalismo na época, a própria emissora se interessou, que se montasse uma equipe de jornalismo forte, pra que fizesse a cobertura. E aí acabou se montando uma equipe muito boa que marcou a época do jornalismo na cidade.

T: Em algum momento a rádio sofreu algum tipo de pressão?

S: Ah, sim. É uma... a pressão... são dois tipos de pressão. Uma do governo do estado que tinha interesse na eleição de Túlio Vargas e que estavam manipulando os resultados realmente, e que, ele forçava a barra pra cima de uma emissora do interior. Tem todo aquele aspecto comercial do governo ser anunciante de emissora

de rádio, todo aquele... tem um processo comercial envolvido nisso, então. E tinha todo um outro processo também que era o processo da gente... de um certo temor... da gente realmente estar confiando naqueles números que a gente está divulgando. Você tinha que confiar nas pessoas que estavam te passando as informações... das outras emissoras de cidade do interior do Paraná e tal... que não houvesse erros. Porque, de repente, se estivesse colocando todo um processo, e sustentando uma versão, que era verdadeira, mas que vai que, de repente, houvesse um furo nisso e tivesse algum problema. Então existiam essas duas pressões: uma oficial, por parte do governo que realmente tinha interesse e tal, e realmente o pessoal mais da direção do jornalismo Coutinho, etc, recebiam telefonemas e muitas pressões da classe política e também de Curitiba e tal, e do poder, e a outra era essa pressão, nossa própria, de você estar fazendo uma coisa e confiando naquilo que você está fazendo mas sempre com um pé atrás.

T: E o padre, assim, ele apoiava também? Como que era a relação com o jornalismo?

S: Assim, houve um certo... por isso que eu te falei... no início, era uma relação meio distante. Posteriormente com a confiança obtida nesse processo, veio uma... um apoio realmente da própria direção da rádio que eram os padres, na época acho que era o...

T: padre Trajano.

S: O padre Trajano. Aí ele realmente confiou no processo e abriu no processo.

T: E com relação aos números, assim, eles eram bem divergentes, como era esta questão?

S: Ah, sim. Tanto eram divergente que... não me lembro agora se foi por um dia e meio ou dois dias, o Palácio sustentava na divulgação dos números reais, o TRE sustentava também nos números ditos oficiais e a própria emissora praticamente oficial do governo, que era a *Rede Globo*, que estava fazendo a cobertura, então os seus boletins sustentavam que o Túlio Vargas tinha uma vantagem muito grande sobre o Richa. E os nossos números apontavam exatamente o inverso, que o Richa que estava ganhando a eleição, e tanto que se confirmou posteriormente.

T: Em que momento eles recuaram? Falaram que não era bem assim?

S: Pois é, é exatamente isso que eu estou te dizendo, que eu não me lembro com certeza se foi um dia ou dois dias após o início da cobertura.

T: Mas eles não disseram nada oficialmente, assim?

S: Não, não. De repente os resultados foram mudando e aí, realmente, pelos números divulgados que eles acabaram admitindo que o Richa estava ganhando a eleição, que nossa cobertura estava correta. Mas não disseram que tinham errado em nada da cobertura e tal. Apostaram naquela questão de dizer: "Ah, os resultados estavam chegando de tais e tais lugares e que eles apontavam mais a vitória do Túlio Vargas do que do Richa".

T: E a colaboração, assim, a participação dos jornalistas de fora de Londrina, o pessoal citou o Germano de Oliveira.

S: Ah, sim, do *Estadão*.

T: o Joel do *O Globo*.

S: O Joel do *O Globo*, e se não me engano o Ganchão também. O Maschio, o José

Roberto Maschio, o Ganchão. Acho que ele estava, se não me engano, estava o Joel no *O Globo*, o Germano no *Estadão*, e o... será que o Maschio estava já nesse processo? Tinha pessoas, assim, que estavam nesse processo. Não sei se eu tenho certeza, uma certa dúvida, acho que... acho que... deixa eu ver. Depois... e os outros também... jornalistas que trabalhavam, por exemplo Marinosa Neto que trabalhava no O estado do Paraná, também José Dil, do O estado do Paraná atrelado na questão de Curitiba também, mas foram pessoas também que estavam ali por perto.

T: O pessoal falou da questão, por exemplo, do jornal *O Globo* que divulgou um número e a *Globo* divulgou outro número.

S: Sim. É, realmente isso foi importante, porque foi uma fonte do jornal que estava em Londrina acompanhando o processo de cobertura. Ele estava confiando, que realmente mexeu aí com o próprio processo lá em Curitiba.

T: E quanto ao uso do computador e também um pouquinho da relação do contador. Como que eles atuavam ali?

S: Dos contadores?

T: Sim.

S: É... mas essa questão de uma titularização dos números. É uma espécie de auditoria daquilo que estava chegando, uma checagem realmente importante, de tal, tal município, tal, tal município. Se os dados dos números dos eleitores conferiam com os dados da votação. Enfim, para garantir realmente que aqueles números estavam dentro da realidade.

T: E como funcionava? Os números chegavam e vocês anotavam?

S: Anotávamos, eventualmente até gravávamos. O próprio locutor da rádio, por exemplo, lá de Assaí, dando o resultado. Gravávamos pra soltar no ar essa gravação e anotávamos os números. Que os números também eram checados desta forma. O Coutinho reunia a equipe, o pessoal da área. Era soma de contabilidade para verificar.

T: Aí, depois que passava pelo contador ia para o computador?

S: Sim, exatamente.

T: Lá na Exactus?

S: A Exactus fazia a alteração mais oficial pra gente.

T: Aí me fala, assim, pra finalizar, um pouquinho do contexto da época. Que era a ditadura ainda... como que era?

S: É... bem... existem detalhes importantes, que por exemplo, essa cobertura foi em 1978. Esses dias eu tive acesso, faz algum tempo já, eu tive acesso, por exemplo, a minha ficha do DOPS, Delegacia de Órgãos de Política Social, datada até posteriormente desta cobertura de 1978, com fatos de 1979 quando a questão da briga pelo fim da ditadura militar ficou mais acirrada. Nós vivíamos já um período mais ou menos... não era um período de abertura, tanto que o período de abertura começou em 1985.

T: Mas ele era, assim, mais brando?

S: Era um pouco mais, mas não... nessa época era bastante forte o processo da ditadura. Mas existia uma certa... certa condescendência, principalmente com relação

a essa questão da imprensa. Mas não foram... não era nenhuma, nem duas vezes, que, de vez em quando você, a noite, estava fechando o jornal, no rádio, chegavam os censores da Polícia Federal e diziam que tal e tal assunto estava proibido de ser veiculado e que se fosse veiculado a emissora e o jornalista sofreria fortes consequências desta veiculação. Mas a Rádio Alvorada era uma rádio que ousava muito. A gente cobria manifestações importantes, por exemplo, 1º de maio que é o Dia do Trabalho, uma festa cívica que aproveitava pra contestar a ditadura militar. Sempre a gente transmitia algumas coisas, os aniversários de mortes do Vladimir Herzog, por exemplo, a gente fez coberturas, inclusive mandando material. A Rádio Alvorada também tinha uma relação estreita com a Rádio Bandeirantes em São Paulo que fazia o Jornal Primeira Hora de manhã. E a gente transmitia meia hora de Jornal Primeira Hora, e o resto era o Jornal Local da Rádio Alvorada. A gente mandava matéria para o Jornal Primeira Hora Nacional, sempre saíam matérias nossas. Então, era um período de ditadura, mas a Rádio Alvorada tinha uma postura muito clara, até por que a igreja... a igreja tinha uma postura de abertura, de buscar a questão do fim da ditadura militar, de Estado direito democrático, da questão da anistia... a luta pela anistia dos direitos humanos é uma coisa que estava meio intrínseca, apesar do padre Trajano ser um pouco conservador. Mas a igreja, como um todo, a nível nacional, Dom Paulo Evaristo, alguns bispos, alguns arcebispos da... desta corrente mais avançada da igreja. E a Rádio Alvorada era uma rádio católica, tinha essa questão dessa abertura, então foi uma chance que se abriu. Pra mim conversar sobre isso é muito interessante porque nós realmente militávamos na esquerda né. Não éramos simplesmente jornalistas, também éramos ativistas (risos) de esquerda. Também porque você estava envolvido num processo e acho que então dentro deste contexto foi um fato importante. Essa cobertura das eleições de 1978 que foi uma derrota da ditadura militar no Paraná, que Túlio inclusive era militar, Túlio Vargas. E quer dizer, o governo do Paraná em si, o Ney Braga era general, quer dizer, era todo um espectro militar do governo do Paraná. E a gente, nós... enfrentamos a eleição, e com a nossa cobertura ajudamos num processo de abertura pra eleger uma pessoa que tinha um outro comprometimento, em nível político. Então acho que foi assim uma coisa importante para o período.

Thalita Vitoreli: E o clima, assim, na redação, como que era? Correria...?

Salvador Francisco: Toda cobertura de eleição sempre foi uma correria muito grande porque são números e números que você conquista e vai... vai correndo pra dar informação mais rápido. Mas tem que ser informação confiável. Que nós falamos dos contadores, o pessoal da Exactus e tudo mais... a apuração das eleições em si né. Mas é uma correria muito grande. Não tem horário pra ir dormir. Não tem horário pra comer, alguém come um sanduíche rapidinho e volta correndo, o outro cobre o outro. Mas eu acho que essa cobertura, inclusive pra mim, me ajudou bastante em nível de experiência profissional, que depois eu cobri várias eleições, não só locais, mas como nacionais. Eu cobri pelo menos duas eleições nacionais em Brasília, pela Rádio Paiquerê posteriormente. Já mais pra frente, pra eleição de Fernando Henrique, eu cobri em Brasília, que foi também um marco, assim na questão de eleições né. Então me ensinou muito em nível... a gente que tinha pouco tempo de jornalismo, nos ensinou muito essa questão da cobertura, por que você tem que se dedicar ao extremo. Uma cobertura de eleição é igual à própria eleição. Ela é bem... assim, você tem estar muito atento a todas... a esta questão e não há horário nem pra dormir e nem pra ir comer.

Thalita Vitoreli: Acho que é isso.

Salvador Francisco: É, tudo bem.

Thalita Vitoreli: Aí, caso eu tenha alguma dúvida, assim, eu posso te procurar?

Salvador Francisco: É eu até... precisamos, fazendo um parênteses. Eu até tenho uma experiência interessante pra relatar sobre esse processo de cobertura de eleições. Posteriormente, depois de um período de jornalismo, etecetera, etecetera... em 1991, em 1992, eu próprio disputando a eleição para vereador em Londrina. Na época em que os votos eram contados a mão, e eu perdi minha eleição pra vereador por dois votos, era uma eleição de 1992. Posteriormente em 1996 os votos eram já eletrônicos, aí eu me elegi tranquilamente, fui vereador de Londrina de 1997 a 2000 já com a... quando os votos eram eletrônicos. Porque realmente uma cobertura de votos contados a mão, como foi a cobertura, inclusive dessa eleição, da de 1978, o risco de fraude é muito grande. De repente, por exemplo, a eleição que eu perdi por dois votos, quando os votos eram contados a mão, eu fiz 1225 e o outro fez 1227. Eu solicitei recontagem, mas não abriram meus votos, abriram o dele e de outra pessoa, mas não abriram os meus. E eu tinha escolas que eu tinha certeza que tinha tido mais votos e, no entanto, não abriram e por final não aceitaram meu pedido, então curiosidades...

Thalita Vitoreli: Então tá, obrigado.

Salvador Francisco: Que é isso?!

## APÊNDICE L

Transcrição entrevista com Geraldo Rocha – Operador de áudio na cobertura de 1978

Data da entrevista: 21/11/2009

Local: Residência do entrevistado

Thalita Vitoreli: Tá. Então, começando. Eu queria saber, assim, um pouquinho do seu histórico profissional.

Geraldo Rocha: Certo. Eu, a minha profissão, o meu ingresso na parte de televisão e rádio, porque eu comecei primeiro na televisão, foi casual. A tia Luci e o Osvaldo Ribas, que já trabalhavam na televisão, eram muito amigos de um primo meu. Aí houve, apareceu uma vaga pra câmera na TV Coroados e eles convidaram... se ele queria pegar a vaga e coisa. Daí ele disse que não interessava porque ele tinha... já estava com a passagem comprada porque ia pra Brasília, ia servir o exército lá e não poderia cancelar. Aí ele me indicou. Falou comigo e me indicou pra que eu fosse. Eu fui, conversei e acabei entrando.

Thalita Vitoreli: Isso você tinha mais ou menos que idade?

Geraldo Rocha: Foi em sessenta e quatro isso. 1964. Eu estava com...

Thalita Vitoreli: Vinte e cinco

Geraldo Rocha: Vinte e cinco anos, isso. Foi que eu entrei na.... então foi assim que eu entrei na TV Coroados. Eu nunca tinha entrado numa emissora de televisão. Vim conhecer aqui, que eu sou daqui de Londrina. Então, entrei. Curioso e coisa, com muita vontade e adorei a indicação que me fizeram. Eu fiquei muito feliz de poder participar. E cheguei e fui aprender porque nunca tinha visto nada, isso com a orientação do Osvaldo Ribas né, o marido da tia Luci. Nossa, ele me orientou muito e eu tive facilidade de aprender. E foi assim que eu entrei na televisão.

Thalita Vitoreli: E no caso da Rádio Alvorada?

Geraldo Rocha: A Rádio Alvorada também foi indicação de um amigo né. Até ele já é falecido: Demétrio Pitarelli. Ele era operador... técnico de som também né, e ele trabalhava na televisão e na rádio e a gente sempre amigo e eu falei que tinha curiosidade pra conhecer rádio. Daí ele falou: Vai lá, a gente trabalha lá, vai lá. E assim eu fui mais pra conhecer e acabei me entrosando, ajudando ele no serviço. Ele ia me explicando e coisa. E acabei ingressando na Rádio Alvorada assim né, por indicação de um amigo.

Thalita Vitoreli: E você começou na Rádio Alvorada quando a rádio também estava começando?

Geraldo Rocha: Estava começando também. Foi em sessenta e cinco. Acho que uns dois meses depois que eu entrei que comemorou-se o primeiro aniversário da rádio. Eu participei do primeiro aniversário da rádio, bem como da televisão também. Eu já tinha participado do primeiro aniversário.

Thalita Vitoreli: Fundou tudo?

Geraldo Rocha: É. Porque quando eu participei do primeiro aniversário quando eu entrei a televisão fazia sete meses que tinha inaugurado. Sou praticamente fundador

né.

T: E sobre a rádio, assim, o que que você lembra do começo dela, da inauguração?

G: A inauguração mesmo eu não participei né. Mas o trabalho inicial... naquele tempo não tinha os recursos de agora, mas a gente trabalhava com disco né. A propaganda era gravada em acetato, aqueles disquinhos de propaganda. Era tudo gravado em disquinhos. A função de técnico era então ser entrosado com o locutor. Tinha os programas musicais, o jornalismo e coisa e a gente participava assim né.

T: E o que que você fez, assim, na Rádio Alvorada? Era operador de som? Você editou também, material?

G: É eu editava. Tinha os programas musicais, tinha os recortes dos jornais né. Então era assim. Depois a época, eu não sei o ano certo, mas veio a época que o Coutinho Mendes assumiu a direção de jornalismo da rádio. Foi ele então que adotou o sistema de jornal editado né, onde todas as entrevistas eram editadas. E eu então, fiz aquela parte de edição de entrevistas. Ficou ao meu cargo. Eu fazia, editava e na hora do jornal ir para o ar eu fazia, eu operava né. Porque naquela época a rádio passou dos disquinhos para o *spotmaster* que foi o primeiro sistema de cartucho que a rádio adotou. Acho que foi a primeira aqui na cidade que adotou esse sistema. E essa edição... eu editava as entrevistas e gravava todo em cartucho. Cada entrevista num cartuchinho. Então era... na hora de ir para o ar a gente tinha um roteiro e seguia.

T: E era um jornal ao vivo?

G: Jornal ao vivo.

T: Bem inovador né?

G: Exatamente, foi super inovador. E foi... então, a edição era ao vivo, o jornal, com dois apresentadores e a gente fazia seguindo o roteiro e sempre encaixando as entrevistas.

T: E esse tipo de coisa não se via, assim, nas outras emissoras?

G: Não, não. Acho que foi a primeira né. Exato. Foi a pioneira, viu. Exatamente. Tanto no sistema de cartucho né, como no sistema de edição.

T: E falando então um pouquinho da cobertura de setenta e oito, o que que o senhor se lembra dessa época assim?

G: Setenta e oito...

T: No caso o meu trabalho é sobre a cobertura de setenta e oito, do senado, que era o José Richa e o Túlio Vargas. Eu não sei se o senhor se lembra, assim, dessa história.

G: Porque a gente na retaguarda ali não se envolve muito. Mas eu trabalhei nesse sistema e eu lembro que a apuração era ali no Grêmio né. E houve, então, aquele... eu não me... houve aquele problema da... acho que era da contagem e coisa.

T: Não tinha muito contato né?

G: Eu não tinha muito contato, mas segundo tudo o que eu vi, o sistema da Rádio Alvorada é que garantiu a contagem correta porque estava havendo alguma coisa errada.

T: E o senhor tinha contato com os jornalistas da época?

G: O que eu tinha era ali, só com o pessoal ali da rádio. A equipe da rádio. Tinha contato com, por exemplo, os repórteres que eram o Salvador Francisco, a Nice Carbonieri, o Coutinho que era o encarregado, a gente tinha contato diário, né, e sempre trocando ideias. Tinha o Alceu Moraes que era junto com o Coutinho. E tinha mais quem... que estava na redação na época? A Eugênia Chaiber.

T: Jair Gazolli?

G: O Jair Gazolli. A Eugênia, atualmente, ela tá... continua na TV Coroados, na RPC.

T: Mas eu acho que ela não participou da cobertura, acho que ela participou depois.

G: Da cobertura não, da cobertura não. Digo depois né.

T: Depois né. Então depois o jornalismo foi bem forte?

G: Foi, foi... o jornalismo...

T: Foi depois de setenta e oito que houve essas mudanças?

G: Exato. Acho que ali que foi o ponto de partida né. Eu lembro que a cobertura de eleições era muito forte da Rádio Alvorada né. A gente... todos se empenhavam né, enquanto não terminava a eleição... a apuração...

T: E o senhor se lembra, assim, de colocar no ar, por exemplo, o locutor falando os resultados. Como que era essa questão?

G: Sim, tinha. Porque aí quando saia os totais, as parciais então eles passavam. A gente estava com a programação normal, ou se não ficava direto transmitindo então era feito um sistema pra entrar. Usava um prefixo, uma coisa, e entrava o apresentador, o locutor de lá né, do local pra passar.

T: Daí o senhor que colocava isso no ar?

G: Sim, colocava.

T: E a questão de equipamento da época... como que era?

G: Na época o equipamento era bem simples. Então as gravações eram em fita de rolo, aqueles gravadores antigos. Isso foi antes de vir o *spotmaster* né. Aí era editado... aquilo era gravado e ficava arquivado né, no caso, conforme a precisão usava.

T: Não sei se o senhor chegou a... você continuou na rádio e tal e editou em outro tipo de sistema assim. Comparando.

G: Não porque ali na Alvorada, enquanto eu estive ali, continuei com aquele sistema. Era esse sistema ainda quando eu sai da rádio. Ainda era esse sistema. Depois na Tabajara também eu trabalhei um pouco lá, foi pouco tempo, um ano e pouco. E era sistema de cartucho também, mas não aquele. Um equipamento já diferente, já mais de sistema de improviso e coisa.

T: E como que era, assim, o clima da redação? Não sei se o senhor tinha muito contato com a redação. Mas o clima, assim, nesse período de eleições? Como era o clima do pessoal... era muito corrido?

G: Corrido era. Trabalhava muito, bastante. O pessoal fazendo escuta em rádios. Telefones. Então tinha os contatos né, os correspondentes de outras cidades. Então toda hora telefone e coisa. E sintonia em emissoras das capitais, por exemplo, pra atualizar né. Dependendo da eleição, se era pra... então era bem corrido. Era um

trabalho muito legal né. E tinha também uma mesa central que cada um trazia ali e ia para o ar.

T: Daí no caso dessa mesa central que entrava, assim, a atuação do contador e do computador?

Geraldo Rocha: Não... computador acho que não tinha mesmo ainda não.

Thalita Vitoreli: Não, ele não ficava na redação. Mas a Exactus participou?

Geraldo Rocha: Ah, sim. Aí já...

Thalita Vitoreli: Daí eles levavam os dados?

Geraldo Rocha: Exatamente.

Thalita Vitoreli: Mas o contador ficava lá com vocês.

Geraldo Rocha: Aham. Tinha né quem ficava totalizando. Reunia toda a equipe né... ali todo mundo entrava, não era só jornalista não. Então, todos os... o pessoal, a equipe da rádio participava né. Muito legal.

Thalita Vitoreli: Ah, eu acho que era isso que eu queria saber. Porque não vou entrar muito nos detalhes da cobertura porque como o senhor falou ficava mais na parte de...

Geraldo Rocha: É. A gente mais na retaguarda né. Então... o que puder... as gravações e coisa a gente ficava lá. Fazia as gravações. Os contatos com os correspondentes aí então vinha alguém do jornalismo e dizia: Ah agora tem fulano na linha vamos gravar e tal. Fazia um plantão de gravação também né. Um estúdio ali só de gravação pra atender essa parte. Teve uma época também que a rádio tinha alguns correspondentes... tinha correspondente nos Estados Unidos, não sei se o Coutinho passou pra você.

Thalita Vitoreli: Ele não passou, mas eu peguei num livro que fala um pouquinho do histórico da rádio. Eles cobriram também quando o Papa veio.

Geraldo Rocha: É, em Medelin. É Medelin?

Thalita Vitoreli: Ah, não lembro.

Geraldo Rocha: Teve aqui e nos Estados Unidos. Os dois foram feitos. Inclusive aqui foi enviado o Nelo Lainetti que era vice-diretor da rádio, jornalista, apresentador né. Ele foi pessoalmente lá. Agora nos Estados Unidos foi através de correspondente de lá, mas foi feito a cobertura também.

Thalita Vitoreli: Daí o senhor ficou até quando então na Rádio Alvorada?

Geraldo Rocha: Eu fiquei até março... maio de 1980.

Thalita Vitoreli: Então esse jornalismo que surgiu depois da cobertura, ele durou muito tempo ou ele foi caindo?

Geraldo Rocha: Não... acho que durou sim.

Thalita Vitoreli: Quando o senhor saiu ele ainda estava?

Geraldo Rocha: Ainda estava sim. Tinha a equipe do Coutinho continuava ainda.

Thalita Vitoreli: E o senhor se lembra de alguma questão, assim, de audiência da rádio. Se subiu nesse período, com esse jornalismo?

Geraldo Rocha: Houve uma melhora sim. Porque no Jornal da Manhã houve uma

melhora grande e teve também, a audiência também deu uma melhorada né. A porcentagem assim eu não sei te dizer, mas que houve melhora, houve sim.

Thalita Vitoreli: Ah, acho que era isso. Daí se surgir mais alguma dúvida de nome de equipamento, alguma coisa, eu volto a te ligar?

Geraldo Rocha: Tá, você me liga sim.

Thalita Vitoreli: Tá... brigadão ta?!

Geraldo Rocha: Nada.

## **ANEXOS**

## **Anexo A – Carta Testamento de Getúlio Vargas**

"Mais uma vez, a forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.

Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre.

Não querem que o povo seja independente. Assumi o governo dentro da espiral inflacionária que destruía os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida.

Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão.

E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate. Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História." (Rio de Janeiro, 23/08/54 - Getúlio Vargas)

## **Anexo B – CD – Entrevistas e Imagens**